

**Considerações sobre a Tradução de Literatura Infanto-Juvenil:
“Lazy Lawrence” de Maria Edgeworth**

Paula de Fátima Tourinho Amâncio Alves Frade

**Dissertação de Mestrado em Tradução
Especialização em Inglês**

Abril 2014

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Tradução - Especialização em Inglês, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Isabel Maria Lourenço Oliveira Martins.

*À minha filha,
pelo impulso para a concretização deste sonho.*

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, a Professora Doutora Isabel Oliveira Martins, pelo entusiasmo e conhecimento transmitido nas aulas, pelas sugestões e apoio na orientação da dissertação.

À minha filha, artesã dos meus sonhos e impulsionadora desta caminhada, ao meu marido, pela motivação e apoio incondicional para ultrapassar as dificuldades que foram surgindo no percurso para realizar e concluir esta dissertação.

Aos meus pais pelo exemplo de resiliência, trabalho e persistência.

À Pamela e a todos os amigos que por muito acreditarem em mim, me ajudaram nesta jornada.

A minha gratidão.

**Considerações sobre a Tradução de Literatura Infanto-Juvenil:
“Lazy Lawrence” de Maria Edgeworth**

Paula de Fátima Tourinho Amâncio Alves Frade

Resumo

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infanto-juvenil; Maria Edgeworth; “Lazy Lawrence”; Tradução de literatura infanto-juvenil; distância cultural e temporal.

Esta dissertação de Mestrado em Tradução pretende, através da análise da tradução de um texto cultural e temporalmente distante – “Lazy Lawrence” (1796), da autoria de Maria Edgeworth, – reflectir sobre a tradução de literatura infanto-juvenil, partindo de alguns pressupostos teóricos. Despertar um texto, com estas características, abre espaço para formular múltiplas hipóteses e retirar algumas conclusões. Na primeira parte, é apresentada a autora em estudo, Maria Edgeworth, seguindo-se uma incursão pela sua obra. Num segundo momento, tecem-se considerações sobre a literatura infanto-juvenil e a sua tradução. Na terceira parte, são apresentadas algumas perspectivas teóricas sobre a tradução, abrindo espaço à reflexão, a partir de uma análise da tradução do conto “Lazy Lawrence”, apontando e descrevendo algumas das opções tomadas, as quais procuram demonstrar as múltiplas questões que se colocam a um tradutor quando tem de lidar com um texto, temporal e culturalmente, afastado da cultura de chegada.

**Considerações sobre a Tradução de Literatura Infanto-Juvenil:
“Lazy Lawrence” de Maria Edgeworth**

Paula de Fátima Tourinho Amâncio Alves Frade

Abstract

KEYWORDS: children’s or juvenile literature; Maria Edgeworth; “Lazy Lawrence”; translation of children’s literature; temporal and cultural distance.

Within the framework of the Masters in Translation this dissertation aims at discussing the translation of children’s or juvenile literature. The starting point is the translation of “Lazy Lawrence” (1796), a text authored by Maria Edgeworth, and one that is quite distant from the target culture either in temporal or cultural terms. The first part of this study includes a depiction of the author’s life and her literary production. Secondly, there is a focus on the framework of children’s literature and its translation. In the third part, and deriving from the translation, there is a reflection on several theoretical approaches as well as the analysis of the several translation problems which the translator has to deal with when translating a text which is distant from the target culture in temporal and cultural terms.

INTRODUÇÃO.....	Erro! Marcador não definido.
CAPÍTULO I.....	3
1. ALGUNS DADOS BIO-BIBLIOGRÁFICOS.....	3
1.1 A IRLANDA CONTEMPORÂNEA DE MARIA EDGEWORTH.....	7
1.2 PRODUÇÃO LITERÁRIA DE MARIA EDGEWORTH.....	8
CAPÍTULO II.....	14
1. BREVE INCURSÃO PELA EVOLUÇÃO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL.....	14
1.2 A LITERATURA INFANTO-JUVENIL: CARACTERÍSTICAS; O TRADUTOR E O SEU LEITOR.....	19
2. O ESTATUTO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL.....	23
2.1 PRÉMIOS LITERÁRIOS, FEIRAS DO LIVRO: CONTRIBUTO PARA TORNAR MAIS CENTRAL A POSIÇÃO DA TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL.....	24
3. A TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL E A TEORIA DOS POLISSISTEMAS.....	25
CAPÍTULO III.....	28
1. ALGUMAS ABORDAGENS TEÓRICAS.....	28
1.1 ABORDAGENS TEÓRICAS DA TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL.....	33
2. RESUMO DO CONTO E APRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS.....	35
3. ANÁLISE DA TRADUÇÃO DO CONTO “LAZY LAWRENCE”. NORMAS DE TRADUÇÃO	38
3.1. NORMAS LINGUÍSTICO-TEXTUAIS. MARCAS CULTURAIS; REGISTO.....	40

3.2. TÍTULO.....	43
3.3. NOMES PRÓPRIOS.....	43
3.4. TOPÓNIMOS, CONVERSÃO DE MEDIDAS E UNIDADES MONETÁRIAS.....	45
3.5. FORMAS DE TRATAMENTO.....	49
3.6. OPERAÇÕES DE TRADUÇÃO.....	50
3.7. OUTRAS CONSIDERAÇÕES.....	57
CONCLUSÃO	59
BIBLIOGRAFIA.....	62
ANEXO 1.....	i-xxiv
ANEXO 2.....	i-xxv
ANEXO 3.....	i-xxvii
ANEXO 4.....	i-ii
ANEXO 5.....	i
ANEXO 6.....	i-iv
ANEXO 7.....	i-ii
ANEXO 8.....	i-iii
ANEXO 9.....	i
ANEXO 10.....	i
ANEXO 11.....	i-iii
ANEXO 12.....	i-xiii
ANEXO 13.....	i
ANEXO 14.....	I

INTRODUÇÃO

To the extent that they require material supports, texts move in time and space. Sitting on library shelves, they move through time; manually, mechanically or electronically reproduced, they can be moved through space; translated, they can move from culture to culture. However, precisely because texts require material supports, their movements are not eternal. Countless millions are lost every day. And since their survival is a complex selective process, it is possible to talk about constraints which, in making it easier for texts to move in some directions rather than others, might be seen as a social conditioning of translation.

The texts that reach the translator do not fall from the sky. They are all Y texts, each with an implicit question-mark asking why it has come from a distanced place, why it is to go to another, and why the ensuing constraints on transfer should be obeyed or subverted in the space of translation. (Pym, 2010:134)

O presente trabalho pretende ser uma reflexão sobre uma área ainda relativamente pouco explorada, nas suas várias vertentes, a da tradução de literatura infanto-juvenil, por sua vez, dentro de uma outra área, igualmente recente — a dos Estudos de Tradução. O ponto de partida para a realização deste trabalho foi a tradução para português europeu do conto “Lazy Lawrence” (1796), da autoria da escritora anglo-irlandesa Maria Edgeworth (1767-1849), ainda não traduzido no sistema literário português.

Seguindo as ideias sugeridas no excerto acima apresentado, sentimos justificada a nossa motivação para a escolha de um texto esquecido na prateleira do tempo. Compreender a movimentação dos textos, quer diacrónica, quer sincronicamente, ou ainda no decorrer da actividade translatória, a viagem entre o texto de partida e o texto de chegada, ajudará a responder às inúmeras questões que se apresentam ao tradutor.

A inspiração encontrada no referido excerto impulsionou este trabalho, contribuiu para formular hipóteses e procurar algumas respostas para questões entretanto suscitadas pelo texto a traduzir. A ideia de que, através de uma tradução, um livro arrumado nas prateleiras do passado, possa ressuscitar e surgir aos olhos de um outro leitor, renascido e actual, numa linguagem contemporânea, é sem dúvida uma imagem quase poética. Há, porém, uma enorme distância a percorrer entre a concretização da ideia e o ideal que a fez nascer. Este movimento coloca a tradução, o acto de traduzir, a nosso ver, num plano de destaque no seio de qualquer sistema literário.

A autora escolhida foi uma das mais eminentes intelectuais da História e da Literatura Anglo-Irlandesa. Apesar da popularidade alcançada, não somente durante a sua vida, mas também após o seu desaparecimento, não se conhecem obras traduzidas

para português. Pelo menos, foi o que pudemos concluir, depois da aturada investigação levada a cabo nos catálogos da Biblioteca Nacional de Portugal, na obra de A.A. Gonçalves Rodrigues, *A Tradução em Portugal*, assim como no catálogo em linha da Biblioteca Nacional do Brasil e em alguns trabalhos de académicos brasileiros (Abreu; Abreu *et al.*)

Após a elaboração de uma lista das obras da autora, organizada cronologicamente, foi seleccionado, para tradução, o conto “Lazy Lawrence”, que aparece inserido na obra *The Parent’s Assistant or Stories for Children*, uma compilação/colectânea de contos com fins pedagógicos, dada à estampa em 1796. *The Parent’s Assistant or Stories for Children* terá surgido sob a influência do seu pai,¹ Richard Lovell Edgeworth, por sua vez, um pedagogo e escritor com algum nome. A escolha deste conto justifica-se, na medida em que é representativo das grandes linhas orientadoras da obra da autora, assente sobretudo nos valores morais e na educação dos mais jovens. Por outro lado, apresenta uma complexidade de desafios para a actividade tradutória. Recorremos às Normas de Tradução propostas por Gideon Toury para a base teórica e refletiremos sobre estas ao longo do nosso trabalho. Segundo a nossa perspectiva a abordagem teórica deste autor fortalece o tradutor, tornando-o mais consciente do seu papel de interveniente sociocultural e de alguma forma, do seu poder de agir sobre o TP. O tradutor encontra nas Normas orientação para enfrentar e ultrapassar os desafios que se apresentam durante todo o processo tradutório.

Num primeiro momento da dissertação, apresentamos uma breve biografia da autora, assim como a contextualização da sua obra, no sentido de proporcionar uma melhor compreensão da sua produção literária, a qual, de algum modo, permitirá enquadrar a narrativa que estará sob escrutínio neste trabalho. Na segunda parte, apresentamos uma breve incursão sobre a literatura infanto-juvenil (doravante referida como LIJ), e reflecte-se sobre a tradução da mesma, analisando-se a sua posição dentro dos sistemas literários, tanto da cultura de partida como de chegada.

Num terceiro momento, reflecte-se sobre algumas abordagens teóricas e contributos dos Estudos de Tradução, designadamente de Lawrence Venuti, Eugene Nida, Christiane Nord, entre outros. Após a análise do texto a traduzir, comenta-se a

¹ Two circumstances must never be lost sight of in speaking of Miss Edgeworth’s writings; the one that[...] it had been suggested by her father; the other, that she wrote throughout with a purpose in view[...] (Zimmern, 1884: 34)

tradução em si, registrando as dificuldades e reflectindo à luz das normas de Gideon Toury, as quais nortearam as nossas escolhas tradutórias.

Desta forma, o objectivo último deste trabalho é o de contribuir para um maior conhecimento desta escritora e da literatura infanto-juvenil, reflectir sobre as especificidades deste género literário, assim como contribuir para sinalizar e compreender os problemas levantados na tradução de obras infanto-juvenis.

CAPÍTULO I

1.ALGUNS DADOS BIO-BIBLIOGRÁFICOS

Maria Edgeworth nasceu a 1 de Janeiro de 1767, em Black Bourton, Oxfordshire, em Inglaterra, sendo a segunda filha da união entre Richard Lovell Edgeworth e Anna Maria Edgeworth. Ficou órfã de mãe aos cinco anos, pois esta faleceu após o nascimento do seu quinto filho. Logo depois do segundo casamento do pai, com Honora Sneyd, mudou-se para a Irlanda com a família, em 1782, ano em que o Parlamento irlandês se tornou independente do Parlamento britânico, passando a legislar com autonomia, embora posteriormente tal fosse anulado.

Maria Edgeworth passou então a viver em Edgeworthstown, County Longford, onde permaneceria até ao fim da sua vida. Entretanto, frequentou a escola para meninas, de Mrs. Lataffieres`s, em Derby, onde terá entrado com oito anos e mais tarde a escola de Mrs. Devis, em Londres, onde esteve até aos 15 anos, altura em que se instalou na Irlanda.

Teve a responsabilidade de ajudar na educação dos seus irmãos mais novos (o pai teve 22 filhos, frutos dos seus três casamentos) e muitos foram os contos que escreveu para esse efeito, contos esses que estavam de acordo com as teorias do seu pai sobre educação. O pai – escritor e pedagogo e inventor – teve enorme influência na sua escrita e trabalharam várias vezes em colaboração². Richard Lovell Edgeworth terá participado na escrita do romance *Ormond*, de 1817, entre outros, e Maria Edgeworth contribuiu, também entre outros, para *An Essay on Irish Bulls*, de 1802, da autoria do

² [...] *Practical Education* [...] This was the first partnership work of father and daughter, that literary partnership “wich for so many years” says Miss Edgeworth “was the joy and pride of my life. (Zimmern,1884:34)

pai. O seu primeiro romance, bastante curto, *Castle Rackrent* (1800), foi editado de forma anónima e, embora não tivesse tido uma recepção entusiasta, acabaria por ter três edições nos dois anos seguintes, assim como inúmeras edições não autorizadas, publicadas em Dublin e nos Estados Unidos, bem como uma tradução em alemão, logo em 1802. (Howard, 2007:xi-xii)

A autora foi entretanto uma mulher de alguma forma emancipada para o seu tempo, tendo efectuado várias viagens por Inglaterra, Escócia, Suíça e França, assim como mantido contacto com algumas figuras importantes do meio literário, como, por exemplo, Mme de Genlis ou Sir Walter Scott. Nunca casou e veio a falecer em 1849.

Os seus primeiros esforços literários aconteceram enquanto assistente do seu pai, a partir de 1783. Apenas com 16 anos encetou uma tradução de *Adèle et Theodore*, de Mme de Genlis, que chegou a ser impressa, apesar de nunca ter sido publicada, devido ao aparecimento de uma outra versão. Seguiram-se alguns trabalhos sob a orientação do pai, consideradas tarefas para lhe proporcionarem a formação devida a uma mulher do seu tempo. Depressa aprendeu a tirar prazer da escrita através dos seus contos infantis, mas não só, como forma de relaxar e de se abstrair do trabalho em que estava implicada, pois a educação dos irmãos mais novos, a gestão da casa e da propriedade, absorviam muito do seu tempo. Mais tarde, estes contos vieram a ser reunidos na já referida obra *The Parent's Assistant*³.

Maria Edgeworth tornou-se uma escritora popular, como comprovam, por exemplo, as inúmeras edições dos seus trabalhos⁴, sendo uma das mais proeminentes romancistas femininas do século XIX, cuja obra compreendeu, tanto romances sobre a Irlanda, ou sobre outros locais, assim como obras para e sobre crianças. Fluente em francês, era conhecida pela sua inteligência, nos salões de Paris, tal como nos circuitos literários de Londres. Visitou Paris inúmeras vezes e, em 1802, foi acompanhada pelo seu pai, seguidor das ideias de Rousseau. Foi muito influenciada pela sociedade e modos franceses. Na sociedade britânica do seu tempo, ser moderno significava fazer “à la française”. Reflexo desta influência são as expressões usadas pelas suas personagens, sobretudo as mais incisivas, que utilizavam expressões em francês para lançarem as suas farpas. Como é o caso de Horace Churchill, um suposto pretendente de Helen, no

³ Título que não foi do seu agrado, «My father had sent the *Parent's Friend* but Mr. Johnson degraded it into the *Parent's Assistant*, which I dislike particular from association with an old book of arithmetic called *The Tutor's Assistant*.»(Zimmern, 1884:29)

⁴ Lista apresentada em anexo. Vide Anexo 3.

romance com o mesmo nome (1834). Procura dizer crueldades com bonitas palavras em francês, como “*mettre du fumier sur nos terres*”, para descrever, de forma velada e negativa, um relacionamento entre um homem muito rico e uma mulher pobre, (1896: 362).

Foi uma pedagoga de renome e não deixa de surpreender que a defesa da educação das mulheres, expressa em obras como *Letters for Literary Ladies* (1795), não tenha sido o suficiente para a salvar do esquecimento e obscuridade em que esta autora veio a cair e onde praticamente tem permanecido até aos dias de hoje, embora tenha havido algumas tentativas para a sua reabilitação.

Tem vindo a ser reconhecida como precursora do romance regional e como escritora de contos infanto-juvenis, de cariz didático, em que aparecem, como personagens, crianças reais. Teve uma longa carreira como educadora/pedagoga e, presentemente, os seus trabalhos fazem parte do currículo de cursos de Estudos Irlandeses, Estudos Femininos, Romantismo e Literatura Infantil. Os trabalhos mais recentes sobre Maria Edgeworth têm vindo a revelar que, no desenvolvimento da sua carreira, embora mantivesse uma perspectiva didática, moralista e conservadora, esta foi acompanhada por algumas posições de maior abertura. (Nash 2006: 581)

Alguns romances de Maria Edgeworth abordam a temática da masculinidade, revelando a sua possível intenção de contribuir para reformular o mundo da política masculina, como, por exemplo, em *Castle Rackrent*, já referido, e *The Absentee* (1812), onde desenvolveu um ideal de masculinidade para o novo século. Durante o período da Grande Fome trabalhou, de forma incansável, ajudando os agricultores arrendatários da sua região, o que também revela as suas preocupações sociais. (*ibidem*:581-583).

O seu papel, como autora que lidou com vários registos literários, está, no entanto, ainda aquém de um reconhecimento adequado:

Similarly, Maria Edgeworth's role as a novelist for child readers has been insufficiently recognized. Praised by W. B. Yeats in 1891 as the most “finished and famous” Irish novelist, she proves herself “a thorough mistress of multiple discursive practices. (Hunt 1992: 57



Fig. 1. *The Edgeworth Family* by Adam Buck, 1787. Cedido por Michael Butler, 2005. National Portrait Gallery London



Fig.2 **Maria Edgeworth**, daguerrotypo de Richard Beardda, 1841. Doado por Misses Butler,



Fig. 3 **Maria Edgeworth**, 1808. Doado por Ernest E. Leggatt, 1914. National Portrait Gallery London

1.1 A IRLANDA CONTEMPORÂNEA DE MARIA EDGEWORTH

O século XVIII foi marcado por reivindicações por parte dos protestantes irlandeses, com a pretensão de diminuir o controlo da Coroa Inglesa, culminando com a ocorrência, em 1798, de uma revolta que forçou a Inglaterra a tomar uma posição de força, conduzindo à formação do Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda, em 1 de Janeiro de 1801 (*Acts of Union*). Esta união veio aprofundar a rivalidade entre católicos e protestantes e as constantes agitações sociais levaram a Irlanda à pobreza, agravada pelos anos de fome, que atingiram o auge entre 1846-1851, forçando um grande número de irlandeses a imigrar.

A partir do Acto de União, as nomeações para os cargos que davam o controlo do poder executivo na Irlanda eram feitas pelo Governo britânico. A Irlanda nomeava 105 membros do Parlamento para a Câmara dos Comuns do Reino Unido, e os representantes irlandeses elegiam, entre si, 28 membros para a Câmara dos Lordes, sendo os representantes irlandeses, maioritariamente, senhores das terras ou filhos destes.

Nos 40 anos que se seguiram, os sucessivos governos britânicos lidaram com os inúmeros problemas com que a Irlanda se debatia. A enorme explosão demográfica, o flagelo do desemprego, que afectava três quartos da população e as terríveis condições de vida do povo, contrastavam com os primeiros sinais de florescimento do Estado britânico, fruto da revolução industrial e das riquezas do império. O crescimento da economia foi lento e difícil, os latifúndios e a posse das terras que se mantinham dentro das mesmas famílias foram, talvez, para além das leis anti-católicas, as principais causas desta crise. A maioria da população era católica e vivia em condições de extrema pobreza. Os proprietários das terras eram protestantes, ingleses ou anglo-irlandeses e detinham o poder. Grande parte destes proprietários vivia em Inglaterra e alguns nunca chegavam a deslocar-se à Irlanda. Os antagonismos foram-se agravando entre católicos e protestantes. As constantes convulsões sociais conduziram a Irlanda à miséria, agravada ainda pelos anos de fome. Terão tido início por volta de 1739, quando se perderam pela primeira vez todas as colheitas, o que se viria a repetir no ano seguinte. Até 1800, vários foram os anos de colheitas arruinadas. Nas várias décadas que se seguiram, a situação manteve-se, vindo a culminar nos anos 40 do século XIX, na maior fome de que há memória, naquela que ficou conhecida como uma das maiores

catástrofes de sempre – “An Gorta Mór”, ou “A Grande Fome”. Todo este contexto não poderia passar despercebido a Maria Edgeworth, a qual acaba por, em algumas das suas obras, dar voz a quem a não tinha.⁵

1.2 PRODUÇÃO LITERÁRIA DE MARIA EDGEWORTH

A produção literária da autora assenta, em grande parte, como já pudemos adiantar, na exaltação dos valores morais, com vista à educação dos mais jovens. As suas personagens não são extraídas do imaginário infantil, mas sim de uma realidade percebida pela escritora. Industriais filantropos, nobres generosos, senhoras benevolentes, que viajavam em carruagens, faziam o bem, distribuindo recompensas e reforçando os valores morais povoam as suas obras. As suas narrativas pretendem moralizar e educar, captando o interesse do público com personagens simpáticas e situações familiares, onde o leitor coevo se poderia rever e aprender. Era uma forte oponente dos contos de fadas, argumentando que gigantes, fadas e castelos, corrompiam o gosto e a vontade das crianças e evitavam que estas tentassem melhorar a realidade que as rodeavam: “Why should the mind be filled with fantastic visions, instead of useful knowledge? Why should so much useful time be lost?” (1815: xi).⁶

Maria Edgeworth utilizou o quotidiano como cenário para os seus contos e romances, dirigidos a um público oriundo de vários meios e níveis sociais. Os seus retratos psicológicos realistas, são acompanhados por descrições, igualmente realistas, dos ambientes onde se movem as suas personagens. A utilização de diálogos repletos de referências espirituosas é igualmente uma das características da sua escrita.

Educada sob a égide protestante – Ascendência Protestante –(Sanders,2005:499) a escritora anglo-irlandesa expressou nas suas obras a esperança no futuro, assente na crença de que a aristocracia rural seria capaz de se reabilitar, a si e à nação irlandesa, que estava ainda sob o seu domínio. Os romances de Maria Edgeworth assentavam em observações hábeis, subtis e jocosas sobre a sociedade do seu tempo, revelando os seus

⁵ Até à chegada à Irlanda da *Pythophtora infestans*, só se conheciam duas doenças da batata, a “dry rot” e um vírus conhecido como “cur”. Não há certezas de como a *Pythophtora infestans* terá chegado à Europa, alvitando-se a hipótese de que tenha chegado em navios de carga, vindos dos Estados Unidos, onde esta doença atacava a plantação do tubérculo havia alguns anos. A batata era a base da alimentação dos irlandeses, sendo assim a fome inevitável.

⁶ No prefácio desta obra, Maria Edgeworth expressa a sua opinião sobre os contos fantásticos, afirmando que são uma perda de tempo e desviam o jovem leitor daquilo que é verdadeiramente importante.

pontos de vista, no campo social ou cultural, apoiando-os ou subvertendo-os. Os diálogos são cravejados de referências espirituosas, muitas vezes com o recurso a várias vozes, entre as quais, a da autora, marcada pela sua presença como revisora e anotadora. Ao longo da sua vida, Edgeworth insistiu na veracidade das representações nas suas obras de ficção. (Sanders, 2005:501)

Os romances *Castle Rackrent* e *Ormond* (1817), por exemplo, reflectem as transformações ocorridas na Irlanda, anteriores e posteriores ao Acto de União, de 1801, explorando as cisões históricas na sociedade irlandesa, a problemática da herança, a conversão ao catolicismo de Sir Patrick, um dos membros da família Rackrent, relatando episódios que poderiam possibilitar a análise de uma determinada linha de pensamento.⁷

The Absentee, por outro lado, e a par do que sucedia com a literatura anglo-irlandesa naquele período, como, por exemplo, *J.S. Wifits* e *Modest Proposal*, ou *The Vicar of Wakefield* de Oliver Goldsmith, é escrito para um leitor avisado e informado, capaz de interpretar o sistema de códigos e símbolos referentes ao momento histórico que a Irlanda vivia e que eram apresentados pela descrição de nomes, lugares e preferências. Tal como viria a acontecer mais tarde em *Ormond*, Edgeworth sai em defesa de uma sociedade moderna e civilizada, como solução dos antigos antagonismos, deixando entretanto vislumbrar a sua pouca admiração pela civilização celta ou por um regresso alternativo à ideia da Irlanda antiga. Foi a capacidade de Maria Edgeworth para descrever um quadro realista da sociedade irlandesa em mudança e, de alguma forma, enfraquecer as pretensões dos historiadores mais conservadores, que terá inspirado Sir Walter Scott a regressar ao manuscrito incompleto de *Waverly*, que havia posto de lado. O autor escocês chegou mesmo a afirmar o seguinte:

[Maria Edgeworth] had gone so far to make the English familiar with the characters of their gay and kind-hearted neighbours of Ireland, that she may truly be said to have done more towards completing the Union than perhaps all the legislative enactments by which it has been followed up. (*Apud* Sanders, 2005: 501)

⁷ She produced the first sociological fiction and initiated not only the regional novel, but also prototypes of several genres of American women's writing, the female Bildungsroman and narratives of manners and costumes. Her *Castle Rackrent* (1800) influenced Walter Scott, who produced one text specifically for children, *Tales of a Grandfather* (1827-30), a history of Scotland and of France. (Hunt 1992: 577)

Aliás, Scott confessaria a sua esperança de conseguir o mesmo para a Escócia:

[...] that something might be attempted for my own country, of the same kind with that which Miss Edgeworth so fortunately achieved for Ireland — something which might introduce her natives to those of her sister kingdom in a more favourable light than they had been placed hitherto. (*Apud Sanders, 2005: 502*).

Foi igualmente admirada por Jane Austen que lhe terá até enviado uma cópia do romance *Emma*, quando foi editado pela primeira vez, tendo entretanto convivido com outros grandes nomes da literatura, como Byron ou Lockhart⁸. Desenvolveu uma amizade duradoura com Sir Walter Scott, a qual teve início após a autora ter enviado uma carta dirigida ao “*author of Waverly*”, em Outubro de 1814, onde agradece o elogio que lhe é endereçado no “*Postscript which should have been a Preface of Waverly*”, apesar de por essa altura já existir troca de correspondência entre ambos, como comprovam algumas cartas anteriores a essa data. A amizade incluiu a visita de Maria Edgeworth à casa de Walter Scott:

Even Lockhart – by no means the man for violent or heady enthusiasms – grows quite lyrical when he comes to describe that halcyon fortnight. "August 1823," he writes, "was one of the happiest in Scott's life. Never did I see a brighter day at Abbotsford than that on which Miss Edgeworth arrived there. Never can I forget her look and accent when she was received by him at his archway, and exclaimed: 'Everything about you is exactly what one ought to have had wit enough to dream!' . . . Day after day, as long as she could remain, her host had always some new plan of gaiety. One day there was fishing on the Cauldshields Loch, and a dinner on the heathy bank. Another, the whole party feasted by Thomas the Rhymer's waterfall in the glen; and the stone on which 'Maria' sat that day was ever afterwards called 'Edgeworth's Stone.' (Lawless, 1905:162)

Por outro lado, a amizade e admiração eram recíprocas⁹ e iriam prolongar-se até à morte de Scott, em 1832. Se Scott enaltecia o valor de Maria Edgeworth e dos seus romances, não foi menos admirador das suas histórias e contos dirigidos a um público mais jovem, como se pode ler no comentário de Augustus J.C. Hare, editor de *Life and Letters of Maria Edgeworth*: “When the boy brings back the lamb to the little girl, there is nothing for it but to put down the book and cry.” (1895:55) Os seus contos tinham como propósito ilustrar as ideias defendidas nos seus ensaios, como se pode ler no prefácio de *Moral Tales for Young People* (1801) escrito pelo seu pai:

⁸ John Lockhart (1794- 1854), viria a ser o biógrafo de Walter Scott.

⁹ Como se pode concluir através da carta de Walter Scott para Maria Edgeworth, apresentada no Anexo 4.

In a work upon education[...]we have endeavoured to show that, under proper management, amusement and instruction, may accompany each other through many paths of literature; whilst at the same time, we have disclaimed and reprehended all attempts to teach in play.[...] These tails have been written to illustrate the opinions delivered in “*Practical Education*” (x-xi).

A escritora seguiu este processo criativo ao longo da sua carreira e, embora os ensaios quase tenham caído no esquecimento, eram o ponto de partida para os trabalhos de ficção, pelo que os mesmos são uma parte importante do cânone de Maria Edgeworth, onde há espaço para uma análise mais aprofundada.

A autora interessou-se por várias áreas, vários géneros, desde a tradução, ao teatro, aos contos e ao romance. O seu primeiro trabalho publicado, *Letters for Literary Ladies* (1795), é uma compilação de três trabalhos: dois escritos em forma epistolar e o terceiro em forma de ensaio “*An Essay on the Noble Science of Self-Justification*”, que recorre ao humor para explorar os métodos argumentativos das mulheres.

Como Marilyn Butler aponta na sua obra *Maria Edgeworth: A Literary Biography* (1973), a autora, mais tarde, transforma estas fontes em *Modern Griselda: A Tale* (1805), um texto didático que contrasta duas esposas: Griselda, a esposa tola, e Emmy Granby, a mulher sensata. O conto recorre ao humor e acaba por reflectir os argumentos expostos no ensaio, como o facto de Griselda insistir sempre em ter a última palavra, em todas as discussões com o marido.

Como já referido, tornou-se uma escritora de sucesso, tendo alcançado um enorme volume de vendas para a época, sendo uma das escritoras mais bem remuneradas, ultrapassando largamente Jane Austen e o seu romance, *Sense and Sensibility* (1811). A própria Jane Austen aponta o romance *Belinda* (1801) como “as one of those works that have proved the intellectual power and the wit of the best novels.”(Mullan, 2010: s. p.). Edgeworth manteve um registo dos seus lucros e acreditava que o valor da remuneração dos direitos de autor era a melhor medida do talento e da capacidade de um escritor. No auge da sua fama, em 1814, o ano em que Austen publicou *Mansfield Park*, a autora anglo-irlandesa recebeu mais de 2000 libras pelo seu romance *Patronage*, (1814) isto numa época em que a quantia de 500 libras era uma excelente renda anual para um cavalheiro que tivesse uma família para sustentar.

Justifica-se, neste ponto, a apresentação de uma tabela, (vide anexo 5) com uma lista dos números relativos ao valor das vendas dos seus livros, realizada pela própria autora, com o intuito de consolidar a ideia de que Maria Edgeworth foi, realmente, uma

autora de *bestsellers*. Estes números são acompanhados por uma nota explanatória de Maria Edgeworth, datada de 1842, sete anos antes da sua morte, explicando por que razão alguns livros estão assinalados, como adianta Emily Lawless:

[...] by a star in red ink were the ones written by her after her father's death—the only ones evidently which she regarded as her own exclusive property. For the copyright of these she received three thousand one hundred pounds, with regard to the expenditure of which we obtain the following characteristic explanation: "I spent of this sum in delightful travelling with my sisters to France, Switzerland, Scotland, and England (including nine or ten months' residence in France, and two winters in London), about two thousand pounds. And I had the pleasure of giving to my brothers and sisters and near relatives from copyright of Helen about five or six hundred. M. E., September 1842 (1905: s/p).

Após a morte do pai, em 1817, escreveu muito pouco porque foi, de novo, afectada por um antigo problema nos olhos, o qual a impediu de escrever e ler, durante quase dois anos. Contudo, ainda terminou as memórias do seu pai e supervisionou uma nova edição, em colectânea, dos trabalhos que produzira entre 1822 e 1833. As colecções das suas obras e da correspondência encontram-se na *Bodleian Library*, Oxford, em *Trinity Colledge Library*, em Dublin, no Department of Early Printed Books. Esta última colecção foi cedida por Mary Pollard, (1922-2005) antiga responsável pelo Departamento, particularmente interessada na obra de Maria Edgeworth. Contém um acervo de mais de 10 500 itens e reflecte um período de investigação de cerca de 50 anos em que Pollard se dedicou a coleccionar livros infantis, desde o final do século XVI até 1914. Reúne um vasto número de obras de Maria Edgeworth, sobretudo primeiras edições de *The Parent's Assistant* (1796), *Early Lessons* (1801), *Moral Tales* (1801) e *Popular Tales* (1804). Projectos como a *Open Library*, *Internet Archive*, financiado pela *California State Library* ou *The Hockliffe Project*, da Universidade de Bedfordshire, possibilitam a consulta e a visualização de livros nos seus sítios da internet, com digitalização de exemplares das primeiras edições, constituindo-se como ferramentas de extrema importância para os investigadores. Com o auxílio destes projectos em linha é possível observar muitas das edições dos livros de Maria Edgeworth.

Os livros, cujas imagens das capas se apresentam em anexo (vide Anexo 6) e que foram retiradas do sítio do *Trinity College*, Dublin, fizeram recentemente parte de uma apresentação da *Pollard Collection*, no Department of Early Printed Books, a

estudantes do Mestrado em Literatura Infantil. Foram livros publicados nas décadas de 1880-1890, pela editora George Routledge & Sons, os quais, pela qualidade da sua encadernação, reflectem igualmente a popularidade da autora. Por último, consulte-se o Anexo (7), em que fornecemos uma lista completa da produção literária de Maria Edgeworth.

Como pudemos observar, conquanto de forma sucinta, a obra desta autora compreende três grandes áreas, sendo uma delas a produção de textos para e sobre crianças, de romances dedicados a um público generalista, uma outra que inclui o grupo do que pode ser considerado como os romances ‘irlandeses’ e, por último, os romances dedicados a um público generalista. Deixou assim uma obra vasta, com sucessivas reedições, alcançando vendas que lhe permitiram viver confortavelmente da escrita.¹⁰

¹⁰ Tabela com valores dos direitos autorais das obras de Maria Edgeworth, realizada pela própria autora, vide Anexo 5.

Capítulo II

1. BREVE INCURSÃO PELA EVOLUÇÃO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

A realização desta dissertação assenta numa pesquisa que conduziu a uma viagem pelos primórdios do que denominamos, por generalização, como “literatura infantil” e que não poderia deixar de ser partilhada. Aliás, não seria possível realizar-se um trabalho sobre tradução de literatura infanto-juvenil sem conhecer, pelo menos em parte, este universo. Uma visão panorâmica deste género literário proporciona um entendimento bastante abrangente sobre a sua génese e o seu desenvolvimento¹¹. Permite compreender a visão de vários autores, em diferentes momentos e épocas, levando-nos ao encontro de vários escritores, determinantes para o aparecimento e consolidação do género. Foi-nos possível conhecer novas perspectivas, informações sobre as preferências dos jovens leitores e conhecer muitos nomes relevantes na sua época e que hoje se encontram, quase totalmente, votados ao esquecimento.

Este trabalho proporcionou, também, um circuito pela bibliografia sobre literatura infantil. Obras sobre teoria da literatura, ensaios e enciclopédias, revelaram autores e trabalhos importantes para o estudo desta temática.¹² De um modo geral, a pesquisa efectuada permitiu verificar que actualmente, uma das definições possíveis do livro infantil apresenta as seguintes características:

¹¹ Apresentamos no Anexo 8 uma tabela (não exaustiva) com datas relevantes para a literatura infanto-juvenil e a sua tradução em Portugal e na Europa, com o intuito de enquadrar vários momentos da História das literaturas infanto-juvenis de tradição europeia ocidental.

¹² O seu desconhecimento seria uma lacuna, pelo menos, para os interessados em estudar esta e outras temáticas relacionadas. Autores como F. J. Harvey Darton, (1878-1936), jornalista, editor, historiador, crítico de literatura infantil e o seu livro *The Story of English Children's Books in England* (data), ou John Rowe Townsend (1922), *Written for Children- an Outline of English Children's Literature* (1965), ou ainda, Margery Fisher (1913- 1992) e *Matters of Fact: Aspects of Non- Fiction for Children*, são apenas alguns desses exemplos. Não sendo o objecto de estudo directo deste trabalho, foi contudo inevitável cruzarmo-nos com autores e obras portuguesas, relevantes para a história da literatura infantil em Portugal. Autores como Maria Rita Cadet e *Flores de Infância* (1880), Maria Amélia Vaz de Carvalho e os seus *Contos Para os Nossos Filhos* (1886), Ana de Castro Osório, *Contos Tradicionais Portugueses para Crianças* (1906), Henrique Marques Júnior, *Contos e Coleções de Leitura*, Virgínia de Castro Almeida, *Fada Tentadora* (1895).

They are generally shorter; they tend to favour an active rather than a passive treatment, with dialogue and incident rather than description and introspection; child protagonists are the rule; conventions are much used; they tend to be optimist rather than depressive; language is child oriented; plots are of a distinctive order, probability is often discarded; and one could go on endlessly talking of magic and fantasy and simplicity and adventure. (Hunt 1992:63)

No entanto, e não tomando exclusivamente em conta estas características, têm sido apontadas como iniciadoras deste género de produção literária, obras que tinham sobretudo um carácter moralizador ou didáctico, como foi o caso de *Imitação de Cristo* (1441) ou *Pilgrim's Progress*, (1678).

Só mais recentemente tem vindo a ser alvo de estudos mais aprofundados, por parte de autores como Peter Hunt, com *International Companion Encyclopedia of Children's Literature* (2004) e de Humphrey Carpenter e Mari Prichard, com a obra *The Oxford Companion to Children's Literature* (1999).

O aparecimento da Pedagogia e o aumento da compreensão do fenómeno educativo, no decorrer do século XVIII, e muito por influência das ideias iluministas, permitiu que se desenvolvesse a consciência e o interesse pela criança como ser autónomo. Bettina Hurlimann, no seu livro *Three Centuries of Children's Books in Europe* (1967), ressalva a importância e o pioneirismo da obra *Orbis Sensualium Pictus*¹³, (1658) de Comenius, autor que considera ser o precursor do reconhecimento da criança como indivíduo e que consagra uma nova dimensão à ideia de educação centrada na criança:

[...]Comenius was first and foremost an educational reformer, a campaigner for the schooling of children from all ranks of society, boys and girls alike. He produced a systematic curriculum which included physical training, hygiene, and handicraft. Modern educationists should make him their patron saint, for he demanded three hundred years ago what is only now reaching fulfillment and he committed his ideas to the revolutionary manuals: the *Didactica Magna*, (1657), (*The great system of teaching or The Art of Teaching everybody everything*) and the *Janua Linguarum Reserata*, (*The gate of languages unlocked*), 1631 — both of them books lively with new ideas. (129)

Foi com base no trabalho de John Locke (1632-1704), filósofo inglês, inovador na ideia de que a educação devia ser ministrada de forma agradável e lúdica que John Newbury (1713-1767) — o primeiro editor reconhecido a publicar livros infantis e que veio a

¹³ *Orbis Sensualium Pictus* de Comenius é considerado o primeiro livro ilustrado para crianças. Imagens apresentadas no Anexo 9.

revelar-se fundamental para o desenvolvimento deste género literário — publicou, especificamente, para crianças, o livro *A Little Pocket Book*, (vide Anexo 10), em 1744.

A segunda metade do século XIX ficou conhecida como a idade de ouro da literatura infantil ocidental, com um enorme aumento quantitativo e qualificativo da produção literária para crianças. As temáticas abordadas eram definidas em função do género do leitor. Nos livros “para meninos” predominava a ficção de aventura, com autores como James Fenimore Cooper (1789-1851), Frederick Marryat (1792-1842), William Henry Giles Kingston (1814-1880) e Rudyard Kipling (1865-1936) e, no caso, da literatura “para meninas” esta centrava-se nos temas que se destinavam a ensinar-lhes virtudes e qualidades, próprias do que era entendido como sendo a sua natureza feminina, como a poesia, a música, os preceitos e as boas maneiras. Esta literatura, de autora para leitora, representada por escritoras como Margaret Gatty (1809-1873), Charlotte Mary Yonge (1823-1901), ou Mary Louisa Molesworth (1839-1921), tinha a forma de romances ou de publicação em revistas.

É quase imperioso referir a modernidade e a inovação que, neste contexto, a escrita de Maria Edgeworth trouxe à sociedade do seu tempo. A sua obra extravasou a diferença entre géneros, atendo-se a preocupações mais universais, como as qualidades basilares do carácter humano. A autora destaca-se com uma obra abrangente, do romance para adultos à escrita infanto-juvenil, privilegiando as virtudes e os valores morais do indivíduo, como já referimos. Penny Brown, no seu livro *The Captured World, The Child and the Childhood in Nineteenth-Century Women's Writing in England* (1993), sugere que há uma mudança radical na atitude das escritoras do início do século XIX. Surge um novo olhar em relação à infância, acompanhado de empatia e de observação da criança real, deixando de lado a preocupação meramente moralizadora e didáctica. Dá o exemplo de Maria Edgeworth – “Unlike other writers, Edgeworth makes her child protagonists fairly dynamic and not just passive recipients of instruction. She was certainly breaking new ground in making her young female characters robust and active, independent and self-supporting (23) – assim como de Jane Austen¹⁴ e de Harriet Martineau¹⁵. Estas revelam, nas suas obras, a consciência da importância das experiências vividas nessas idades:

¹⁴ [...] her main concerns are other, notably the fortunes and misfortunes of young women as they come to greater self-knowledge and understanding of others on the only path to personal fulfillment open to them,(28)

¹⁵ “*Five years of youth or, Sense and Sentiment* (1831)[...she contrasts the differing effects of an unconventional upbringing by their widowed father on two young girls”. (32)

The freshness and imaginativeness of childhood perception, the intensity with which the child may experience joy, frustration and sorrow, in trivial matters, and their reactions of wonder, perplexity or indifference to new experiences like birth and death are unique and resistant to adult interpretation.(Brown 1993: 9)

Por outro lado, procuraram contribuir com o seu trabalho para combater a diferença entre géneros, até ali imposta: “it is particular true of women, for whom literature became a valuable means of openly exploring their responses to the gendered identity and roles imposed on young females by society from a very early age”.(Ibidem: 8)

Ao abraçarem a carreira de escritoras educadoras, sobretudo de literatura infantil e juvenil, ficaram votadas a um lugar menor nos cânones literários, contudo, ainda segundo Brown, contribuíram para a divulgação do ponto de vista do universo infantil, interpretando narrativamente as complexidades da experiência e das emoções infantis. É neste campo que, por exemplo, a imagem de feminilidade começa a ser alterada, dado que aparece um olhar mais universalista da criança indivíduo e não de uma ligação a um só género.

A literatura infantil abarca simultaneamente o mundo dos adultos e das crianças, num determinado momento, acabando por reflectir e captar os processos cultural e literário coevos. O hábito de contar histórias às crianças é universal. É através das histórias que estas têm o seu primeiro contacto com o mundo adulto e é com elas que constroem algumas das suas primeiras memórias. Sendo a literatura infantil um ponto de encontro entre o mundo dos adultos e o das crianças, havendo terreno comum, partilhado por ambos e, apesar de os ritos, lendas e contos de fadas serem desde sempre associados à literatura infantil, não é de estranhar que estes também apareçam incorporados na literatura para adultos. As histórias, o contar histórias, sempre desempenharam um papel fundamental no crescimento afectivo e intelectual do ser humano.

Para alguns estudiosos de LIJ, como Bettina Hurlimman, não fora a descoberta feita por Rosseau de *Robinson Crusoe* (1719) e dos contos de Perrault (1695), todo um largo período até meados do século XVIII, teria sido uma enorme página em branco:

Even the first half of the eighteenth century would have been a similar blank - or rather blank - page in the history of children's books, had not Rosseau discovered Robinson Crusoe (first edition, London, 1719), and had not the fairy

stories of Charles Perrault brought in a little sweetness and light from 1700 onward.(1967:xii)

E é, precisamente no século XVIII, que surgem os contos incluídos em *The Parent's Assistant*, de Maria Edgeworth, inicialmente escritos para os irmãos mais novos, pelo que, mais uma vez, fica reforçada a importância da obra desta autora. Quase todos os grandes nomes da literatura inglesa, a partir do fim do século XVIII, escreveram para crianças ou teorizaram sobre esta temática.

No século XIX, a tendência continua com obras clássicas como *The Rose and the Ring* (1855), de William Thackeray, ou *The Children of the New Forest* (1847), de Frederick Marryat. Por outro lado, a literatura de cordel, os “chapbooks”, as “nursery rhymes”, publicadas a partir do século XVIII, eram a leitura ao dispor das crianças e contribuíram para desenvolver o gosto pelo “nonsense”, uma característica muito própria da produção literária para jovens, particularmente em Inglaterra. Catherine Sinclair (1800-1864) constitui um marco neste género, ao introduzir pela primeira vez o fantástico na escrita para crianças, quando em *The Wonderful Storie*, do seu livro *Holidays House: A serie of Tales* (1839), conta a história de um gigante que era tão alto que tinha de subir um escadote para pentear o seu próprio cabelo. Edward Lear (1812-1888) seguiu esta fórmula com grande êxito, com os seus pequenos desenhos humorísticos, acompanhados de um pequeno poema e que viriam a ser conhecidos como “limericks”.¹⁶ Edward Lear e Lewis Carroll (1832-1898) foram pioneiros no uso do registo literário “nonsense”.

Edward Lear and Lewis Carroll — not because they are to be considered as the “Fathers” of nonsense, nor because they are the uncontested grandmasters by whose works other practitioners are frequently tested, but simply because they are the earliest in the chronology of the genre’s history. (Hurlimman 1967:140)

Autores como Coleridge, Charles Lamb e R.Kipling não concordavam com a utilização do conto de fadas para fins moralistas. Por outro lado, Charles Dickens, um dos escritores que mais obras dedicou a um público jovem, manifestou a sua opinião em defesa desta temática no seu artigo “Frauds on the Fairies”, publicado em *Household Words*, o jornal que dirigia:

¹⁶ A Book of Nonsense ,1846.

Frauds on Fairies once permitted, we see little reason why they may not come to this, and great reason why they may *The Vicar of Wakefield* [in Goldsmith's novel] was wise when he was tired of being always wise. The world is too much with us, early and late. Leave this precious old escape from it, alone. (1853: 97)

Desta forma, a importância da abordagem seguida por Maria Edgeworth torna-se ainda mais relevante no seio da produção de literatura infanto-juvenil.

1.2 A LITERATURA INFANTO-JUVENIL: CARACTERÍSTICAS; O TRADUTOR E O SEU LEITOR

A escrita de literatura infanto-juvenil recorre, por norma, à narrativa simples, à utilização do discurso directo e a uma linguagem que se adapte às competências linguísticas da faixa etária do público-alvo. Caracteriza-se pelo respeito das normas e convenções prevalentes na cultura em que é produzida, evitando abordar assuntos ou factos tabu. No caso da obra traduzida a situação é muito semelhante, isto é, também está sujeita às convenções e normas subjacentes à produção de literatura infanto-juvenil do seu tempo. A escolha das obras tem em conta a informação que contém sobre temas não aceites ou inadequados.

O protagonista é, geralmente, uma criança ou um jovem, os enredos são usualmente simples, demonstrando ingenuidade e positivismo, com tendência para finais felizes. Neste género literário, a componente sonora tem de ser tida em conta, sobretudo quando se trata das idades mais jovens. Não só porque facilita a leitura, mas também porque interfere positivamente no processo de captação da atenção da criança e, conseqüentemente, possibilita a aproximação e o gosto por hábitos de leitura.¹⁷ É consensual que a escrita de LIJ exige uma atenção especial, por parte dos intervenientes, pois a criança tem uma percepção do mundo que a envolve, sem ideias pré-concebidas ou preconceitos, estando a formar a sua personalidade e a moldar o seu olhar sobre a que rodeia. Isto exige do escritor, assim como do tradutor (muitas vezes também autor),

¹⁷ Não abordaremos aqui, quer os conceitos relacionados de “readability” e “speakability”, referidos pela primeira vez por Mary Snell-Hornby, na sua obra *Translation Studies: An Integrated Approach* (1995), quer a sua reflexão sobre a importância dos aspectos fonológicos (som e ritmo), em determinadas áreas da tradução, por nos remeterem, sobretudo, para a literatura destinada às idades mais jovens (ainda o pré-leitor) e por não ser esse o âmbito deste trabalho.

sensibilidade e um enorme respeito pela reduzida experiência e consciência crítica do seu potencial leitor.

A literatura dedicada à criança proporciona todo um espaço de desenvolvimento das suas emoções e da sua imaginação. O contacto da criança com a literatura pretende garantir-lhe desenvolvimento social, cognitivo e emocional e contribuir para a sua construção como indivíduo, consciente e participador, com sentido crítico, na sociedade. Segundo Bakhtin, a literatura infantil, por ser um instrumento motivador e impulsionador, habilita o indivíduo, tornando-o um sujeito autónomo, activo, capaz de compreender o meio que o rodeia, intervindo na sua transformação e adaptando-o às suas necessidades (1992:272). A literatura infantil é essencial e basilar para a formação do leitor competente, com capacidade de, no futuro, seleccionar textos, por iniciativa própria, assim como de definir as suas estratégias de leitura.

Por sua vez, a tradução de LIJ também deve e pode contribuir para enriquecer o percurso da aprendizagem e percepção do mundo por parte do jovem leitor. A tradução é um veículo importante na formação de leitores e, mais cedo ou mais tarde, a criança terá a percepção de estar na presença de uma tradução e do papel do tradutor neste processo.

A natureza dialógica da tradução, ou seja, a relação subjacente à tradução, existente entre o tradutor e o seu leitor, leva o tradutor, por sua vez, à posição de um leitor muito especial, pois partilha a sua experiência de leitura, numa língua, com leitores de outra língua. No caso da tradução de literatura infanto-juvenil é ainda mais intensa essa partilha e experiência. O tradutor vai para além da sua função de verter o conteúdo da mensagem do texto de partida, numa outra língua, segue à aventura de perscrutar pelo universo interior do jovem leitor, tentando fazer o reconhecimento das fronteiras, que lhe são desconhecidas ou ficaram há muito esquecidas, do território da sua própria infância. A comunicação entre o tradutor e “child-reader”¹⁸, receptor do trabalho final do tradutor de LIJ, depende da opinião preconcebida e da percepção do adulto sobre a criança, neste caso, a que o tradutor tem sobre as expectativas, sobre a capacidade imaginativa ou o sentido de humor, do seu leitor .

É também importante ter presente que a atitude do adulto perante o livro difere da atitude da criança, a qual num primeiro momento é cognitiva, depois afectiva e

¹⁸ [...] the chronological range (potentially from birth to 16 when child listeners are included) covered by the general term “child reader” - a developmental dimension often ignored in literature on translating for children. (Lathey:2006: 65)

finalmente comportamental, ordem que não é exactamente idêntica à forma como o adulto se relaciona com uma obra literária. Sendo assim parece-nos essencial que o tradutor esteja consciente desta realidade e se questione sobre o seu conhecimento acerca do jovem leitor nas várias dimensões do seu universo cognitivo e dos diferentes estágios de desenvolvimento das suas capacidades e aptidões.

Assim, fará todo o sentido que o tradutor alargue o seu conhecimento a outras áreas, como por exemplo à Psicologia. Alguns psicólogos do desenvolvimento cognitivo, como Jeanne Chall, podem dar um enorme contributo, com o seu trabalho para a forma como o tradutor percebe o seu leitor. As fases de desenvolvimento postuladas por esta autora indicam que a criança atravessa, durante o seu desenvolvimento, seis momentos ou estágios psicológicos, sendo que estes serão determinantes na relação que o jovem leitor terá com os livros, num dado momento.

O conhecimento destas fases pode ser uma ferramenta útil para o tradutor, na medida em que lhe fornece parâmetros para uma melhor realização do seu trabalho, condicionado por tão variados constrangimentos. Passam a enumerar-se as etapas do esquema desenvolvido por Jeanne Chall, onde define os diferentes estágios de leitura:

Etapa 0 - Pré-leitor: (dos 0 aos 6 anos).

Esta fase divide-se em dois momentos, a primeira e a segunda infância. Na primeira infância, até aos 3 anos, o tacto é a primeira via para iniciar o reconhecimento do mundo que a envolve e num segundo momento adquire a capacidade de comunicar, iniciando a fala, o que lhe permite nomear o que a rodeia. Com os objectos adequados e o auxílio de um adulto, poderão propiciar-se as primeiras situações de leitura. Na segunda infância: A partir dos 3 anos. Aumenta a capacidade de interagir com o meio que a rodeia e de comunicar verbalmente, assim como cresce o interesse por actividades lúdicas, o objecto livro e a brincadeira que este pode proporcionar tornam-se importantes. Nesta fase, os livros devem conter, predominantemente, imagens que ilustrem situações e conteúdos para permitir à criança estabelecer uma relação entre a realidade e o mundo dos livros, através da nomeação dos objectos que vai reconhecendo. (1983: 13-14)

Etapa 1 - Leitor principiante (a partir dos 6/7 anos).

A técnica da repetição de elementos deve ser usada para prender a atenção e o interesse do leitor, nesta fase. Começa a sua aprendizagem de leitura e a assistência de um adulto é fundamental para a criação de estímulos. Os livros apropriados para esta fase devem

conter uma linguagem simples, com uma narrativa não muito longa. As imagens devem dominar as páginas, ocupando maior espaço que o texto. As histórias devem estimular a afectividade, as emoções e a imaginação. As histórias divertidas ou onde o bem vença o mal, são do agrado deste leitor. (16)

Etapa 2 - Leitor em desenvolvimento (a partir dos 8/9 anos).

O leitor já domina o mecanismo da leitura, sendo capaz de desenvolver raciocínios complexos. Os desafios e o conhecimento interessam-lhe. Os textos onde existam situações inesperadas ou que expressam humor exercem fascínio sobre este leitor, assim como tanto situações realistas como imaginárias. Os livros devem conter imagens e textos escritos de forma simples para proporcionar uma comunicação directa e objectiva. Os temas devem compreender início, meio e fim e orbitar em volta de um conflito, o que deixará o texto mais emocionante, terminando com o desenlace do enredo. (18-19)

Etapa 3- O leitor espontâneo, dividido em duas fases. Fase A (10/11 anos).

Nesta fase, o leitor consolida a sua capacidade de leitura e concentração. Apreende toda a mensagem expressa no livro e começa a desenvolver a capacidade de abstracção e o pensamento hipotético dedutivo. Atravessa o período da pré-adolescência e as consequentes mudanças. Este leitor é aliciado por histórias onde os valores éticos, os heróis e heroínas que lutam por um ideal estão presentes. Identifica-se com textos que apresentam jovens ou grupos de jovens, os quais procuram o seu lugar e o seu espaço, no meio em que vivem. A linguagem é agora mais elaborada. As imagens não são indispensáveis, porém constituem ainda um forte elemento de atracção. Os mitos e as lendas, policiais, romances e aventuras são do seu agrado. Fase B (12/14 anos). - Leitor crítico - O leitor domina a leitura e a linguagem escrita. Aumentou a sua capacidade de reflexão e a sua consciência crítica, em relação ao mundo, continua a interessar-se pelos tipos de leitura da fase anterior, porém, deve agora iniciar a incursão em obras literárias mais complexas. (20-22)¹⁹

Etapa 4 -Leitor com pontos de vista diferenciados (14 aos 18 anos).

¹⁹ Consideramos que os estágios zero, cinco e seis não são relevantes para a nossa temática, contudo são aqui apresentados para completar a informação sobre a abordagem de Chall e a sua importância para a tarefa da tradução de LIJ.

O leitor confronta vários pontos de vista, constrói novos conceitos que acrescenta aos apreendidos anteriormente. A educação formal, o estudo de manuais escolares e a leitura de ficção e de alguma informação, contribuem para o amadurecimento. (23)

Etapa 5- Construção e reconstrução- Visão do mundo (a partir dos 18 anos). De acordo com Chall, o conhecimento passa a ser qualitativo, mais do que quantitativo, com leituras direccionadas para um campo específico. Em função das preocupações do individuo, a leitura da obra pode ser iniciada do princípio, do meio ou do fim. Também este estágio não é atingido por todos ao mesmo tempo. (23-24). (tradução nossa)

Afinal, sendo a tradução é uma actividade interdisciplinar, onde actualizar constantemente o conhecimento que permita ao tradutor estar cada vez mais preparado para exercer a sua actividade, consideramos que estas considerações são importantes para qualquer tradutor de LIJ.

2.O ESTATUTO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

A literatura infanto-juvenil tem sido geralmente marginalizada por ser uma leitura de transição ou de preparação e os autores deste género literário olhados com condescendência, por escreverem para crianças, considerado um público menos exigente. Logo, o seu trabalho não terá a mesma relevância que a da obra do escritor para adultos. Mesmo em alguns espaços do mundo académico, a literatura infantil não é levada muito a sério: “[...] there are understandable reasons for the tendency to regard children’s literature as the ‘Cinderella of Literary Studies’ and these include the fact that children’s literature has tended to remain uncanonical and culturally marginalized. (Lathey, 2006: 18). Ainda de acordo com Peter Hunt “Just as the literatures of colonial countries have had to fight against a dominant culture, so children’s literature (as a concept) has had to fight against the academic hegemony of “Eng.Lit.” to gain any recognition.” (*Apud* Lathey: 18)

Assim, a LIJ ocupa, por norma, um lugar periférico dentro do polissistema literário. Neste lugar periférico, onde muitas vezes se encontra este tipo de literatura, vários são os casos de obras que, por se tornarem clássicos para crianças, perderam o seu lugar no sistema literário adulto. Neste sistema literário passou a pertencer ao cânone como um

texto de “literary heritage”, enquanto na literatura infantil continua ser um “texto com vida”. (Apud Lathey:29)

Porém, há que ter em consideração que o estatuto da literatura infanto-juvenil tem vindo a aumentar e a sua posição está cada vez mais próxima do centro, conforme parece provar a crescente publicação de livros para esta faixa etária, com que nos cruzamos nas livrarias e outros espaços comerciais, escritos por autores de literatura para adultos, e isto pode constatar-se em ambas as culturas aqui em análise. Por outro lado, um outro fenómeno, o da leitura por adultos de obras prioritariamente escritas para jovens – por exemplo, toda a série *Harry Potter*, de J.K. Rowlings – parece apontar para o esbatimento de fronteiras entre leitor adulto e jovem.

2.1. PRÉMIOS LITERÁRIOS, FEIRAS DO LIVRO: CONTRIBUTO PARA TORNAR MAIS CENTRAL A POSIÇÃO DA TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Está à vista de todos o crescente interesse na LIJ seja por parte dos Estudos de Tradução, público em geral, jovem leitor e de outros agentes, editores, pais e professores e conseqüentemente na tradução da mesma.

Iniciativas, como as da Feira do Livro de Frankfurt ou da Feira do Livro de Bolonha,²⁰ vieram ajudar a consolidar a importância do universo literário infanto-juvenil e oferecer perspectivas a livreiros e editores e, conseqüentemente, aos tradutores, de contactarem com obras infanto-juvenis dos quatro cantos do mundo, assim como promover a circulação destas obras através de várias culturas. Promovem a leitura, dando oportunidade a mais crianças em aceder e contactar com vários géneros literários, começando a consciencializá-las, ainda que de forma indirecta, para a presença e a relevância do tradutor em todo este processo. Estas feiras fomentam e facilitam os primeiros passos para a partilha e disseminação internacional dos livros como, por exemplo, a escolha dos livros com interesse para tradução nos vários países e culturas.

Muitas são as iniciativas que, a nosso ver, contribuem para este processo de valorização da LIJ e da sua tradução como, por exemplo, a *International Youth Library*, de Munique e *The Hans Christian Anderson Awards*, considerado o prémio de literatura

²⁰ Tabela com lista de prémios e feiras do livro infanto-juvenil (Vide Anexo 11)

e ilustração infantil, de maior prestígio, muitas vezes equiparado ao Prémio Nobel. A *International Youth Library* de Munique surgiu em 1949, com a finalidade de criar uma colecção de obras literárias infanto-juvenis, de todo o mundo, a qual possibilita, às editoras/editores e agentes literários, a consulta de livros infanto-juvenis com interesse para possível tradução e publicação, tendo já o seu acervo ultrapassado as 400.000 unidades. Neste contexto, é inevitável fazer referência a *The International Board on Books for Young People*, organização internacional sem fins lucrativos, que protege a literatura infantil e promove acções de valorização da criança, através da leitura.

Esta organização é representada em Portugal pela Associação Portuguesa para Promoção do Livro Infantil e Juvenil (APPLIJ) e instituiu o Dia Internacional do Livro Infantil, em 1967, celebrado anualmente a 2 de Abril. Muitas outras referências poderiam ser feitas no âmbito desta panorâmica (por exemplo, o Salão do Livro e da Imprensa para a Juventude, de Montreuil, em Paris, ou a Feira de Livros, de Madrid), apresentada com o objectivo de demonstrar o nosso ponto de vista, ou seja, o de que a LIJ tem vindo a adquirir um estatuto que a afasta da periferia dentro do polissistema literário.

3.A TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL E A TEORIA DOS POLISSISTEMAS

[...] in spite of the fact that translations, as a rule, are of even greater importance in children's than in adult literature [...] children are not interested in a book because it is a translation, as may be the case for adults, but in the power of narratives as "adventure story, fantasies and so on, just as if the books were originally written in their own language [...] (Lathey 2006:1)

Traduzir exige equilíbrio e intuição para detectar e ultrapassar dificuldades. Traduzir LIJ exige do tradutor ainda uma maior responsabilidade, reflexão e sensibilidade. O tradutor de LIJ ocupa uma posição difícil, pois tem de considerar as capacidades cognitivas e linguísticas dos jovens leitores e, simultaneamente, os princípios teóricos da tradução. Assim, pode considerar-se que o receptor é um importante factor extratextual a ter em conta, em qualquer abordagem teórica à tradução de LIJ. A consciência da importância do receptor do texto de chegada, em detrimento da mensagem do texto de partida, conforme é defendido pelos funcionalistas, pode induzir o tradutor a realizar alterações ao TP, aproximando-se bastante mais a uma adaptação

do que a uma tradução propriamente dita. A adaptação pode ocorrer, também, dentro da mesma língua, servindo propósitos muito idênticos aos da tradução. Reiss, por exemplo, sustenta a necessidade de existir uma base teórica, com princípios específicos, para a tradução de literatura infanto-juvenil, defendendo a adaptação, as traduções livres e a localização, devido a três características do leitor-criança: Conhecimento exíguo do mundo; Experiência limitada de vida; Competências linguísticas ainda não desenvolvidas.²¹ (tradução nossa)

Esta autora analisa os problemas próprios da tradução de LIJ à luz da tipologia de textos. Afirma que se encontram na LIJ textos informativos, expressivos, e operativos, mas que a prosa ficcional e os contos de fada pertencem sobretudo aos textos expressivos, embora admita que o principal desiderato é o de manter a mesma impressão no leitor de chegada e, desse modo, algumas concessões poderão ter de ser feitas em relação à expressividade do TP. (*Apud* Lathey, 2006:61)

Mais recentemente, Zohar Shavit aprofundou e desenvolveu a Teoria dos Polissistemas, de Even-Zohar, para aplicação à tradução de LIJ, seguindo uma abordagem semiótica. Para tal, apontou cinco características/ parâmetros para diferenciar a tradução de LIJ:

1.Adopção de modelos existentes; textos em formatos próximos de modelos da CP, que não existam na CC, podem ser alterados; estas alterações consistem sobretudo em apagar, omitir elementos para ajustar aos modelos existentes na cultura de chegada.

2.Integralidade dos textos; é permitido ao tradutor manipular a totalidade do TP, para o adaptar, quer ao nível de compreensão da criança, quer às normas morais vigentes na CC.

3.Nível de complexidade do texto; simplificação dos textos, como é o caso dos textos ambivalentes, que se movem entre sistemas literários, o sistema literário para adultos e o sistema literário para crianças.

4.Adaptação ideológica: textos são instrumentos de transporte de ideologias.

5.Normas linguísticas: por razões didáticas, considera ser desejável elevar o registo a fim de enriquecer o vocabulário da criança. (Shavit,1981:171-179) (nossa tradução e síntese)

²¹ Eingeschränkte Weltkenntnis; Eingeschränkte Lebenserfahrung; Noch nicht voll ausgebildete Sprachkompetenz (Reiss,1982:8)

Por outro lado, Shavit é veemente na sua posição contra a adaptação com fins ideológicos, pois, para esta autora, não há alterações inconsequentes, sendo que a tradução e a adaptação estão separadas por uma linha muito ténue.

Na sua Teoria dos Polissistemas, Itamar Even-Zohar, influenciado pela Semiótica, Sociologia e Estudos Culturais, mas sobretudo pelo Formalismo Russo, vem propor um novo conceito para analisar os factores que influenciam o movimento da literatura vista como canónica e da literatura traduzida. Considera factores culturais, sociais e políticos, dentro dos vários sistemas que condicionam e restringem a posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário; “Whether translated literature becomes central or peripheral, and whether this position is connected with innovatory (“primary”) or conservatory (“secondary”) repertoires, depends on the specific constellation of the polysystem under study.” (2004:192).

Para Even-Zohar os sistemas estão inter-relacionados, existe hierarquia entre eles, estando uns mais interdependentes que outros. Desta forma, Even-Zohar apresenta uma concepção dinâmica da própria tradução: “[...] translation is no longer a phenomenon whose nature and borders are given once and for all, but an activity dependent on the relations within a certain cultural system.” (2004: 51) ???

A literatura traduzida e a literatura infanto-juvenil ocupam tradicionalmente uma posição periférica no sistema literário. No caso particular da literatura traduzida, a sua posição pode ser, em alguns casos, mais periférica, noutros, mais central, como também defende Even-Zohar:

(a)When a polysystem has not been crystallized, that is to say, when a literature is “young”, in the process of being established; (b) when a literature is either “peripheral” (within a large group of correlated literatures) or “weak”, or both; and (c) when there are turning points, crises, or literary vacuums in a literature. (2004: 194)

Even-Zohar chama ainda a atenção para o facto de a própria tradução literária ser estratificada, ou seja, dentro das traduções produzidas, algumas ocupam um lugar de maior importância, como, por exemplo, quando a LP do texto é uma língua de uma cultura mais forte central. O autor vai mais longe e afirma que a posição ocupada pela literatura traduzida dentro do polissistema literário vai influenciar a escolha das

estratégias de tradução. Quanto mais periférica é a sua posição, maior será a tendência para domesticação pela cultura dominante, pois não influencia aquilo que o autor definiu como “repertório”, ou seja, o conjunto de regras e modelos vigentes na CC.

Após pesquisa em várias livrarias e de uma análise geral e necessariamente breve de obras infanto-juvenis traduzidas para português, constatou-se que a incidência da domesticação de textos é mais acentuada apenas nos livros para leitores de menor idade. Nesta pesquisa, foram ainda encontrados sinais de uma estratégia de tradução estranhante, nas traduções para a faixa etária dos 7 aos 10 anos²², a faixa a que, segundo a nossa opinião, se destina o conto “Lazy Lawrence”, não havendo tanto a preocupação do tradutor em evitar causar estranheza ao jovem leitor, levando-o por um caminho de aproximação à outra cultura.

É possível que este facto seja reflexo da consciência do tradutor relativamente à crescente maturidade do leitor-alvo contemporâneo, optando por levar o seu leitor em direcção ao TP, proporcionando o contacto com a cultura do outro. O jovem leitor da actualidade tem talvez maior capacidade de apreender informação, fruto do seu contacto precoce com os meios audiovisuais e informáticos, mas não só, como poderemos ver de seguida.

CAPÍTULO III

1. ALGUMAS ABORDAGENS TEÓRICAS

Durante todo o processo da tradução o tradutor é, constantemente, assaltado por dúvidas e inseguranças. Mantém-se vigilante e atento, para se assegurar que garante a equivalência da mensagem do TP no TC, não obstante existirem várias opiniões dissonantes sobre esta posição. O tradutor procura realizar uma obra que reproduza no leitor da LC, o mesmo efeito que o TP causou no leitor da CP, ou seja, concretizar a tradução de forma a dar espaço e autonomia ao leitor da LC, para que, através dos seus

²² Segundo a forma como está organizada a literatura infanto-juvenil nos espaços comerciais e livrarias, as faixas etárias dividem-se em: 4 aos seis anos; 7 aos nove e literatura juvenil. Do nosso ponto de vista, esta categorização não reflecte a realidade dos interesses do “child-reader”.

olhos, possa sentir aquele outro mundo, apreciando as diferenças, mas vivenciando eventualmente as mesmas emoções. Esta constatação abre caminho para se reflectir sobre várias abordagens teóricas sobre tradução, possíveis orientadoras do trabalho do tradutor.

Com Christiane Nord, o TC alcança uma posição de primazia em relação ao TP. Porém, a sua visão funcionalista é menos radical do que a de Katharina Reiss ou Hans Vermeer.²³ Para aquela autora, o TP não é uma mera proposta de informação, deve existir compatibilidade entre a finalidade da tradução e as intenções do autor, salvaguardando todos os intervenientes deste processo: o iniciador e o receptor de chegada, o autor de partida e o tradutor, enquanto mediador. Nord vem propor que é necessário determinarmos a função da tradução. Para tal, apresenta um modelo composto por factores extratextuais e intratextuais, para determinar o que é importante em relação à função e efeito da tradução. Os factores extratextuais para uma análise textual relevante para a tradução são: o emissor e as suas intenções, o receptor, o meio de transmissão, o lugar, a época e o motivo da comunicação. A estes juntam-se os factores intratextuais que passamos a descrever: a temática, o conteúdo, as pressuposições, a estrutura textual, os elementos não-verbais, o material lexical, os recursos morfosintácticos e os traços supra-segmentais. Do entrecruzamento da soma destes dois factores resulta o efeito/função da tradução.

Porém, a tradução de LIJ coloca, para além destes factores, desafios ao tradutor, tais como ajustar-se às capacidades linguísticas e cognitivas ainda em desenvolvimento do leitor-alvo e, simultaneamente, aos procedimentos das teorias de tradução desenvolvidos com o fim de solucionar problemas apresentados pela tradução de literatura para adultos, que apresenta especificidades distintas da tradução de LIJ. Ainda com os autores funcionalistas encontramos Reiss que formulou uma abordagem teórica à tradução de LIJ. (Reiss 1982:7-12) A partir do modelo de Vermeer, composto por um emissor (autor) e um receptor (leitor do TC), com o tradutor no centro desta equação, numa posição ambivalente, de início como receptor e, durante o acto translatório, como emissor, Reiss alarga este modelo para aplicar à LIJ, criando grupos intermediários e relacionando-os com a sua tipologia de textos.

Dependendo dos constrangimentos que o tradutor tiver de enfrentar, tais como a percepção do público-alvo ou os parâmetros impostos pelo cliente/editor, o tradutor irá

²³ Hans Vermeer, proponente da “Skopos theory”.

enveredar em direcção à domesticação ou ao estranhamento. Vem de longe a dicotomia entre estas duas estratégias. Com Cícero, o tradutor podia seguir dois caminhos, *ut enterpres*, o intérprete deve ser literal, proximidade ao TP e *ut orator*, o tradutor é livre de reinventar e dar uma nova vida ao texto. Mas é com Friedrich Schleiermacher (Venuti,1995:19-20) que se inicia verdadeiramente a oposição dos conceitos, estrangeirização/domesticação, que outros teóricos entretanto desenvolveram. Jiří Levý (Pym, 2010:66) postula o binómio “Ilusory”, ou seja, textos que dão a ilusão de que não são traduções, e “Antiilusory”, aqueles textos que mostram ser traduções. Juliane House (1997:7) cria a oposição “Overt Translation”, uma tradução claramente realizada em adequação ao TP e “Covert Translation”, em que existe domesticação do TP, a tradução tem estatuto de original, pretendendo reproduzir a função do TP num contexto linguístico e cultural diferente. Nord, (2007:47), por seu turno, propõe a Tradução Documental, i.e. reproduzir a acção comunicativa entre o emissor e o receptor do TP, remete assim para a tradução estranhante vs tradução instrumental, a qual visa servir de instrumento numa nova acção comunicativa, entre emissor e receptor do TC, sendo o texto adaptado às convenções de chegada. Gideon Toury (1995:57) opõe os princípios de adequação e aceitabilidade. O primeiro determina o grau de proximidade ao TP, o segundo está virado para o texto e a cultura de chegada.

Lawrence Venuti, na sua obra *The Translator's Invisibility: A History of Translation*, analisa a dualidade das abordagens à tradução, orientadas para o TP ou para o TC e refere a sua preferência pelo método de estranhamento, justificando-a por propiciar a visibilidade, quer do TP, quer do tradutor, propondo a resistência à fluência, para fortalecer a presença do tradutor. (2004:12)

Também o paradigma da equivalência tem uma longa tradição de posições antagónicas e parece ser um conceito determinante, sobretudo, no que respeita à tradução de LIJ. O conceito de equivalência é visto à luz de muitos critérios, parâmetros e abordagens teóricas da tradução. O conceito de equivalência é fulcral para Verner Koller. Para este autor, a equivalência está nas relações entre textos e enunciados reais e não entre as LP e LC. Formulou cinco tipos de equivalência (*Apud Hatim, 2004:50-51*):

- 1. Equivalence** is said to be fully achieved if SL and TL words happen to have similar orthographic features. This the ultimate **formal equivalence**, where a SL form is strictly replaced by an identical TL form[...]

2. When **formal equivalence** proves either unattainable or insufficient we tend to aim for the next level of **referential** or **denotative equivalence**. Here, a SL form is replaced by a TL form that basically refers to the same “thing”.
3. For a variety of linguistic, rhetorical and cultural reasons, the **referential** option may not do justice [...] we should seek equivalence at the next level of “similarity of association”. This is **connotative equivalence** [...]
4. The **connotative** option goes some way towards a solution of the problem [...] we should seek **equivalence** at the higher level of textual context and aim for so-called *text-normative equivalence*. Textual norms are conventions which go beyond **connotations** and which enable us to work with the kind of language that is typical of a certain kind of text, a mood of writing, a certain attitude, etc.
5. To achieve similarity of effect and cater for reader expectations is to attain full pragmatic or dynamic equivalence.

Eugene Nida é outro autor que trata a equivalência como questão central para a tradução: “[...] the relationship between receptor and message should be substantially the same as that which existed between the original receptors and the message.” (1964:159). Na sua abordagem, apresenta dois tipos de equivalência, a formal e a dinâmica. A equivalência formal centra-se na forma e conteúdo da mensagem e nas correspondências a instituir entre a LP e a LC, muito virada para a estrutura do TP. A equivalência dinâmica por seu lado aponta para a relação entre a mensagem e o receptor. Para Nida esta relação é conseguida quando o efeito provocado no receptor da mensagem do TC é semelhante ao efeito criado no receptor do TP.

Para Nida, no entanto, é prioritário alcançar a correspondência de significado, “correspondence in meaning must have priority over correspondence in style” if equivalent effect is to be achieved” (*Apud* Venuti, 2004:129). A equivalência dinâmica põe enfoque na reacção do receptor e ambiciona alcançar a completa naturalidade de expressão na língua, cultura e contexto de chegada. Não abre caminho para que o receptor compreenda a CP. Esta abordagem considera fundamental adaptar a gramática, o léxico e o contexto cultural para atingir “naturalidade”, para que o TC não revele interferências ou cause estranheza no leitor de chegada.

Contudo, para os funcionalistas, a equivalência tem ainda uma outra interpretação. Nesta abordagem à tradução, equivalência significa que o TC serve a mesma função comunicativa que o TP, sendo este conceito reduzido à equivalência

funcional. Estes teóricos consideram ainda uma outra perspectiva, a da equivalência compensatória, ou seja, o que se perde num determinado passo, compensa-se noutro.

Outro teórico que definiu equivalência e para quem este é, também, um conceito central é Anthony Pym. Este autor veio dar nova vida à questão da equivalência, menorizada até há algum tempo, por outros estudiosos. A equivalência é uma troca de valores, expressa na relação entre dois textos, a qual é determinada pelo tradutor. Acrescenta que o tradutor deve contribuir para o movimento entre culturas, menorizar as distâncias e tem de ser invisível, para que haja equivalência. A equivalência pode ocorrer em quantidades diferentes, “Equivalence would seem to behave quite differently in each of these situations, basically because the quantities involved replace the translator in different ways” (2010:73) e define quantidade como: ritmos textuais e distribuição dos textos nas páginas do livro. O autor define quatro estratégias de tradução com diferentes graus de equivalência:

- A tradução directa - equivalência absoluta.
- A apresentação dupla - equivalência forte, a tradução sai valorizada porque é legitimada pelo TP.
- A apresentação única - equivalência fraca. O TC é apresentado sozinho, só é possível a comparação através das omissões ou expansões. Segundo Pym, é preferível incluir a informação adicional dentro do próprio texto, em vez de notas de rodapé, as quais causam interferências.

Este autor considera ainda uma estratégia que, em sua opinião, pode levantar alguns problemas ao leitor do TC:

- As múltiplas apresentações – ou equivalência contraditória, que confunde o leitor, com várias hipóteses de tradução, vários textos, lado a lado. (2010: 73)

Gideon Toury, por seu turno, estabelece um conjunto de normas que determinam o tipo e extensão de equivalência da tradução, dá primazia à cultura de chegada e às normas de tradução em vigência, relegando para segundo plano o texto e a cultura de partida.

Pode retirar-se desta reflexão que a equivalência, apesar de olhada com várias perspectivas, é um requisito essencial para que se cumpra o fim a que se destina a tradução. Quer se trate de equivalência comunicativa ou de equivalência textual, atingida em maior ou menor grau, o paradigma da equivalência parece-nos ser o veículo para alcançar o êxito da tradução e dos seus objectivos.

1.1 ABORDAGENS TEÓRICAS DA TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Never has there been a greater demand to be able to read books from other areas of the world [...] children need to read the best literature other countries have to offer. We must meet this challenge by respecting and providing the best in translations or they will be cheated out of part of their global heritage [...] (Hunt 2005: 521)

Também neste ponto da dissertação e antes da análise, propriamente dita, da tradução por nós efectuada, impôs-se contextualizar e ponderar, recorrendo ao trabalho de alguns estudiosos da tradução de LIJ.

Göte Klingberg (1986:10) define quatro finalidades da tradução de LIJ, as quais reúne em dois grupos: 1.º Promover contacto com ambientes e culturas diferentes; Proporcionar à criança maior acesso a livros. 2.º Aumentar e consolidar valores no leitor; Dar aos leitores textos compreensíveis apesar da sua falta de conhecimento.

Estes grupos são opostos, visto que o primeiro propicia a aproximação ao TP e o segundo pode levar a uma revisão e/ou alteração no TC. Autores e tradutores, agentes envolvidos no processo de tradução de LIJ, concordam que um dos maiores contributos da tradução de LIJ é a aproximação e a compreensão do outro e da diferença, ao apresentar novas culturas, sociedades e valores ao jovem e inexperiente leitor. A tradução de LIJ pode e deve ser um veículo para um olhar mais universalista do mundo e, conseqüentemente, de uma forma mais completa de interagir com o outro.

Shavit afirma que o tradutor de LIJ, devido à posição periférica e enfraquecida que a LIJ ocupa no polissistema literário, tem mais liberdade para manipular o texto e tem em mente os dois princípios onde assenta a LIJ:

He is allowed to manipulate the text in various ways, as long as he considers the following principles on which translation for children is usually based.
Adjusting the text in order to make it appropriate and useful to the child, in accordance with that society thinks is “good for the child”.
Adjusting plot, characterization and language to the child’s level of comprehension and his reading abilities. (1981:171-172).

Noutra vertente, Riitta Oittinen chama a atenção para o conceito de fidelidade e avança com uma nova definição, agora adequada à tradução de LIJ. Para esta autora/tradutora, o tradutor é fiel quando se torna visível e consegue assim ser fiel simultaneamente ao

autor do TP e ao seu leitor “that the translator for children, too, should be clearly visible; and that the translator, by being loyal to the reader of the translation, may be loyal to the author of the original” (2000: 69). Esta autora desvaloriza o debate sobre adaptação, pois considera que toda a tradução implica adaptação: “all translation involves adaptation, and the very act of translation always involves change and domestication. The change of language always brings the story closer to the target-language audience” (2000: 6).

Questiona ainda o estatuto do “original”, que, segundo ela, pode também ser visto como uma adaptação. Considera que o autor do TP escreveu e adaptou as suas histórias à criança. Oittinen dá o exemplo de autores como Roald Dahl ou Lewis Carroll, que reescreveram os seus livros, para diferentes públicos, mas há muitos outros casos de textos ambivalentes, que se moveram do universo da literatura para adultos para o da literatura infanto-juvenil, onde passaram a pertencer ao cânone.²⁴

[...] we encounter another interesting phenomenon, the author of the original as rewriter/translator of her/his own books. Roald Dahl, Tove Jansson, and Lewis Carroll have all created versions of their original stories for both adults and children. Sometimes the stories continue to be available in both versions, but often the new versions replace the first texts, as is the case with Jansson’s versions of four of her Moomin stories. This raises the issue of the visibility of translators and translations; publishers should always mention in print what has been adapted, how, by whom, and even why. Readers have every right to know which versions they are reading. (2000:164)

Consideramos abrangente a visão de Oittinen, decorrente, muito possivelmente, da sua experiência enquanto autora e tradutor de LIJ. Da nossa reflexão, assim como da pesquisa realizada, pode concluir-se que, no âmbito da tradução de LIJ, a adaptação dá ao tradutor um lugar de maior poder para tomar decisões, de mais destaque e visibilidade e, conseqüentemente, de maior estatuto, como parece ficar comprovado pelo facto de, no caso das adaptações, o nome do autor dessa adaptação surgir na capa, abaixo do título da obra.²⁵

²⁴ Como é o caso das *Viagens de Gulliver*, de J. Swift e de *Robinson Crusóé*, de D. Defoe.

²⁵ No sentido de trazer ao nosso trabalho alguns dados para uma análise sobre a questão do estatuto da adaptação, bem como de outras questões que nos parecem ser relevantes para a nossa análise, apresentamos o Anexo 12 com entrevista a Alice Veira, autora infanto-juvenil, com vasta experiência em adaptação de obras.

2.RESUMO DO CONTO E APRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS

Como já referido, “*Lazy Lawrence*”, integrado em *The Parent’s Assistant*, editado pela primeira vez em 1776, enquadra-se nos contos infanto-juvenis, de cariz moral e pedagógico que caracterizam o trabalho de Maria Edgeworth. Alheia às tendências pré-românticas onde a imaginação e o gosto pelo fantástico predominam no pensamento e nas várias formas de arte, que vinham a ganhar cada vez mais força, Maria Edgeworth constrói os seus contos assentes nas ideias “rosseaunianas”, transmitidas pelo seu pai. Preenche as suas narrativas com personagens reais, envolvidas em acontecimentos facilmente reconhecíveis na vida do dia-a-dia, numa linguagem simples, com o intuito de passar os valores morais que defende. Coloca as personagens perante dilemas morais e quase sempre surgem os castigos, para que estas compreendam os erros e se corrijam, recorrendo propositadamente tanto a meninas como a meninos, ricos ou pobres, oriundos da cidade ou do meio rural, para que um público bastante vasto se pudesse identificar com as suas histórias. No conto “*Lazy Lawrence*”, serve-se de uma personagem, que não a principal, para dar nome ao título, claramente porque identifica os defeitos e desvios de comportamento que a autora pretende sublinhar e, simultaneamente, torna-o mais apelativo ao leitor.

O conto começa por descrever a paisagem idílica da quinta da viúva Preston, assim como a vida simples e tranquila da vida rural. Apresenta ao leitor, logo no início, esta personagem, caracterizando-a como sendo uma mulher forte e correcta, capaz de enfrentar com dignidade os problemas e dificuldades resultantes da sua doença. Assim, esta personagem, mãe do personagem principal/central do conto, Jem, ensina-lhe pelo exemplo a ser correcto e a encarar as dificuldades. A mãe, de coração despedaçado, tem de vender o seu único bem, o cavalo *Lightfoot*, bom e trabalhador, companheiro de longa data, de quem Jem está encarregado de cuidar, sendo também objecto da sua estima. A narrativa está repleta de descrições que exaltam as qualidades dos intervenientes da história, sobretudo a responsabilidade, a capacidade de trabalho: “It was Jem's business to feed *Lightfoot*, and to take care of him—a charge which he never neglected, for, besides being a very good-natured, he was a very industrious boy.”

(Anexo 1: i)

Após o choque inicial, o rapaz tenta encontrar soluções para que não se venda o seu cavalo. O corajoso Jem não vai desistir do seu amigo facilmente e procura formas de realizar algum dinheiro. Sempre esforçado e prestável, vai sendo recompensado pelas

suas boas acções. “‘Thank'e,' said the man, 'you are a fine little industrious fellow.' Jem, encouraged by the tone of voice in which the man spoke this, ventured to ask him the same questions which he had asked the old woman”. (Anexo 1: iv)

No decorrer do percurso para conseguir amealhar o dinheiro necessário, Jem encontra Lawrence, a personagem que irá corporizar as más acções e o comportamento a evitar. No parágrafo que se segue, descrevem-se e apontam-se as causas para o seu mau comportamento, aproveitando a autora para introduzir os conceitos que lhe parecem certos na educação de uma criança “His father was an ale-house keeper, and being generally drunk, could take no care of his son; so that Lazy Lawrence grew every day worse and worse”. (Anexo 1: iv)

Jem, por seu turno, continua persistente, procurando ganhar algum dinheiro e, quando uma senhora o quer ajudar recompensando-o pelas suas boas acções, não perde a oportunidade e conta-lhe que precisa muito de ganhar dinheiro para ajudar a mãe a pagar a renda e assim não ter de vender o seu cavalo. A senhora, enternecida com a sua história, oferece-lhe trabalho no seu jardim, o que permitirá a Jem alimentar a esperança em conseguir juntar o dinheiro necessário.

Por entre a narrativa, vão-se encontrando descrições e exemplos de comportamento correctos, Maria Edgeworth entrelaça no enredo da história, afirmações como “‘But are you willing earnestly to work?’ said the lady; 'you know there is a great deal of difference between picking up a few stones and working steadily every day, and all day long.’” (Anexo 1:vi) as quais lhe permitem ir exemplificando aquilo que pretende realçar: os valores morais que se devem inculcar na criança, para formar um indivíduo de carácter forte, como se pode ler nos seguintes excertos:

It was late in the evening, and Jem was impatient to get home to feed Lightfoot; yet he recollected that he had promised the man who had trusted him to sell the fossils, that he would bring him half of what he got for them; so he thought that he had better go to him directly; and away he went, running along by the water-side about a quarter of a mile, till he came to the man's house. “...” “There, he shall have that into the bargain for his honesty—honesty is the best policy”...” (Anexo 1:vi)

Mas Jem, apesar de muito responsável, não deixa de ser apresentado como uma criança, que gosta de brincar e conviver com outras crianças. Também neste contexto, Jem aproveita sempre para dar bons conselhos: “for I have been working all day long as hard as a horse, and yet you see I'm not a bit tired, only a little out of breath just now.”

(Anexo 1: viii) Contudo, por não ter maldade, quando provocado por Lazy Lawrence fala-lhe do dinheiro que tem amealhado, despertando a cobiça deste.

Várias são as peripécias que vão acontecendo ao menino indolente que tornam a sua vida cada vez mais miserável. As más companhias levam-no a maus comportamentos, como jogar a dinheiro com outros rapazes e depressa se habitua à vida fácil. Com estes exemplos, Maria Edgeworth pretende sublinhar, mais uma vez, comportamentos desviantes, que contrastam com as qualidades da personagem principal, construindo assim um quadro narrativo onde a pedagogia é o fio condutor do enredo: "Spend your time no more in weeding in my garden, you can employ yourself much better; you shall have the reward of your ingenuity as well as of your industry." (Anexo 1: xiv)

Assim, Jem vai aprender sozinho, depois de muitas tentativas e esforço, a fazer tapetes que venderá com a ajuda da sua patroa e que lhe permitirão realizar mais dinheiro, perfazendo o total do que necessita para resolver o problema da renda evitando a venda de Lightfoot, o seu querido cavalo. Mas, quando finalmente consegue amealhar a quantia necessária, surge Lawrence acompanhado por um meliante, um rapaz dos estábulos, e roubam-lhe as suas poupanças depois de o enganarem. É no último momento do conto, já em sua casa, com a visita da senhora e quando chega o agricultor que vem buscar o cavalo para vender na feira que Jem descobre que foi roubado. O pote que guardava no estábulo com as suas economias havia desaparecido e Jem fica desesperado. Num quadro paralelo, o leitor é informado dos remorsos com que se debate Lawrence.

O desespero de Jem aumenta ao ver que não acreditam nele. Contudo surge uma mulher, a leiteira, que irá dar pistas de quem poderá ser o ladrão. O agricultor e o criado da senhora saem no encalce dos ladrões. Regressam um pouco mais tarde, com os dois cúmplices, passando por entre a multidão que se juntou na casa de Jem. O pai de Lawrence descobre indignado que o seu filho é um dos ladrões e culpabiliza-se por não o ter educado melhor e a multidão pede que se faça justiça. Apesar de ter sido roubado, Jem, cheio de compaixão, pede para que não prendam Lawrence. Porém, os rapazes são castigados para que se emendem e na prisão Lawrence arrepende-se, sensibilizado com a atitude de Jem, que o visita e lhe leva presentes, adquiridos com o dinheiro do seu próprio esforço. Quando sai da prisão, Lawrence transforma o seu comportamento e, para espanto de todos, arranja trabalho e torna-se muito cumpridor, deixando de ser conhecido por preguiçoso, terminando a história com a mensagem pedagógica:"[...]

and, to the astonishment of all who knew him, soon became remarkable for industry. He was found early and late at his work, established a new character, and for ever lost the name of '*Lazy Lawrence*.'(Anexo 1: xxiv)

Maria Edgeworth assenta a sua visão pedagógica na dicotomia Bem/Mal e constrói as suas narrativas para que lhe proporcionem oportunidade de introduzir conceitos, ideias, contrastando os comportamentos inadequados com as atitudes correctas. As suas ideias “rosseaunianas” sobre a bondade inata do homem e da sua tendência para se regenerar, e que a sociedade é que o contamina estão presentes de forma evidente e são mesmo a principal motivação na forma como constrói as suas narrativas e “*Lazy Lawrence*” não é excepção.

3. ANÁLISE DA TRADUÇÃO DO CONTO “LAZY LAWRENCE”. NORMAS DE TRADUÇÃO

A tradução aqui apresentada norteou-se sobretudo pelo trabalho de Gideon Toury. Para este autor, a tradução tem uma dimensão sociocultural e é uma actividade, tal como tantas outras, regida por normas. O autor estabelece um conjunto de normas que regulam o acto translatório e determinam o tipo e a extensão da equivalência da tradução, as quais passamos a descrever:

— **Norma Inicial**, a qual remete para dois modelos de tradução; a) traduções realizadas em adequação, i.e. traduções tendencialmente próximas das normas do TP e da cultura de partida e b) traduções em aceitabilidade, i.e. buscam a aceitação, preferencialmente aproximando-se das normas regentes na cultura de chegada.

— **Normas Preliminares**, relacionadas, por um lado, com a existência de políticas tradutórias na CC, as quais podem determinar, por exemplo, a escolha do texto a traduzir e a tolerância quanto ao da tradução indirecta.

— **Normas Operacionais** dizem respeito às decisões tomadas durante o acto de tradução propriamente dito. Subdividem-se em **Normas Matriciais**: extensão, distribuição, segmentação do TC e em **Normas textuais-linguísticas**: selecção do material a substituir no TP – geral (toda a tradução) e particular (tipo de texto/modo de tradução). As normas preliminares têm primazia sobre as operacionais, contudo isto não significa que não tenham qualquer tipo de relação e, de alguma forma, não se

influenciem e condicionem mutuamente, assumindo que a norma inicial pode determinar este relacionamento. (Toury: 56-60)

Este autor dá supremacia à cultura de chegada e às normas de tradução em vigência, relegando para segundo plano o texto e a cultura de partida. São as normas que determinam o grau e o tipo de equivalência da tradução. O seu carácter descritivo contribui para informar o tradutor das condicionantes a que está sujeito, abrindo caminho para o ajudar a encontrar soluções para a tradução.

A escolha do corpus reporta-nos para as **Normas Preliminares**. O texto foi seleccionado, entre outros que constavam na mesma antologia/colectânea, devido aos desafios identificados logo numa primeira leitura.

Não são muitos os recursos disponíveis ao tradutor que o auxiliem nos vários desafios da tradução infanto-juvenil, nomeadamente quando existe distância temporal ou quando tem de lidar com a simplificação do discurso, necessários em traduções de textos distantes, como é o caso do conto em análise. Sendo assim, o tradutor deve procurar abrigar-se nas teorias de tradução literária, adaptando-as às especificidades da tradução de LIJ e, simultaneamente, recorrer à sua sensibilidade e vivências para ultrapassar os desafios. E foi sob o chapéu das normas postuladas por Toury que encontramos um suporte teórico que serviu de fio condutor ao trabalho.

O texto encontra-se percorrido por ocorrências com marcas culturais e temporais, constrangimentos que nos obrigaram a reflectir e a ponderar sobre a abordagem pretendida. Dentro das Normas Textuais-Linguísticas, encontramos os nomes próprios, as unidades de medida e monetárias, os jogos de palavras, as marcas de oralidade que vieram a revelar-se um enorme desafio, pontos estes que desenvolveremos mais adiante. Outra questão de extrema importância, e que exigiu ponderação, foi a da distância temporal entre o TP e o momento de produção do TC. A opção escolhida para tratar esta questão irá, a nosso ver, marcar toda a tradução.

Manter certas referências temporais, para que o leitor possa sentir marcas culturais e, simultaneamente, o tempo histórico, aproximando-o do texto de partida, leva-nos a uma tradução em **adequação**, mais perto da CP. Esbater a distância temporal e as marcas que possam causar estranheza no leitor é traduzir em **aceitabilidade**, mais próximo do TC e das normas da CC. Não nos restou outro caminho senão tomar decisões e seguir caminhos de compromisso entre os dois pólos da **Norma Inicial**. Em certos momentos traduzir mais em adequação, noutros realizar uma tradução mais perto da CC. Tentámos não perder a intenção da autora na relação entre o TP e o TC,

enquanto procurávamos atender à expectativa do leitor-alvo. Não foram omitidas partes do texto nem houve necessidade de reorganizar os parágrafos. Optámos por manter a equivalência conotativa, pois tínhamos como objectivo levar o leitor do TC a sentir e viver as emoções e as imagens mentais semelhantes às experienciadas pelo leitor do TP. Pretendemos transportar um pouco da realidade extralinguística do TP para o TC, apesar de o fazermos num registo de linguagem mais simplificado, por parecer mais adequado ao contexto cultural de chegada e tendo em conta a faixa etária do público-alvo. Procurámos sobretudo alcançar a equivalência dinâmica, dando menos relevância à equivalência do ponto de vista linguístico. “Equivalence is crucial to translation because it is the unique intertextual relation that only translations, among all conceivable text types, are expected to show.” (Pym, 1995:66).

A nossa tradução foi realizada tendo como finalidade um leitor-alvo na faixa etária compreendida entre os sete e os dez anos, por nos parecer ser essa a idade a quem poderia interessar a narrativa do conto aqui em análise, dado que, de alguma forma, poderia haver identificação com as personagens, pelo menos no que diz respeito às estruturas lúdicas e às relações entre as crianças representadas na narrativa. Para além de ser a faixa etária mais indicada, atendendo à dimensão pedagógica do texto.

A partir de agora passaremos a analisar, co mais pormenor, os vários aspectos do acto translatório propriamente dito.

3.1. NORMAS LINGUÍSTICO-TEXTUAIS. MARCAS CULTURAIS; REGISTO.

A decisão de não traduzir o dialecto, ou de não o adaptar a um dialecto português, ficou a dever-se à opção de encontrar um equilíbrio. Se umas vezes traduzimos em aceitabilidade, outras traduzimos em adequação, proporcionando à criança-leitor o contacto e o conhecimento do outro. Do nosso ponto de vista, seria estranho que personagens que vivem em Inglaterra, nos finais do século XVIII, falassem um qualquer dialecto de Portugal. O dialecto associado ao espaço geográfico e ambiente social criaria um efeito irreal. Colocar personagens de outro tempo, outro lugar, a falarem um dialecto da CC, soaria estranho ao leitor, para não falar da dificuldade de decidir qual o dialecto a usar, de entre as várias regiões rurais, do interior. Do Alentejo?

Das Beiras? Dos Açores, por serem um território insular, tal como a Irlanda e a Inglaterra?

As várias marcas de oralidade foram traduzidas, deixando cair essa particularidade do discurso, pela opção atrás explicada.
TP
I'm to go for 'em to-morrow morning, and I'll be back afore breakfast.' (Anexo 1: i)
TC
eu vou buscá-los amanhã de manhã e estarei de volta antes do pequeno-almoço.(Anexo2: i)

TP
If you don't buy 'em now, ma'am, (Anexo 1 ²⁶ : vi)
TC
(...) e se a senhora não as comprar ²⁷ (Anexo 2:vi)
TP
I don't know how to thank 'em rightly (xv)
TC
Não sei como lhes poderei agradecer o suficiente (xv)

O tradutor, ao ter em atenção o registo de linguagem do TP e ao tomar uma decisão de o manter ou não, deverá ser consistente durante todo o trabalho. O texto, como quase todos os textos de LIJ, está repleto de diálogos entre as personagens e apresenta pontuação nem sempre convergente com a pontuação em vigor na CC. O discurso directo é assinalado por aspas e não há mudança de linha, sendo que por vezes se torna mesmo confuso perceber quem está a falar.

²⁶ Todas as entradas em TP são referentes ao Anexo 1.

²⁷ Todas as entradas em TC são referentes ao Anexo 2.

TP
'No, I can't; I'm busy.' 'Busy,' cried Lawrence, stretching himself, 'you are always busy. I would not be you for the world to have so much to do always.' 'And I,' said Jem, laughing, 'would not be you for the world, to have nothing to do.' (iv)
TC
<p>— Não posso, estou ocupado.</p> <p>— Ocupado?— exclamou Lawrence, enquanto se espreguiçava.— Estás sempre ocupado. Não gostava nada de ser como tu, sempre ocupado com alguma coisa.</p> <p>— E eu, por nada deste mundo, queria ser como tu e passar os dias sem ter nada para fazer — retorquiu Jem, rindo. (v)</p>

Para identificar os diálogos recorreremos ao uso de Travessão, conforme as normas vigentes na LC.

Da mesma forma, para aderir às normas vigentes, as frases muito longas, encontradas ao longo de todo o texto, separadas por ponto e vírgula, no TP, foram divididas e foram criadas orações mais curtas, contribuindo para manter o ritmo do enredo e a fluência do TP.

TP
Jem was not, however, a boy to be easily discouraged; he went to the rocks, and walked slowly along, looking at all the stones as he passed. Presently he came to a place where a number of men were at work loosening some large rocks, and one amongst the workmen was stooping down looking for something very eagerly; Jem ran up and asked if he could help him. (iii)
TC
Jem não desistia facilmente. Foi até às rochas, andando devagar e olhando para todas as pedras que via. Passado pouco tempo, encontrou um grupo de trabalhadores que estava a partir umas pedras grandes e um deles baixou--se, procurando algo avidamente. Jem foi ter com ele a correr e perguntou se o podia ajudar. (iv)

3.2. TÍTULO

Outra questão com que nos deparámos foi a da tradução dos títulos das obras. Caso seja determinante a sua tradução para a melhor compreensão do enredo, será conveniente traduzir e respeitar a mensagem contida no título.

Entretanto, os aspectos extralinguísticos dos títulos podem levantar dificuldades e devem ser tidos em consideração. É importante ressaltar que um dos factores mais importantes e que determina a tradução dos títulos é o aspecto comercial que prioriza os títulos atractivos, muitas vezes em detrimento da mensagem. A venda do livro depende muito de um título apelativo e de uma capa atraente, com o intuito de captar a atenção do consumidor, receptor final do trabalho do tradutor e alvo das expectativas do editor. Na análise do título do conto, “Lazy Lawrence”, encontramos uma figura de estilo, a aliteração. O tradutor tem à sua frente dois caminhos: ou opta por traduzir o título sem aliteração, ou tenta manter a aliteração no TC.

Após alguma reflexão, concluímos que, para se obter um título com o mesmo efeito, mais adequado à faixa etária alvo, teríamos de traduzir em aceitabilidade construindo uma frase onde os constituintes produzissem repetição de sons, alcançando assim a aliteração. Chegou-se por esta via ao resultado final, “As peripécias de Lawrence, o Preguiçoso”, onde a sequência dos constituintes da frase, substantivo, nome próprio e adjectivo, é composta por palavras que causam repetição de sons, para além de poder ser efectivamente mais apelativo, conquanto enganador, visto que o conto trata sobretudo das peripécias vividas por Jem e não por Lawrence, como já tivemos ocasião de referir.

3.3. NOMES PRÓPRIOS

A nosso ver, na tradução de LIJ, a opção por traduzir os nomes próprios pode aproximar a criança do texto e da sua mensagem/conteúdo, particularmente nos leitores mais jovens, ainda em fase inicial de aprendizagem. Se o tradutor optar por produzir na

criança da CC, o efeito equivalente ao sentido pelo leitor do TP, deve decidir, caso a caso, e ser consistente nas suas opções. Muitas são as opiniões sobre este tema, havendo autores que defendem a não tradução dos nomes próprios, para que não se percam os traços da identidade cultural do texto de partida, Göte Klinberg, por exemplo, defende que “[...] adaptation should be restricted to details and the source text manipulated as little as possible” (1986:17). Este autor considera a adaptação uma das estratégias de tradução em aceitabilidade, que procura levar o TP em direcção ao leitor da CC: “Adaptation rests on the assumption that young readers will find it difficult to assimilate foreign names, coinage, foodstuffs or locations, and that they may reject a text reflecting a culture that is unfamiliar.” (*Ibidem*). Outros defendem um caminho intermédio:

Award-winning English translator Anthea Bell, however, has advocated greater flexibility. In some instances, she argues an “impenetrable-looking set of foreign names” on the first pages of a book might alienate young readers, so that a translator has to gauge the precise degree of foreignness, and how far it’s acceptable and can be preserved. (Lathey 2006:7)

Outros ainda são favoráveis à não tradução, podendo porém, segundo eles, adaptar-se a grafia às convenções de CC. O elemento alegórico dos nomes próprios pode perder-se caso não se traduzam e há consensualidade de que é necessário traduzir os nomes descritivos das características ou qualidades físicas das personagens, pelo menos, nas idades mais jovens, porque a mensagem que contêm é relevante para a compreensão do texto, como argumenta Lathey:

There is certainly good reason to translate proper names if they have a meaning relevant to the story — Pippi Langstrump to Pippi Longstocking, for example— but children can and do take delight in the sound and shape of unfamiliar names. (2006: 7)

O tradutor deve contar com o seu conhecimento e sensibilidade para encontrar uma solução sensata para cada caso em particular.

Segundo Theo Hermans:

Theoretically speaking there appears to be at least four ways of transferring proper names from one language into another. They can be **copied**, i.e.

reproduced in the target text exactly as they were in the source text. They can be **transcribed**, i.e. **transliterated or adapted** on the level of spelling, phonology, etc. A formally unrelated name can be **substituted** in the TT for any given name in the ST [...] and insofar as a proper name in the ST is enmeshed in the lexicon of that language and acquires “meaning”, it can be **translated**. (*Apud* Aixelá, F.J.2000: 230)

Na tradução do conto “Lazy Lawrence”, optámos, regra geral, por não traduzir os nomes próprios, visto não terem um significado com função específica no TP, o qual tivesse que ser reproduzido no TC, de forma a levar até ao leitor do TC informação relevante para a compreensão do texto. Nomeadamente, os nomes dos principais intervenientes – Jem e Lawrence, embora o nome Jem pudesse ser entendido como um equivalente fonético de “Gem” e ter, portanto, uma outra função no TP que, assim, se perde no TC. Há, porém, duas exceções, o nome do agricultor “Truck” e o nome do cavalo “Lightfoot”. A estratégia adoptada não foi idêntica para ambos os casos, porque, após pesquisa no mercado livreiro, constatámos que a grande maioria dos livros traduzidos para esta faixa etária, mantinham os nomes próprios conforme o TP. Foi ponderada a opção de traduzir o nome Truck, por este corresponder a um veículo agrícola, todavia a sua não tradução não afecta a compreensão da acção da narrativa. Esta regra não se aplica aos nomes dos animais, quase sempre traduzidos, o que se poderá perceber se tivermos em conta que os nomes dos animais estão, maioritariamente, relacionados com as suas características físicas ou com as suas funções na natureza.

Como tal, optámos por traduzir o nome do cavalo, tendo-se recorrido, para esse efeito, à lista de nomes de equídeos, apresentada pela Federação Equestre Portuguesa, consultada no sítio da internet. Assim, de entre as várias traduções possíveis para “Lightfoot”, escolhemos “Ligeiro”, por ser um nome listado por uma entidade de referência neste assunto, além de se adequar perfeitamente ao vocábulo do TP.

3.4. TOPÓNIMOS, CONVERSÃO DE MEDIDAS E UNIDADES MONETÁRIAS

A tradução de topónimos e a conversão de medidas e moedas é uma questão importante e sobre a qual se deve ponderar aquando da análise prévia de qualquer tradução, desde

que esta assim o exija. Essa questão parece-nos, contudo, ainda mais relevante em tradução de LIJ, pois a tradução, ou não, destes elementos do TP, irá repercutir-se na forma como o TC interage com o jovem leitor e deriva da opção tomada pelo tradutor. Ou seja, se o tradutor pretende que o TC cause ao leitor-alvo, maior ou menor contacto com o “outro”, ou se, pelo contrário, a finalidade da sua tradução é estar de acordo com as normas vigentes na CC, em maior aceitabilidade com esta:

Once a narrative engages their interest, young readers will persevere with names and localities that are well beyond their ken in myths, legends and fantasy fiction written in their native languages, let alone in translations, and they will certainly never be intrigued and attracted by difference if it is kept from them. (Lathey 2006:7-8)

Na leitura dos contos que integram *The Parent’s Assistant*, realizada para avaliar qual ofereceria mais problemas na sua tradução, a escolha recaiu em “Lazy Lawrence” precisamente por levantar vários desafios.

Após ponderarmos, concluímos não traduzir os topónimos, pois o contacto com a língua inglesa é cada vez mais precoce na CC e acontece quer pelo contacto com os meios de comunicação social, quer pela interacção com as novas tecnologias. Esta proximidade dá a este leitor a capacidade de não estranhar terminologia que não lhe é familiar assim como confere à tradução mais um elemento de carácter cultural, proporcionando aproximação à cultura do TP, factor considerado relevante na formação e enriquecimento do leitor; em contrapartida, nos casos em que não nos pareceu relevante e em que não contribuía para o enredo, abolimos os topónimos.

TP	TC
valley of Ashton (i)	vale de Ashton (i)
Clifton or Bristol to be sold (i)	mercados de Clifton e Bristol (i)
sent to Bridewell (xxiv)	acabou por ser preso durante um mês (xxv)
transported to Botany Bay (xxiv)	enviado para a prisão. (xxv)

Encontrámos no TP apenas 2 ocorrências sobre medidas de comprimento, sendo a abordagem diferente em cada uma das situações. No primeiro caso, foram mantidas as milhas, porém com omissão de informação contida no mesmo segmento do TP. No

segundo caso, foi totalmente omitida a referência à medida de comprimento por não nos parecer acrescentar informação de valor ou contribuir para o enredo.

TP	TC
Four mile there, and four mile back again... (ii)	[...] percorrer mais de oito milhas ... (ii)
(...)and away he went, running along by the water-side about a quarter of a mile ... (vi)	(...)e lá foi a correr, junto à margem do rio, até lá chegar ... (vii)

Reflectindo sobre o caso do conto aqui em estudo, apresentou-se como maior desafio as inúmeras referências a unidades monetárias. Foram encontradas 102 ocorrências no texto com diferentes valores monetários, compreendendo desde “guineas” a “half penny”.

Ocorrências ²⁸	Páginas
two guineas	ii,ii, ii,v,v ,xi,xi,xi,xv,xv
a penny	ii,ii,v,v,vi,viii,xvii
twopence	iii,viii, viii ,viii,xi ,xi
threepence	iii,viii, viii, viii
sixpence	iii ,vii,viii,ix
a shilling	v
two shillings	v,v,vi,xi
silver penny	v,vii,xvi,xvi,xvii,xviii,xx,xxi,xxii,xiv
fourpence	viii
eightpence	viii,viii, viii, viii, ix
five six pences	vi

²⁸ As ocorrências são apresentadas na Tabela conforme a ordem como surgem no texto.

two shillings and sixpence	viii
Four shillings and sixpence	viii
four and sevenpence	viii, viii ,viii,viii ,ix,ix,xvi
money	i,iv,ix,ix,ix,ix,ix,ix,x,xiii,xv,xv,xvi,xvi,xvi,xvii,xii,xx,xxi,xxii
halfpenny	ix,ix,ix,x,x, x,x,x, xi, xii
halfpence	viii, x, xi
Farthing	x,xi,xii
three halfpence	ix
shillings	xii
Thirty-six shillings	xi,xi
'five and sevenpence	xi
full of silver	xii,xii
half a crown	xii,xii,xiii,xiii

Tabela 1

Colocaram-se duas hipóteses: não converter e realizar uma tradução mais estranhante, em adequação ou domesticar o texto aproximando-o da cultura de chegada, traduzindo em aceitabilidade. Assim, devido aos diferentes valores monetários, já em desuso e no sentido de encontrar alguma coerência na tradução, as diferentes moedas do TP foram convertidas em somente três valores: ouro, prata e cobre. Atribuímos o valor mais elevado aos “guineas”, moedas de ouro, que circularam até meados do Séc. XIX, seguidos dos metais de menor valor, a prata e o cobre. Proporcionando, ainda assim, ao leitor do TC, o distanciamento temporal e cultural do TP, pela associação destes metais na cunhagem de moedas antigas. A decisão tomada resultou, mais uma vez da procura do equilíbrio entre traduzir em adequação ou em aceitabilidade. Pensamos que tal equilíbrio contribui para não afastar totalmente o leitor do TC do TP, sendo essa a finalidade da nossa tradução.

TP	TC
[...] and am not I two guineas short (ii)	[...] e ainda me faltam duas moedas de ouro .(ii)
one paid twopence (iii)	umas davam uma moeda de cobre (iii)
she put half a crown into it (vi)	colocou lá dentro uma moeda de prata (vi)
I expected but a shilling at the most(vii)	Não contava conseguir tanto dinheiro com a venda das pedras (viii)

3.5. FORMAS DE TRATAMENTO

Jem, o protagonista do conto *Lazy Lawrence*, é apresentado como um rapaz educado e obediente. No universo temporal em que decorre o enredo, a criança deveria dirigir-se aos adultos, com deferência, com o afastamento a que estava obrigada pela posição de supremacia do adulto na hierarquia da relação entre os mais velhos e os mais jovens. Na língua inglesa, nas formas de tratamento, a distinção do pronome *you*, entre 2.^a pessoa do singular e a do plural, é quase impossível de estabelecer, a não ser através do momento histórico e cultural em que o texto foi produzido, ou por outros elementos que determinam um maior ou menor grau de familiaridade entre os intervenientes. Assim, tendo em conta não só o momento histórico, mas também o registo do texto, a forma de tratamento por *tu* não seria muito adequada. Porém, correndo o risco de desvirtuar a formalidade da época, que não permitiria o tratamento por *tu* entre a criança e o seu progenitor, concluímos que faria sentido na CC. Como estratégia de aproximação do TP ao contexto da CC, as formas de tratamento foram traduzidas de modo a serem mais familiares e descontraídas. Para tal, recorreremos à 2.^a pessoa do singular, como forma de tratamento entre Jem e a mãe, pois parece cada vez mais banal na comunicação entre as diversas gerações de grau familiar. Manteve-se no TC, no discurso do adulto em relação à criança/jovem a mesma opção.

TP	TC
'Why do you sigh, mother? (i)	Porque estás a suspirar, mãe? (ii)
'Look away, nobody hinders you (iii)	Procura à vontade, ninguém te impede (iv)

Porém, na comunicação com outras personagens mais distantes, pela posição social ou pela idade, mantivemos a formalidade com o recurso à forma impessoal ou outras alternativas. Vários são os desafios ao nível da tradução das formas de tratamento, tal como a inexistência na LP da terceira pessoa de cortesia, o *você* ou o *senhor*, que existem em português, ou a tradução de títulos e formas de cortesia, *Mrs* ou *Mr* em inglês, seguido pelo apelido de família, os quais poderão eventualmente ser traduzidos por a *Senhora* ou *Dona*, ou o *Senhor*.

TP	TC
If you knew all (v)	Se a senhora soubesse (vii)

As várias marcas de oralidade, reproduzidas pela transcrição fonética do dialecto falado por Jem, foram traduzidas deixando cair essa particularidade do discurso pela opção atrás explicada de não traduzir o dialecto.

TP	TC
if you don't buy 'em now, ma'am, (v)	E se a senhora não as comprar, (vi)
I don't know how to thank 'em <i>rightly</i> (15)	Não sei como lhes poderei agradecer o <i>suficiente</i> (xv)

3.6. OPERAÇÕES DE TRADUÇÃO

Ao decidir a abordagem ao texto, o tradutor recorre ao auxílio de operações de tradução a aplicar ao texto, incluindo frases e unidades menores da língua, ou outras que podem pressupor maiores dificuldades, como é o caso das expressões idiomáticas. Por outras palavras, “Translation procedures are methods applied by translators when they formulate an equivalence for the purpose of transferring elements of meaning from the Source Text (ST) to the Target Text (TT).” (Deslile 1999:191).

O processo da tradução passa por inúmeras fases. O tradutor pode começar por fazer, numa primeira fase, uma tradução mais literal e de seguida reavalia as suas decisões. Se, por um lado, Eugene Nida considera apenas três grandes classes de operações de tradução, a alteração, a adição e a omissão, Vinay & Dabernelt propõem sete operações principais, as quais correspondem a um grau de dificuldade, por ordem crescente, podendo ser utilizadas individualmente ou em simultâneo, auxiliando o tradutor nas suas decisões.

Com o apoio de operações de tradução, como as expostas por Vinay & Dalbernet, vão-se burilando as dificuldades, optando assim pela operação que melhor se adequa à abordagem seleccionada.

Segundo estes autores, o tradutor pode seguir por um de dois caminhos:

Notons tout d'abord qu'il y a, grosso modo, deux directions dans lesquelles le traducteur peut s'engager : la traduction directe ou littérale, et la traduction oblique. [...] avoir recours à des procédés beaucoup plus détournés, qui à première vue peuvent surprendre, mais dont il est possible de suivre le déroulement pour en contrôler rigoureusement l'équivalence: ce sont là des procédés de traduction oblique. (1973 :46)

Optar por uma tradução directa, ou seja, sempre que for possível transpor a mensagem da LP para a LC, por existirem categorias paralelas e aqui incluem-se as três primeiras operações, também denominadas, processos directos: o empréstimo, o decalque e a tradução literal. Sendo que:

1º Empréstimo/Estrangeirismo: Utilização da unidade de tradução/lexema da LP, sem qualquer alteração.

2º Decalque: O sentido do lexema da LP é traduzido, respeitando a estrutura sintáctica.

3º Tradução literal: Utilização de equivalentes na LC, muito próximos da LP, mas mantendo a gramaticalidade na LC.

Ou optar por uma tradução oblíqua, neste caso o tradutor pode encontrar lacunas na LC que tem de preencher e que, por diferenças de ordem estrutural ou metalinguística, não se conseguem alcançar certos efeitos estilísticos na LC, sem recorrer a grandes alterações de ordem sintáctica ou lexical. Os processos oblíquos são: a transposição, a modulação, a equivalência e a adaptação:

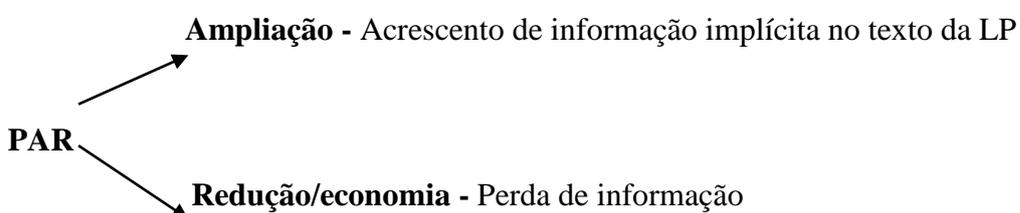
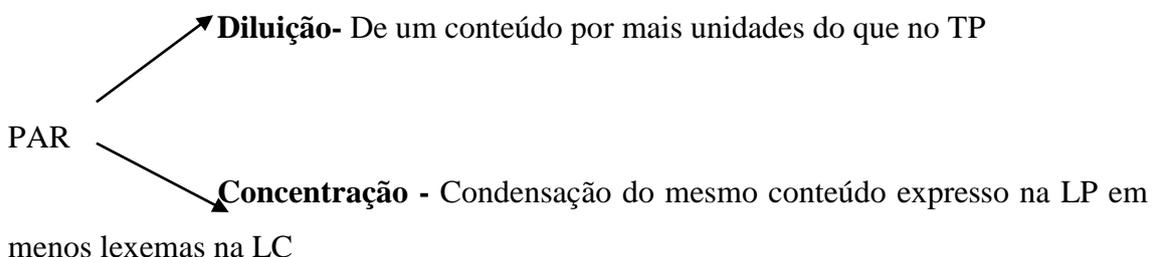
4º Transposição: Alteração da categoria gramatical do lexema da LP para a LC, sem alterar o sentido da mensagem.

5º Modulação: Ligeira mudança da perspectiva semântica.

6º Equivalência: São geralmente fraseologias fixas, expressões idiomáticas ou provérbios. É a correspondência que determina o equivalente adequado.

7º Adaptação: Aplica-se em casos onde não existe equivalentes entre a LC e a LP. (46-53)

Podem ocorrer sobre o mesmo segmento a traduzir duas ou mais operações em simultâneo. Para além destas, estes autores adicionam ainda outras operações de tradução (13-16), algumas opostas entre si e que se apresentam em pares, como as abaixo referidas:



Na tabela seguinte são apresentadas algumas soluções encontradas, com a respectiva operação de tradução utilizada:

TP	TC	Operação de Tradução
(i) (...) there was not a weed to be seen in her garden (...)	(i) (...) uma horta muito bem cuidada.	Modulação - com alteração da perspectiva negativa para perspectiva positiva.

(i) The winter passed away(...) SN SV	(i) Passou o Inverno (...) SV SN	Transposição Concentração
(i) The pinks and roses she tied up in nice nosegays(...)	(i) Destas fazia raminhos(...)	Concentração Modulação Omissão
(i) She had saved was spent in paying for medicines	(i) (...)e todo o dinheiro que tinha amealhado foi gasto em medicamentos.	Diluição
(i) and the rent was not ready in her little purse as usual	(i) (...) não tinha amealhado dinheiro suficiente para pagar a renda	Modulação 2. Concentração
(i) In the summer time (...)	(i) (...) durante o Verão	1.Modulação 2.Transposição
(i) It consisted of strawberry beds (...)	(i) Aí cultivava morangos (...)	Modulação
(i) I know you'd say it was no bad day's work	(i) Tenho a certeza que dirias que eu tinha feito um bom dia de trabalho (...)	Ampliação Modulação com alteração da perspectiva negativa no TP para positiva no TC
(i) That I am, brave and hungry!	(ii) Apetite e força nunca me faltam!	Modulação

(i) She begged a few months ´delay, and they were granted to her.	(ii) (...) implorou ao senhorio que lhe desse mais uns meses, os quais lhe foram concedidos.	Diluição Modulação
(i) Said Dame Preston to herself (...)	(ii) Pensou a senhora Preston com os seus botões (...)	Equivalência Diluição
(i) You`ve been brave and hard at work (...)	(ii) Trabalhaste arduamente (...)	Concentração Modulação
(i) (...) to eat strawberries and cream at the gardens in Ashton.	(i) (...) compravam para piqueniques nos parques de Ashton, onde era hábito comer morangos com natas.	Ampliação Explicitação
(i) Four mile there, and four mile back again, afore breakfast	(ii) (...) vai pôr-se tão cedo a caminho e percorrer mais de oito milhas.	Adaptação
(i) (...)for a penny a day might come to two guineas in time.	(iii) (...) porque pouco a pouco enche a galinha o papo	Equivalência Concentração
(i) Lightfoot <i>must go</i> .	(iii) <i>Temos de o vender.</i>	Modulação Concentração
(ii) I must see and mend Lightfoot´s bridle afore I go to bed.	(ii) Antes de me deitar ainda tenho de consertar o cabresto do Ligeiro.	Modulação
(ii)	(ii)	Modulação

And where am I to get two guineas?	(...) e ainda me faltam duas moedas de ouro.	
(ii) For Monday fortnight at the fair	(ii) (...)porque vai ser vendido na feira da próxima semana	Modulação Diluição
(iv) Lazy Lawrence grew every day worse and worse(...)	(iv) (...)cresceu sem eira nem beira (...)	Equivalência Concentração
(vi) Would do just as well to buy gingerbread	(viii) (...)mas ele vai gastá-la em guloseimas	Modulação Adaptação Concentração
(viii) The rest were playing at cricket	(ix) Estavam a jogar à bola (...)	Adaptação
(viii) 'Ten times more,' said Jem, 'for I have been working all day.'	(ix) — Dez vezes mais cansado — porque trabalhei todo o dia.	Explicitação
(ix) The next day, as usual, Jem jumped up before six o'clock	(xi) No dia seguinte, como habitualmente (...)	Tradução literal
(x) (...) could not carry my	(xi) (...) não arrumaste a cidra na	Redução/economia

cider,my Worcestershire cider, to the cellar	adega (...)	
(xiii) Would do very well for one to wipe one's shoes on	(xiii) (...)poderia fazer um bonito tapete verde, para limpar os pés.	Concentração Modulação
(xiv) [...]saw that is pile of mats had disappeared.	(xv) (...) viu que a pilha de tapetes tinha desaparecido.	Tradução literal.
(xv) ' come with me now '. Not now', said the lady laughing	(xvi) Venha comigo agora. — Agora não — disse a senhora rindo.	Tradução literal Concentração
(xix) (...)it's all gone!	(xxi) Desapareceram as minhas moedas de ouro (...)	Adaptação Modulação

Ao longo da tradução foram contabilizadas e registadas cento e noventa e duas operações, que nos permitiram construir um gráfico (Figura 4) para análise posterior. Com base neste gráfico de Operações de Tradução foi possível estabelecer um padrão.



Fig. 4

A aplicação da modulação, i.e. ligeira mudança da perspectiva semântica, a qual, segundo a nossa opinião pessoal, concorre para criar o efeito equivalente no TC, foi seguramente o recurso mais utilizado, seguido da concentração, alguma perda de informação, a qual não se afigurava como relevante ou que poderia causar alguma dificuldade de compreensão e, finalmente, a ampliação, com recurso à paráfrase, porque favorece a compreensão da leitura por parte leitor-alvo. Explicitar o conteúdo da mensagem é, muitas vezes, necessário para facilitar a compreensão da história ao jovem leitor. Esta observação vem corroborar a hipótese já levantada de que a equivalência comunicativa é central na tradução de LIJ.

3.7. OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Outros dos aspectos a ter em conta, com o qual o tradutor deve ter particular cuidado é o sentido conotativo, certificar-se se a carga conotativa é positiva ou negativa. O seu trabalho sobre o texto depende desta análise e da sua avaliação. É necessário estar atento às palavras homónimas e recorrer ao contexto e cotexto, para desambiguação. As estruturas semânticas, abaixo representadas, exemplificam a ambiguidade de uma palavra polissémica.

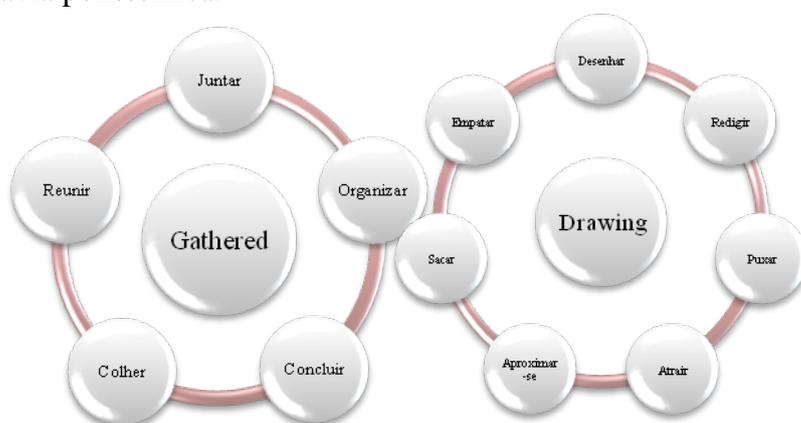


Fig. 5 Esquemas Polissémicos

Num outro momento, recorreu-se à nominalização e passivação, para simplificar o texto em passagens que sugeriam um maior grau de dificuldade. A repetição da conjunção “and”, comum no inglês, foi replicada para o português, com a replicação da conjunção “e”, polissíndeto, uma figura de construção que permite graduar a ansiedade expressa no discurso natural das crianças.

TP	TC
Farmer Truck will give us the giant strawberries, and I'm to go for 'em tomorrow morning, and I'll be back afore breakfast.' (i)	O agricultor Truck vai dar-nos morangos gigantes e eu vou buscá-los amanhã de manhã e estarei de volta antes do pequeno-almoço (p.2)

Os itálicos do TP foram mantidos no TC, porque permitem realçar e manter a equivalência das mesmas emoções:

TP	TC
[...] and <i>will</i> mother sell Lightfoot?' ' <i>Will?</i> no: but I <i>must</i> Jem' 'Must! Who says you <i>must?</i> why <i>must</i> you mother?' (ii)	<i>Tens coragem</i> de o vender, mãe? — Não é fácil, Jem, mas tenho de o vender. — <i>Tens de o vender? Porquê?</i> Por que tens de o vender, mãe? (p.2)

CONCLUSÃO

To be sure, there is no real point in concluding research into translation to begin with, whether observational or experimental, unless it stems from a genuine “wish to understand”, whereby all previously “known” facts are reformulated as questions to be answered during research and on the basis of the available data. (Toury *Apud* Duarte *et al.*, 2006: 55-56)

Com a conclusão deste trabalho, que pretendeu levantar algumas questões pertinentes, assim como encontrar respostas sobre os desafios que se colocam na tradução de textos de LIJ, acreditamos ter contribuído com algumas premissas sobre a temática com base na análise da informação reunida.

As evidências demonstram que o jovem leitor contemporâneo tem um maior grau de amadurecimento e uma relação com o livro diferente do que teria há alguns anos. Esta mudança no leitor terá ficado a dever-se ao contacto, cada vez mais precoce, com estímulos que lhe chegam dos meios audiovisuais e informáticos, os quais ocupam um espaço cada vez maior na interacção deste leitor com o mundo que o rodeia.

O tradutor deverá acompanhar esta alteração, assumindo uma posição menos paternalista, no sentido de não adoptar estratégias demasiado simplificadoras do texto, mas antes caminhar em direcção a uma tradução estranhante, apontando caminho para a tolerância e para aceitação da “diferença” e do “outro”. Proporcionando contacto constante com nova informação e tornando a leitura mais desafiante, condição essencial para desenvolver o gosto deste jovem público pela leitura, pois o desafio está presente em quase todos os momentos da vida do jovem actual. Ter em conta as experiências, capacidade e expectativas deste leitor, não será simples nem fácil e o tradutor tem de se questionar constantemente, “Para quem estou a traduzir? Porque se está a traduzir este texto? De que forma poderei conseguir atingir o objectivo a que esta tradução se propõe?”

O tradutor de LIJ não está condicionado apenas à tarefa de traduzir, pois a interdisciplinaridade da tradução de LIJ, leva-o constantemente a pesquisar, tentando perceber como pensa o jovem leitor e como reage ao mundo que o rodeia e aos livros que lê.

A pesquisa realizada em obras traduzidas no mercado nacional leva a concluir, na nossa perspectiva, que o tradutor está muito atento e é sensível às transformações do jovem

leitor. Verificou-se que há menor incidência de domesticação na tradução dos textos mais recentes de LIJ e acreditamos que através desta abordagem o tradutor está mais visível e fortalece deste modo o seu estatuto. Observou-se também que a LIJ ocupa um lugar mais central no polissistema literário. A importância deste género literário tem vindo a aumentar, como se pode verificar pelo crescente número de livros editados, de autores consagrados de literatura para adultos, quer nacionais, quer estrangeiros, a escreverem para este segmento. Dados²⁹ sobre o volume de vendas de obras de LIJ, nacionais e traduzidas, facilitados pelo grupo editorial Leya, vieram reforçar esta afirmação.

Tentámos demonstrar, com base na interdisciplinaridade da Tradução, e do nosso ponto de vista, a necessidade de o tradutor se abrir, cada vez mais, a outras áreas do conhecimento, como a psicologia do desenvolvimento cognitivo, de forma a sustentar com mais abrangência as suas opções tradutórias. O conhecimento mais aprofundado do seu leitor afectará as suas escolhas e o resultado final do seu trabalho.

Ainda segundo a nossa perspectiva, que assenta sobretudo numa pesquisa alargada deste sector, a tradução de LIJ deve em última instância abrigar-se sob o chapéu da equivalência, mantendo e trazendo a relação existente entre o TP e o seu leitor, para o TC e o novo leitor, sendo equivalência sobretudo ao nível do efeito causado no leitor. É, a nosso ver, um requisito fundamental para que se cumpra o fim a que se destina a tradução deste tipo de texto, se entendermos que os jovens leitores são em tudo semelhantes e que a capacidade imaginativa e as expectativas lúdicas são transversais às culturas e às épocas, sobretudo no seio da civilização ocidental. A principal função da tradução de LIJ, será, com certeza, proporcionar ao jovem leitor acesso a novas obras, onde estejam presentes, simultaneamente, o carácter lúdico e didáctico da leitura, contribuindo desta forma para cimentar, fortalecer e desenvolver o seu relacionamento e proximidade aos livros, dando oportunidade para que, mais tarde, o adulto seja um leitor interessado, autónomo e consciente das escolhas disponíveis entre os vários géneros literários.

Esperamos ter contribuído com este trabalho para um maior esclarecimento, ou pelo menos para o debate sobre a posição da literatura infanto-juvenil e sobre a

²⁹ Foram solicitados dados sobre a percentagem de livros infantis e juvenis, em relação ao volume total de vendas e sobre a percentagem de traduções, dentro do número de obra editadas, pelos grupos editoriais Bertrand, Porto Editora e Leya.com os quais construímos os gráficos 2 e 3[Vide Anexo 13]. Somente os últimos nos contactaram e posteriormente enviaram os números. Veja-se email recebido com a informação solicitada. [Vide Anexo 14]

problemática da tradução da mesma. Muitas são as questões que se levantaram, para as quais não podemos apresentar respostas ou formular hipóteses definitivas, pois a dimensão deste trabalho e o período de tempo disponível para a sua realização não o permitiram. Consideramos que, neste campo, há ainda muito espaço para novas pesquisas, quer ao nível das exigências e reacção do novo leitor, quer ao nível das estratégias mais adequadas para abordar a tradução de literatura infanto-juvenil.

BIBLIOGRAFIA

Fontes Primárias:

- EDGEWORTH, Maria. *The Parent's Assistant*. Teddington: The Echo Library, 2009
----- *The Parent's Assistant*, London: J. Johnson and Baldwin, Cradock
and Joy, 1815.
----- *Early Lessons*. London, Joseph Johnson? 1801.
----- *Helen*. London: MacMillan and Co., Ltd., 1896.
----- *Moral Tales for Young People*. London: J. Johnson, 1806.

Fontes secundárias:

- AIXELÁ, J. Franco. La traducción condicionada de los nombres propios (inglés español). Análisis descriptivo. Salamanca: Ediciones Almar, 2000.
ARROJO, R. *Oficina da tradução: a teoria na prática*. 4. Ed. São Paulo: Ática, 2000.
BAKER, Mona. Saldanha, Gabriela. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*,
2nd ed. London and New York: Routledge, 2011.
BAKHTIN, Mikhail V., *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
BASSNETT, Susan. *Translation Studies*. London and New York: Routledge, 2005.
BUTLER, Marilyn. *Maria Edgeworth: A Literary Biography*. Oxford: Clarendon Press,
1972.
BROWN, Penny. *The Captured World, The Child and Childhood in Nineteenth-Century
Women's Writing in England*. Exeter: BPCJ Journals and Reference Books Ltd,
1993.
CARPENTER, Humphrey, Prichard, Mari, *The Oxford Companion to Children's
Literature*. Oxford: Oxford University, 1999.
CAZAMIAN, Louis, Legouis, Émile, *A History of English Literature*. London: J.M.
Dent & Sons, Ltd, 1933.
CHALL, Jeanne S., *Stages of Reading Development*. New York: MacGraw- Hill Book
Company, 1983.
CHRISTOPHER, Haigh (ed.), *The Cambridge Historical Encyclopedia of Great
Britain and Ireland*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

- COILLIE, Jan Van, Verschueren, Paul P., *Children's Literature in Translation: Challenges and Strategies*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2006.
- DARTON, F. J. Harvey. *Children's Books in England, Five Centuries of Social Life*. Cambridge: Cambridge University Press, 1932.
- DELISLE, Jean. et al., ed. *Translation Terminology*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1999.
- DICKENS, Charles, "Frauds and Fairies", *Household Words. A Weekly Journal*. N°184, Vol. VIII, 1853: 97-100
- DUARTE, João Ferreira, Rosa Alexandra Assis, Seruya, Teresa. *Translation Studies at the Interface of Disciplines*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2006.
- ECO, Humberto. *Dizer Quase a Mesma Coisa sobre a Tradução*. Lisboa: Difel, 2005.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. "The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem", Lawrence Venuti (ed.), *The Translation Studies Reader*. London and New York: Routledge, 2004: 192-197.
- HATIM, Basil and Munday, Jeremy (eds.). *TRANSLATION An advanced resource book*. Abingdon, Oxon: Routledge, 2004.
- HARE, H. J., *Life and Letters of Maria Edgeworth*. Houghton, Boston and N.Y: Mifflin and Company, 1895.
- HOUSE, Julian. *A Model for Translation Quality Assessment*. Tübingen: Narr, 1997.
- HUNT, Peter (ed.). *Literature for Children: Contemporary Criticism*. London and New York: Routledge, 1992.
- . *International Companion Encyclopedia of Children's Literature*. London and New York: Routledge, 2005.
- HURLIMANN, Bettina. *Three Centuries of Children's Books in Europe*. London: Oxford University Press, 1967.
- KLINGBERG, Göte. *Children's Fiction in the Hands of Translators*. Studia Psychologica et Paedagogica. Lund: Blums, 1986.
- . *Facets of Children's Literature Research: collected and revised writings*. Stockholm, Göte Klingberg and the Swedish Institute for Children's Books, 2008. (Only available in digital format on the Swedish Institute for Children's Books website www.sbi.kb.se)
- LATHEY, Gillian, *The Translation of Children's Literature, a Reader*. Clevedon: Multilingual Matters Ltd, (ed.), 2006.

- MILLS, Jean, Mills, Richard, *Childhood Studies: A Reader in Perspectives of Childhood*. London: Routledge, 2000.
- MUNDAY, Jeremy. *Introducing Translation Studies; Theories and applications*. London: Routledge, 2001.
- NEWMARK, Peter. *A Textbook of Translation*. New York: Prentice Hall, 1988.
------. *Approaches to Translation*. Oxford: Pergamon Press, 1984.
- NIDA, Eugene. *Toward a Science of Translating*. Leiden: Brill Archive, 1964.
- NORD, Christiane, *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*. Amsterdam: Rodopi, 2005.
------. *Translating as a Purposeful Activity*, Manchester: St. Jerome Publishing, 2007.
- OITTINEN, Riitta. *No Innocent Act: On the Ethics of Translating for Children*. (p.35-46) Jan Van Coillie, Walter P. Verschueren, ed, NY: Routledge, 2014.
------. *Translating for Children*. New York: Garland, Inc. 2000.
- PYM, Anthony. *Translation and Text Transfer, An Essay on the Principles of Intercultural Communication*. Tarragona: Intercultural Studies Group, 2010.
- REISS, Katharina. *Zur Übersetzung von Kinder-und Jugendbüchern- Theorie und Praxis: Lebende Sprachen 1982/Heft 1*.
- RODRIGUES, António A. Gonçalves, *A Tradução em Portugal, 5º V, 1900-1930*. Lisboa: ISLA-Instituto Superior de Línguas e Administração, Centro de Estudos de Literatura Geral e Comparada, 1994.
- SANDERS, Andrew. *História da Literatura Inglesa*. Lisboa: Editorial Verbo, 2005.
- TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins P.C.*, 1954
- O'DONNELL, William (ed.). *Collected Works of W.B. Yeats*. Vol VI, UK: Scribner, 2011.
- VENUTI, Lawrence. *The Translation Studies Reader*. London and New York: Routledge, 2004.
------. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. London and New York: Routledge, 1995.
- VINAY, Jean-Paul, Darbelnet, J. *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Paris: Didier, 1973.

WEBGRAFIA

ABREU, Márcia, Sandra Vasconcelos, Luiz Carlos Villalta e Nelson Schapochnik, “Caminhos do Romance no Brasil: séculos XVIII e XIX”, s. p., <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/caminhos.pdf> (última consulta em 3 de Janeiro 2014).

-----, “Leitura no Brasil Colonial”, *Remate de Males*, revista do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos de Linguagem, UNICAMP, n.º 22, Campinas, São Paulo, 2002: 131-163. <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/leituras-reading-br.pdf> (última consulta em 3 de Janeiro 2014).

ABREU, Márcia. “O Caminho dos livros” “Livros ao Mar — Circulação de obras de Belas Letras entre Lisboa e Rio de Janeiro ao tempo da transferência da corte para o Brasil.” “Caminhos do Romance no Brasil: séculos XVIII e XIX”, Fapesp, CNPq, 2006.s. p., <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n24/a05v1224.pdf> (última consulta em 3 de Janeiro 2014)

BUTLER, Harriet J. and Harold Edgeworth Butler. “Sir Walter Scott and Maria Edgeworth. Some Unpublished Letters”. *The Modern Language Review*, Vol. 23, N°3, *Modern Humanities Research Association*, Jul, 1928: 273-298.

BUTLER, Marylin, and Mitzi Myers, *The Novels and Selected Works of Maria Edgeworth*, 12 vols., London: Pickering and Chatoo: 1999-2003. (Review) <http://www.jstor.org/discover/10.2307/30210661?uid=2&uid=4&sid=21103371233497> (consultado em 20 de Maio de 2013)

COMENIUS. *Orbis Sensualium Pictus*. London, F. Kirton: 1659. <http://publicdomainreview.org/2014/05/14/in-the-image-of-god-john-comenius-and-the-first-childrens-picture-book/#sthash.hiwkTPVw.dpuf> (última consulta em 20 de Janeiro de 2014)

“Catalogue of the papers of Maria Edgeworth (1768-1849), and the Edgeworth family, 17th-19th century”. University of Oxford, Bodleian Library

<http://www.bodleian.ox.ac.uk/dept/scwmss/wmss/online/1500-1900/edgeworth/edgeworth.html>

(última consulta em 20 de Abril de 2013)

Departement of Early Printed Books, Trinity Colledge Library, Dublin

<http://mysterypagination.wordpress.com/2012/12/12/12/maria-edgeworth-in-the-pollard-collection/>

(consultado em 15 de Outubro de 2013)

EVEN-ZOHAR, Itamar. “Polysystem Theory”, interview with Anthony Pym, 2008

<http://www.youtube.com/watch?v=x1upxc0vmYc>

(última consulta em 11 de Novembro de 2013)

Federação Equestre Portuguesa

<http://www.fep.pt/Filia%C3%A7%C3%A3oServi%C3%A7os/ConsultadeCavalos.aspx>

(última consulta em 20 de Janeiro de 2014)

FERNANDEZ, Carmen M.. Slight Productions: An Introduction to Maria Edgeworth’s Comic Dramas (1817)

http://estudiosirlandeses.org/wpcontent/uploads/2013/05/Carmen_M_Fern%C3%A1ndez-Rodr%C3%ADguez_7.pdf

(ultima consulta em 20 de Fevereiro de 2013)

GRIERSON, H.J.C. The Letters of Sir Walter Scott. Vol.X, London, 1936:309-310.

<http://www.walterscott.lib.ed.ac.uk/edgeworth.html>

(consultado em 14 de Julho de 2013)

NASH, Julie (ed.), New Essays on Maria Edgeworth. The Nineteenth Century Series. Aldershot: Ashgate. 2006.

<http://res.oxfordjournals.org/content/58/236/581.extract>

(última consulta em 19 de Novembro de 2013)

NORD, Christiane. Skopostheory, interview with Anthony Pym, 2006

<http://www.youtube.com/watch?v=lhzgOzkJ1sw>

(última consulta em 11 de Dezembro de 2013)

Maria Edgeworth in the Pollard Collection

<http://mysterypagination.wordpress.com/2012/12/12/maria-edgeworth-in-the-pollard-collection/>

(última consulta em 14 de Outubro de 2013)

MULLAN, John. “The truth about women”. *The Guardian*. Saturday, 3 July, 2010.s.p.

<http://www.theguardian.com/books/2010/jul/03/maria-edgeworth-helen-john-mullan>

(última consulta em 8 de Novembro de 2013)

LAWLESS, Emily. *Maria Edgeworth*. New York. The MacMillan Company, 1905.

<https://archive.org/details/mariaedgeworth05lawlgoog>

(ultima consulta em 26 de Janeiro de 2013)

“Women’s Writing in the British Isles from the Beginnings to the Present”. Cambridge University Press, s.d.

http://orlando.cambridge.org/public/svPeople?person_id=edgema

(última consulta em 26 de Junho de 2013)

PYM, Anthony. “Directional Equivalence” .Monterey Institute of International Studies, 2009

<http://www.youtube.com/watch?v=ZP9PcjIMkVU>

(última consulta em 11 de Novembro de 2013)

PUURTINEN, Tiina “Syntax, Readability and Ideology in Children’s Literature”, *Meta: Journal des Traducteurs/Meta: Translators’ Journal*, Vol.43,nº4,1998:524-533.

<http://www.erudit.org/revue/meta/1998/v43/n4/003879ar.pdf>

(última consulta em 15 de Novembro de 2013)

ROSSI, Paula, “Translated and Adapted – The Influence of Time on Translation”,
*Meta: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal, Traduction pour les
enfants / Translation for children*, Volume 48, numéro 1-2, mai 2003, s/l: , Les
Presses de l'Université de Montréal: 142-153.

<http://www.erudit.org/revue/meta/2003/v48/n1-2/006963ar.html>

(última consulta em 17 de Março de 2014)

SHAVIT, Zohar, “Translation of Children's Literature as a Function of Its Position in
the Literary Polysystem”:*Poetics Today*. Vol 2, N°4, Translation Theory and
Intercultural Relations (Summer - Autumn, Duke University Press, 1981: 171-
179.

<http://trad1y2ffyl.files.wordpress.com/2010/01/childrenslit.pdf>

<http://www.jstor.org/discover/10.2307/1772495?uid=3738880&uid=2133&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21103431433857>

(última consulta em 26 de Janeiro de 2014)

SCHAPOCHNIK, Nelson. Historiador e Professor da Faculdade de Educação,(USP)”
Uma biblioteca desaparecida: The Rio de Janeiro British Subscription Library

<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/bibliotecadesaparecida.pdf>

TOURY, Gideon. “Norms....”Interviewed by Anthony Pym, Tarragona,2008

<http://www.youtube.com/watch?v=PJbNKGGHJ1I>

(última consulta em 11 de Novembro de 2013)

ZIMMERN, Helen. *Maria Edgeworth. Eminent Women Series*. Boston: John H. Ingram
(ed.), Robert Brothers, 1884.

<http://www.gutenberg.org/ebooks/33268>

(última consulta em 8 de Novembro de 2013)

Anexo 1

LAZY LAWRENCE

In the pleasant valley of Ashton there lived an elderly woman of the name of Preston. She had a small neat cottage, and there was not a weed to be seen in her garden. It was upon her garden that she chiefly depended for support; it consisted of strawberry beds, and one small border for flowers. The pinks and roses she tied up in nice nosegays, and sent either to Clifton or Bristol to be sold. As to her strawberries, she did not send them to market, because it was the custom for numbers of people to come from Clifton, in the summer time, to eat strawberries and cream at the gardens in Ashton.

Now, the widow Preston was so obliging, active, and good-humoured, that every one who came to see her was pleased. She lived happily in this manner for several years; but, alas! one autumn she fell sick, and, during her illness, everything went wrong; her garden was neglected, her cow died, and all the money which she had saved was spent in paying for medicines. The winter passed away, while she was so weak that she could earn but little by her work; and when the summer came, her rent was called for, and the rent was not ready in her little purse as usual. She begged a few months' delay, and they were granted to her; but at the end of that time there was no resource but to sell her horse Lightfoot. Now Lightfoot, though perhaps he had seen his best days, was a very great favourite. In his youth he had always carried the dame to the market behind her husband; and it was now her little son Jem's turn to ride him. It was Jem's business to feed Lightfoot, and to take care of him—a charge which he never neglected, for, besides being a very good-natured, he was a very industrious boy.[28]

'It will go near to break my Jem's heart,' said Dame Preston to herself, as she sat one evening beside the fire stirring the embers, and considering how she had best open the matter to her son, who stood opposite to her, eating a dry crust of bread very heartily for supper.

'Jem,' said the old woman, 'what, art hungry?' 'That I am, brave and hungry!' 'Ay! no wonder, you've been brave hard at work—Eh?' 'Brave hard! I wish it was not so dark, mother, that you might just step out and see the great bed I've dug; I know you'd say it was

no bad day's work—and oh, mother! I've good news: Farmer Truck will give us the giant strawberries, and I'm to go for 'em to-morrow morning, and I'll be back afore breakfast.'

'God bless the boy! how he talks!—Four mile there, and four mile back again, afore breakfast.' 'Ay, upon Lightfoot, you know, mother, very easily; mayn't I?' 'Ay, child!' 'Why do you sigh, mother?' 'Finish thy supper, child.' 'I've done!' cried Jem, swallowing the last mouthful hastily, as if he thought he had been too long at supper—'and now for the great needle; I must see and mend Lightfoot's bridle afore I go to bed.'

To work he set, by the light of the fire, and the dame having once more stirred it, began again with 'Jem, dear, does he go lame at all now?' 'What, Lightfoot! Oh la, no, not he!—never was so well of his lameness in all his life. He's grown quite young again, I think, and then he's so fat he can hardly wag.' 'God bless him—that's right. We must see, Jem, and keep him fat.' 'For what, mother!' 'For Monday fortnight at the fair. He's to be—sold!' 'Lightfoot!' cried Jem, and let the bridle fall from his hand; 'and *will* mother sell Lightfoot?' '*Will?* no: but I *must*, Jem.' 'Must! who says you *must?* why *must* you, mother?' 'I must, I say, child. Why, must not I pay my debts honestly; and must not I pay my rent, and was not it called for long and long ago; and have not I had time; and did not I promise to pay it for certain Monday fortnight, and am not I two guineas short; and where am I to get two guineas? So what signifies talking, child?' said the widow, leaning her head upon her arm. 'Lightfoot *must* go.'

Jem was silent for a few minutes—'Two guineas, that's a[29] great, great deal. If I worked, and worked, and worked ever so hard, I could no ways earn two guineas *afore* Monday fortnight—could I, mother?' 'Lord help thee, no; not an' work thyself to death.' 'But I could earn something, though, I say,' cried Jem proudly; 'and I *will* earn *something*—if it be ever so little, it will be *something*—and I shall do my very best; so I will.' 'That I'm sure of, my child,' said his mother, drawing him towards her and kissing him; 'you were always a good, industrious lad, *that* I will say afore your face or behind your back;—but it won't do now—Lightfoot *must* go.'

Jem turned away struggling to hide his tears, and went to bed without saying a word more. But he knew that crying would do no good; so he presently wiped his eyes, and lay awake, considering what he could possibly do to save the horse. 'If I get ever so little,' he still said to himself, 'it will be *something*, and who knows but landlord might

then wait a bit longer? and we might make it all up in time; for a penny a day might come to two guineas in time.'

But how to get the first penny was the question. Then he recollected that one day, when he had been sent to Clifton to sell some flowers, he had seen an old woman with a board beside her covered with various sparkling stones, which people stopped to look at as they passed, and he remembered that some people bought the stones; one paid twopence, another threepence, and another sixpence for them; and Jem heard her say that she got them amongst the neighbouring rocks: so he thought that if he tried he might find some too, and sell them as she had done.

Early in the morning he wakened full of this scheme, jumped up, dressed himself, and, having given one look at poor Lightfoot in his stable, set off to Clifton in search of the old woman, to inquire where she found her sparkling stones. But it was too early in the morning, the old woman was not at her seat; so he turned back again, disappointed. He did not waste his time waiting for her, but saddled and bridled Lightfoot, and went to Farmer Truck's for the giant strawberries.

A great part of the morning was spent in putting them into the ground; and, as soon as that was finished, he set out again in quest of the old woman, whom, to his great joy, he spied sitting at her corner of the street with her board before her.[30] But this old woman was deaf and cross; and when at last Jem made her hear his questions, he could get no answer from her, but that she found the fossils where he would never find any more. 'But can't I look where you looked?' 'Look away, nobody hinders you,' replied the old woman; and these were the only words she would say.

Jem was not, however, a boy to be easily discouraged; he went to the rocks, and walked slowly along, looking at all the stones as he passed. Presently he came to a place where a number of men were at work loosening some large rocks, and one amongst the workmen was stooping down looking for something very eagerly; Jem ran up and asked if he could help him. 'Yes,' said the man, 'you can; I've just dropped, amongst this heap of rubbish, a fine piece of crystal that I got to-day.' 'What kind of a looking thing is it?' said Jem. 'White, and like glass,' said the man, and went on working whilst Jem looked very carefully over the heap of rubbish for a great while.

'Come,' said the man, 'it's gone for ever; don't trouble yourself any more, my boy.' 'It's no trouble; I'll look a little longer; we'll not give it up so soon,' said Jem; and after he had looked a little longer, he found the piece of crystal. 'Thank'e,' said the man, 'you are a fine little industrious fellow.' Jem, encouraged by the tone of voice in which the man spoke this, ventured to ask him the same questions which he had asked the old woman.

'One good turn deserves another,' said the man; 'we are going to dinner just now, and shall leave off work—wait for me here, and I'll make it worth your while.'

Jem waited; and, as he was very attentively observing how the workmen went on with their work, he heard somebody near him give a great yawn, and, turning round, he saw stretched upon the grass, beside the river, a boy about his own age, who, in the village of Ashton, as he knew, went by the name of Lazy Lawrence—a name which he most justly deserved, for he never did anything from morning to night. He neither worked nor played, but sauntered or lounged about restless and yawning. His father was an ale-house keeper, and being generally drunk, could take no care of his son; so that Lazy Lawrence grew every day worse and worse. However, some of the neighbours said that he was a good-natured[31] poor fellow enough, and would never do any one harm but himself; whilst others, who were wiser, often shook their heads, and told him that idleness was the root of all evil.

'What, Lawrence!' cried Jem to him, when he saw him lying upon the grass; 'what, are you asleep?' 'Not quite.' 'Are you awake?' 'Not quite.' 'What are you doing there?' 'Nothing.' 'What are you thinking of?' 'Nothing.' 'What makes you lie there?' 'I don't know—because I can't find anybody to play with me to-day. Will you come and play?' 'No, I can't; I'm busy.' 'Busy,' cried Lawrence, stretching himself, 'you are always busy. I would not be you for the world to have so much to do always.' 'And I,' said Jem, laughing, 'would not be you for the world, to have nothing to do.'

They then parted, for the workman just then called Jem to follow him. He took him home to his own house, and showed him a parcel of fossils, which he had gathered, he said, on purpose to sell, but had never had time enough to sell them. Now, however, he set about the task; and having picked out those which he judged to be the best, he put them in a small basket, and gave them to Jem to sell, upon condition that he should bring him half of what he got. Jem, pleased to be employed, was ready to agree to what the man proposed, provided his mother had no objection. When he went home to dinner, he told his mother

his scheme, and she smiled, and said he might do as he pleased; for she was not afraid of his being from home. 'You are not an idle boy,' said she; 'so there is little danger of your getting into any mischief.'

Accordingly Jem that evening took his stand, with his little basket, upon the bank of the river, just at the place where people land from a ferry-boat, and the walk turns to the wells, and numbers of people perpetually pass to drink the waters. He chose his place well, and waited nearly all the evening, offering his fossils with great assiduity to every passenger; but not one person bought any.

'Hallo!' cried some sailors, who had just rowed a boat to land, 'bear a hand here, will you, my little fellow, and carry these parcels for us into yonder house?'

Jem ran down immediately for the parcels, and did what he was asked to do so quickly, and with so much good-will, that the master of the boat took notice of him, and, when he was^[32] going away, stopped to ask him what he had got in his little basket; and when he saw that they were fossils, he immediately told Jem to follow him, for that he was going to carry some shells he had brought from abroad to a lady in the neighbourhood who was making a grotto. 'She will very likely buy your stones into the bargain. Come along, my lad; we can but try.'

The lady lived but a very little way off, so that they were soon at her house. She was alone in her parlour, and was sorting a bundle of feathers of different colours; they lay on a sheet of pasteboard upon a window seat, and it happened that as the sailor was bustling round the table to show off his shells, he knocked down the sheet of pasteboard, and scattered all the feathers. The lady looked very sorry, which Jem observing, he took the opportunity, whilst she was busy looking over the sailor's bag of shells, to gather together all the feathers, and sort them according to their different colours, as he had seen them sorted when he first came into the room.

'Where is the little boy you brought with you? I thought I saw him here just now.' 'And here I am, ma'am,' cried Jem, creeping from under the table with some few remaining feathers which he had picked from the carpet; 'I thought,' added he, pointing to the others, 'I had better be doing something than standing idle, ma'am.' She smiled, and, pleased with his activity and simplicity, began to ask him several questions; such as who he was, where he lived, what employment he had, and how much a day he earned by gathering fossils.

'This is the first day I ever tried,' said Jem; 'I never sold any yet, and if you don't buy 'em now, ma'am, I'm afraid nobody else will; for I've asked everybody else.'

'Come, then,' said the lady, laughing, 'if that is the case, I think I had better buy them all.' So, emptying all the fossils out of his basket, she put half a crown into it.

Jem's eyes sparkled with joy. 'Oh, thank you, ma'am,' said he, 'I will be sure and bring you as many more, to-morrow.' 'Yes, but I don't promise you,' said she, 'to give you half a crown, to-morrow.' 'But, perhaps, though you don't promise it, you will.' 'No,' said the lady, 'do not deceive yourself; I assure you that I will not. *That*, instead of encouraging you to be industrious, would teach you to be idle.'

[33]

Jem did not quite understand what she meant by this, but answered, 'I'm sure I don't wish to be idle; what I want is to earn something every day, if I knew how; I'm sure I don't wish to be idle. If you knew all, you'd know I did not.' 'How do you mean, *if I knew all*?' 'Why, I mean, if you knew about Lightfoot.' 'Who's Lightfoot?' 'Why, mammy's horse,' added Jem, looking out of the window; 'I must make haste home, and feed him afore it gets dark; he'll wonder what's gone with me.' 'Let him wonder a few minutes longer,' said the lady, 'and tell me the rest of your story.' 'I've no story, ma'am, to tell, but as how mammy says he must go to the fair Monday fortnight, to be sold, if she can't get the two guineas for her rent; and I should be main sorry to part with him, for I love him, and he loves me; so I'll work for him, I will, all I can. To be sure, as mammy says, I have no chance, such a little fellow as I am, of earning two guineas afore Monday fortnight.' 'But are you willing earnestly to work?' said the lady; 'you know there is a great deal of difference between picking up a few stones and working steadily every day, and all day long.' 'But,' said Jem, 'I would work every day, and all day long.' 'Then,' said the lady, 'I will give you work. Come here to-morrow morning, and my gardener will set you to weed the shrubberies, and I will pay you sixpence a day. Remember, you must be at the gates by six o'clock.' Jem bowed, thanked her, and went away.

It was late in the evening, and Jem was impatient to get home to feed Lightfoot; yet he recollected that he had promised the man who had trusted him to sell the fossils, that he would bring him half of what he got for them; so he thought that he had better go to him directly; and away he went, running along by the water-side about a quarter of a mile, till

he came to the man's house. He was just come home from work, and was surprised when Jem showed him the half-crown, saying, 'Look what I got for the stones; you are to have half, you know.' 'No,' said the man, when he had heard his story, I shall not take half of that; it was given to you. I expected but a shilling at the most, and the half of that is but sixpence, and that I'll take. 'Wife, give the lad two shillings, and take this half-crown.' So the wife opened an old glove, and took out two shillings; and the man, as she opened the glove, put in his fingers and took out a little silver penny. 'There, he^[34] shall have that into the bargain for his honesty—honesty is the best policy—there's a lucky penny for you, that I've kept ever since I can remember.' 'Don't you ever go to part with it, do ye hear!' cried the woman. 'Let him do what he will with it, wife,' said the man. 'But,' argued the wife, 'another penny would do just as well to buy gingerbread; and that's what it will go for.' 'No, that it shall not, I promise you,' said Jem; and so he ran away home, fed Lightfoot, stroked him, went to bed, jumped up at five o'clock in the morning, and went singing to work as gay as a lark.

Four days he worked 'every day and all day long'; and every evening the lady, when she came out to walk in her gardens, looked at his work. At last she said to her gardener, 'This little boy works very hard.' 'Never had so good a little boy about the grounds,' said the gardener; 'he's always at his work, let me come by when I will, and he has got twice as much done as another would do; yes, twice as much, ma'am; for look here—he began at this 'ere rose-bush, and now he's got to where you stand, ma'am; and here is the day's work that t'other boy, and he's three years older too, did to-day—I say, measure Jem's fairly, and it's twice as much, I'm sure.' 'Well,' said the lady to her gardener, 'show me how much is a fair good day's work for a boy of his age.' 'Come at six o'clock and go at six? why, about this much, ma'am,' said the gardener, marking off a piece of the border with his spade.

'Then, little boy,' said the lady, 'so much shall be your task every day. The gardener will mark it off for you; and when you've done, the rest of the day you may do what you please.'

Jem was extremely glad of this; and the next day he had finished his task by four o'clock; so that he had all the rest of the evening to himself. He was as fond of play as any little boy could be; and when he was at it he played with all the eagerness and gaiety imaginable; so as soon as he had finished his task, fed Lightfoot, and put by the sixpence

he had earned that day, he ran to the playground in the village, where he found a party of boys playing, and amongst them Lazy Lawrence, who indeed was not playing, but lounging upon a gate, with his thumb in his mouth. The rest were playing at cricket. Jem joined them, and was the merriest^[35] and most active amongst them; till, at last, when quite out of breath with running, he was obliged to give up to rest himself, and sat down upon the stile, close to the gate on which Lazy Lawrence was swinging.

'And why don't you play, Lawrence?' said he. 'I'm tired,' said Lawrence. 'Tired of what?' 'I don't know well what tires me; grandmother says I'm ill, and I must take something—I don't know what ails me.' 'Oh, pugh! take a good race—one, two, three, and away—and you'll find yourself as well as ever. Come, run—one, two, three, and away.' 'Ah, no, I can't run, indeed,' said he hanging back heavily; 'you know I can play all day long if I like it, so I don't mind play as you do, who have only one hour for it.' 'So much the worse for you. Come now, I'm quite fresh again, will you have one game at ball? do.' 'No, I tell you I can't; I'm as tired as if I had been working all day long as hard as a horse.' 'Ten times more,' said Jem, 'for I have been working all day long as hard as a horse, and yet you see I'm not a bit tired, only a little out of breath just now.' 'That's very odd,' said Lawrence, and yawned, for want of some better answer; then taking out a handful of halfpence,—'See what I got from father to-day, because I asked him just at the right time, when he had drunk a glass or two; then I can get anything I want out of him—see! a penny, twopence, threepence, fourpence—there's eightpence in all; would not you be happy if you had *eightpence*?' 'Why, I don't know,' said Jem, laughing, 'for you don't seem happy, and you *have eightpence*.' 'That does not signify, though. I'm sure you only say that because you envy me. You don't know what it is to have eightpence. You never had more than twopence or threepence at a time in all your life.'

Jem smiled. 'Oh, as to that,' said he, 'you are mistaken, for I have at this very time more than twopence, threepence, or eightpence either. I have—let me—see—stones, two shillings; then five days' work that's five sixpences, that's two shillings and sixpence; in all, makes four shillings and sixpence; and my silver penny, is four and sevenpence—four and sevenpence!' 'You have not!' said Lawrence, roused so as absolutely to stand upright, 'four and sevenpence, have you? Show it me and then I'll believe you.' 'Follow me, then,' cried Jem, 'and I'll soon make you believe me; come.' 'Is^[36] it far?' said Lawrence, following half-running, half-hobbling, till he came to the stable, where Jem showed him his treasure.

'And how did you come by it—honestly?' 'Honestly! to be sure I did; I earned it all.' 'Lord bless me, earned it! well, I've a great mind to work; but then it's such hot weather, besides, grandmother says I'm not strong enough yet for hard work; and besides, I know how to coax daddy out of money when I want it, so I need not work. But four and sevenpence; let's see, what will you do with it all?' 'That's a secret,' said Jem, looking great. 'I can guess; I know what I'd do with it if it was mine. First, I'd buy pocketfuls of gingerbread; then I'd buy ever so many apples and nuts. Don't you love nuts? I'd buy nuts enough to last me from this time to Christmas, and I'd make little Newton crack 'em for me, for that's the worst of nuts, there's the trouble of cracking 'em.' 'Well, you never deserve to have a nut.' 'But you'll give me some of yours,' said Lawrence, in a fawning tone; for he thought it easier to coax than to work—'you'll give me some of your good things, won't you?' 'I shall not have any of those good things,' said Jem. 'Then, what will you do with all your money?' 'Oh, I know very well what to do with it; but, as I told you, that's a secret, and I shan't tell it anybody. Come now, let's go back and play—their game's up, I daresay.'

Lawrence went back with him, full of curiosity, and out of humour with himself and his eightpence. 'If I had four and sevenpence,' said he to himself, 'I certainly should be happy!'

The next day, as usual, Jem jumped up before six o'clock and went to his work, whilst Lazy Lawrence sauntered about without knowing what to do with himself. In the course of two days he laid out sixpence of his money in apples and gingerbread; and as long as these lasted, he found himself well received by his companions; but at length the third day he spent his last halfpenny, and when it was gone, unfortunately some nuts tempted him very much, but he had no money to pay for them; so he ran home to coax his father, as he called it.

When he got home he heard his father talking very loud, and at first he thought he was drunk; but when he opened the kitchen door, he saw that he was not drunk, but angry.

'You lazy dog!' cried he, turning suddenly upon Lawrence,[37] and gave him such a violent box on the ear as made the light flash from his eyes; 'you lazy dog! See what you've done for me—look!—look, look, I say!'

Lawrence looked as soon as he came to the use of his senses, and with fear, amazement, and remorse beheld at least a dozen bottles burst, and the fine Worcestershire cider streaming over the floor.

'Now, did not I order you three days ago to carry these bottles to the cellar, and did not I charge you to wire the corks? answer me, you lazy rascal; did not I?' 'Yes,' said Lawrence, scratching his head. 'And why was not it done, I ask you?' cried his father, with renewed anger, as another bottle burst at the moment. 'What do you stand there for, you lazy brat? why don't you move, I say? No, no,' catching hold of him, 'I believe you can't move; but I'll make you.' And he shook him till Lawrence was so giddy he could not stand. 'What had you to think of? What had you to do all day long, that you could not carry my cider, my Worcestershire cider, to the cellar when I bid you? But go, you'll never be good for anything; you are such a lazy rascal—get out of my sight!' So saying, he pushed him, out of the house door, and Lawrence sneaked off, seeing that this was no time to make his petition for halfpence.

The next day he saw the nuts again, and wishing for them more than ever, he went home, in hopes that his father, as he said to himself, would be in a better humour. But the cider was still fresh in his recollection; and the moment Lawrence began to whisper the word 'halfpenny' in his ear, his father swore with a loud oath, 'I will not give you a halfpenny, no, not a farthing, for a month to come. If you want money, go work for it; I've had enough of your laziness—go work!'

At these terrible words Lawrence burst into tears, and, going to the side of a ditch, sat down and cried for an hour; and when he had cried till he could cry no more, he exerted himself so far as to empty his pockets, to see whether there might not happen to be one halfpenny left; and, to his great joy, in the farthest corner of his pocket one halfpenny was found. With this he proceeded to the fruit-woman's stall. She was busy weighing out some plums, so he was obliged to wait; and whilst he was waiting he heard some people near him talking and laughing very loud.[38]



'See what you've done for me—look!—look, look, I say!'

'See what you've done for me—look!—look, look, I say!'

[39]The fruit-woman's stall was at the gate of an inn yard; and peeping through the gate in this yard, Lawrence saw a postilion and a stable-boy, about his own size, playing at pitch farthing. He stood by watching them for a few minutes. 'I began but with one halfpenny,' cried the stable-boy, with an oath, 'and now I've got twopence!' added he, jingling the halfpence in his waistcoat pocket. Lawrence was moved at the sound, and said to himself, 'If I begin with one halfpenny I may end, like him, with having twopence; and it is easier to play at pitch farthing than to work.'

So he stepped forward, presenting his halfpenny, offering to toss up with the stable-boy, who, after looking him full in the face, accepted the proposal, and threw his

halfpenny into the air. 'Head or tail?' cried he. 'Head,' replied Lawrence, and it came up head. He seized the penny, surprised at his own success, and would have gone instantly to have laid it out in nuts; but the stable-boy stopped him, and tempted him to throw it again. This time Lawrence lost; he threw again and won; and so he went on, sometimes losing, but most frequently winning, till half the morning was lost. At last, however, finding himself the master of three halfpence, he said he would play no more.

The stable-boy, grumbling, swore he would have his revenge another time, and Lawrence went and bought his nuts. 'It is a good thing,' said he to himself, 'to play at pitch farthing; the next time I want a halfpenny I'll not ask my father for it, nor go to work neither.' Satisfied with this resolution, he sat down to crack his nuts at his leisure, upon the horse-block in the inn yard. Here, whilst he ate, he overheard the conversation of the stable-boys and postilions. At first their shocking oaths and loud wrangling frightened and shocked him; for Lawrence, though *lazy*, had not yet learned to be a *wicked* boy. But, by degrees, he was accustomed to the swearing and quarrelling, and took a delight and interest in their disputes and battles. As this was an amusement which he could enjoy without any sort of exertion, he soon grew so fond of it, that every day he returned to the stable yard, and the horse-block became his constant seat. Here he found some relief from the insupportable fatigue of doing nothing, and here, hour after hour, with his elbows on his knees and his head on his hands, he sat, the spectator of [40] wickedness. Gaming, cheating, and lying soon became familiar to him; and, to complete his ruin, he formed a sudden and close intimacy with the stable-boy (a very bad boy) with whom he had first begun to game.

The consequences of this intimacy we shall presently see. But it is now time to inquire what little Jem had been doing all this while.

One day, after Jem had finished his task, the gardener asked him to stay a little while, to help him to carry some geranium pots into the hall. Jem, always active and obliging, readily stayed from play, and was carrying in a heavy flower pot, when his mistress crossed the hall. 'What a terrible litter!' said she, 'you are making here—why don't you wipe your shoes upon the mat?' Jem turned to look for the mat, but he saw none. 'Oh,' said the lady, recollecting herself, 'I can't blame you, for there is no mat.' 'No, ma'am,' said the gardener, 'nor I don't know when, if ever, the man will bring home those mats you bespoke, ma'am.' 'I am very sorry to hear that,' said the lady; 'I wish we could find

somebody who would do them, if he can't. I should not care what sort of mats they were, so that one could wipe one's feet on them.'

Jem, as he was sweeping away the litter, when he heard these last words, said to himself, 'Perhaps I could make a mat.' And all the way home, as he trudged along whistling, he was thinking over a scheme for making mats, which, however bold it may appear, he did not despair of executing, with patience and industry. Many were the difficulties which his '*prophetic eye*' foresaw; but he felt within himself that spirit which spurs men on to great enterprises, and makes them 'trample on impossibilities.' In the first place, he recollected that he had seen Lazy Lawrence, whilst he lounged upon the gate, twist a bit of heath into different shapes; and he thought that, if he could find some way of plaiting heath firmly together, it would make a very pretty green, soft mat, which would do very well for one to wipe one's shoes on. About a mile from his mother's house, on the common which Jem rode over when he went to Farmer Truck's for the giant strawberries, he remembered to have seen a great quantity of this heath; and, as it was now only six o'clock in the evening, he knew that he should have time to feed Lightfoot, stroke[41] him, go to the common, return, and make one trial of his skill before he went to bed.

Lightfoot carried him swiftly to the common, and there Jem gathered as much of the heath as he thought he should want. But what toil! what time! what pains did it cost him, before he could make anything like a mat! Twenty times he was ready to throw aside the heath, and give up his project, from impatience of repeated disappointments. But still he persevered. Nothing *truly great* can be accomplished without toil and time. Two hours he worked before he went to bed. All his play hours the next day he spent at his mat; which, in all, made five hours of fruitless attempts. The sixth, however, repaid him for the labours of the other five. He conquered his grand difficulty of fastening the heath substantially together, and at length completely finished a mat, which far surpassed his most sanguine expectations. He was extremely happy—sang, danced round it—whistled—looked at it again and again, and could hardly leave off looking at it when it was time to go to bed. He laid it by his bedside, that he might see it the moment he awoke in the morning.

And now came the grand pleasure of carrying it to his mistress. She looked fully as much surprised as he expected, when she saw it, and when she heard who made it. After having duly admired it, she asked how much he expected for his mat. 'Expect!—Nothing, ma'am,' said Jem; 'I meant to give it you, if you'd have it; I did not mean to sell it. I made it

in my play hours, I was very happy in making it; and I'm very glad, too, that you like it; and if you please to keep it, ma'am, that's all.' 'But that's not all,' said the lady. 'Spend your time no more in weeding in my garden, you can employ yourself much better; you shall have the reward of your ingenuity as well as of your industry. Make as many more such mats as you can, and I will take care and dispose of them for you.'

'Thank'e, ma'am,' said Jem, making his best bow, for he thought by the lady's looks that she meant to do him a favour, though he repeated to himself, 'Dispose of them, what does that mean?'

The next day he went to work to make more mats, and he soon learned to make them so well and quickly, that he was surprised at his own success. In every one he made he found[42] less difficulty, so that, instead of making two, he could soon make four, in a day. In a fortnight he made eighteen.

It was Saturday night when he finished, and he carried, at three journeys, his eighteen mats to his mistress's house; piled them all up in the hall, and stood with his hat off, with a look of proud humility, beside the pile, waiting for his mistress's appearance. Presently a folding-door, at one end of the hall, opened, and he saw his mistress, with a great many gentlemen and ladies, rising from several tables.

'Oh! there is my little boy and his mats,' cried the lady; and, followed by all the rest of the company, she came into the hall. Jem modestly retired whilst they looked at his mats; but in a minute or two his mistress beckoned to him, and when he came into the middle of the circle, he saw that his pile of mats had disappeared.

'Well,' said the lady, smiling, 'what do you see that makes you look so surprised?' 'That all my mats are gone,' said Jem; 'but you are very welcome.' 'Are we?' said the lady, 'well, take up your hat and go home then, for you see that it is getting late, and you know Lightfoot will wonder what's become of you.' Jem turned round to take up his hat, which he had left on the floor.

But how his countenance changed! the hat was heavy with shillings. Every one who had taken a mat had put in two shillings; so that for the eighteen mats he had got thirty-six shillings. 'Thirty-six shillings,' said the lady; 'five and sevenpence I think you told me you had earned already—how much does that make? I must add, I believe, one other sixpence to make out your two guineas.'

'Two guineas!' exclaimed Jem, now quite conquering his bashfulness, for at the moment he forgot where he was, and saw nobody that was by. 'Two guineas!' cried he, clapping his hands together,—'O Lightfoot! O mother!' Then, recollecting himself, he saw his mistress, whom he now looked up to quite as a friend. 'Will *you* thank them all?' said he, scarcely daring to glance his eyes round upon the company; 'will *you* thank 'em, for you knew I don't know how to thank 'em *rightly*.' Everybody thought, however, that they had been thanked *rightly*. 'Now we won't keep you any longer, only,' said his mistress, 'I have one thing to ask you, that I may be by when you show your treasure to your mother.'

[43]

'Come, then,' said Jem, 'come with me now.' 'Not now,' said the lady, laughing; 'but I will come to Ashton to-morrow evening; perhaps your mother can find me a few strawberries.'

'That she will,' said Jem; 'I'll search the garden myself.'

He now went home, but felt it a great restraint to wait till to-morrow evening before he told his mother. To console himself he flew to the stable:—'Lightfoot, you're not to be sold on Monday, poor fellow!' said he, patting him, and then could not refrain from counting out his money. Whilst he was intent upon this, Jem was startled by a noise at the door: somebody was trying to pull up the latch. It opened, and there came in Lazy Lawrence, with a boy in a red jacket, who had a cock under his arm. They started when they got into the middle of the stable, and when they saw Jem, who had been at first hidden by the horse.

'We—we—we came,' stammered Lazy Lawrence—'I mean, I came to—to—to—' 'To ask you,' continued the stable-boy, in a bold tone, 'whether you will go with us to the cock-fight on Monday? See, I've a fine cock here, and Lawrence told me you were a great friend of his; so I came.'

Lawrence now attempted to say something in praise of the pleasures of cock-fighting and in recommendation of his new companion. But Jem looked at the stable-boy with dislike, and a sort of dread. Then turning his eyes upon the cock with a look of compassion, said, in a low voice, to Lawrence, 'Shall you like to stand by and see its eyes pecked out?' 'I don't know,' said Lawrence, 'as to that; but they say a cockfight's a fine sight, and it's no more cruel in me to go than another; and a great many go, and I've

nothing else to do, so I shall go.' 'But I have something else to do,' said Jem, laughing, 'so I shall not go.' 'But,' continued Lawrence, 'you know Monday is a great Bristol fair, and one must be merry then, of all the days in the year.' 'One day in the year, sure, there's no harm in being merry,' said the stable-boy. 'I hope not,' said Jem; 'for I know, for my part, I am merry every day in the year.' 'That's very odd,' said Lawrence; 'but I know, for my part, I would not for all the world miss going to the fair, for at least it will be something to talk of for half a year after. Come, you'll go, won't you?' 'No,' said Jem, still looking as if he did not like to talk before the ill-looking stranger. 'Then what will you do with all your[44] money?' 'I'll tell you about that another time,' whispered Jem; 'and don't you go to see that cock's eyes pecked out; it won't make you merry, I'm sure.' 'If I had anything else to divert me,' said Lawrence, hesitating and yawning. 'Come,' cried the stable-boy, seizing his stretching arm, 'come along,' cried he; and, pulling him away from Jem, upon whom he cast a look of extreme contempt; 'leave him alone, he's not the sort.'

'What a fool you are,' said he to Lawrence, the moment he got him out of the stable; 'you might have known he would not go, else we should soon have trimmed him out of his four and sevenpence. But how came you to talk of four and sevenpence? I saw in the manger a hat full of silver.' 'Indeed!' exclaimed Lawrence. 'Yes, indeed; but why did you stammer so when we first got in? You had like to have blown us all up.' 'I was so ashamed,' said Lawrence, hanging down his head. 'Ashamed! but you must not talk of shame now you are in for it, and I shan't let you off; you owe us half a crown, recollect, and I must be paid to-night, so see and get the money somehow or other.' After a considerable pause he added, 'I answer for it he'd never miss half a crown out of all that silver.' 'But to steal,' said Lawrence, drawing back with horror; 'I never thought I should come to that—and from poor Jem, too—the money that he has worked so hard for, too.' 'But it is not stealing; we don't mean to steal; only to borrow it; and if we win, which we certainly shall, at the cock-fight, pay it back again, and he'll never know anything about the matter, and what harm will it do him? Besides, what signifies talking? you can't go to the cock-fight, or the fair either, if you don't; and I tell ye we don't mean to steal it; we'll pay it by Monday night.'

Lawrence made no reply, and they parted without his coming to any determination.

Here let us pause in our story. We are almost afraid to go on. The rest is very shocking. Our little readers will shudder as they read. But it is better that they should know the truth and see what the idle boy came to at last.

In the dead of the night, Lawrence heard somebody tap at his window. He knew well who it was, for this was the signal agreed upon between him and his wicked companion. He trembled at the thoughts of what he was about to do, and lay^[45] quite still, with his head under the bedclothes, till he heard the second tap. Then he got up, dressed himself, and opened his window. It was almost even with the ground. His companion said to him, in a hollow voice, 'Are you ready?' He made no answer, but got out of the window and followed.

When he got to the stable a black cloud was just passing over the moon, and it was quite dark. 'Where are you?' whispered Lawrence, groping about, 'where are you? Speak to me.' 'I am here; give me your hand.' Lawrence stretched out his hand. 'Is that your hand?' said the wicked boy, as Lawrence laid hold of him; 'how cold it feels.' 'Let us go back,' said Lawrence; 'it is time yet.' 'It is no time to go back,' replied the other, opening the door: 'you've gone too far now to go back,' and he pushed Lawrence into the stable. 'Have you found it? Take care of the horse. Have you done? What are you about? Make haste, I hear a noise,' said the stable-boy, who watched at the door. 'I am feeling for the half-crown, but I can't find it.' 'Bring all together.' He brought Jem's broken flower-pot, with all the money in it, to the door.

The black cloud had now passed over the moon, and the light shone full upon them. 'What do we stand here for?' said the stable-boy, snatching the flower-pot out of Lawrence's trembling hands, and pulled him away from the door.

'Good God!' cried Lawrence, 'you won't take all. You said you'd only take half a crown, and pay it back on Monday. You said you'd only take half a crown!' 'Hold your tongue,' replied the other, walking on, deaf to all remonstrances—'if ever I am to be hanged, it shan't be for half a crown.'

Lawrence's blood ran cold in his veins, and he felt as if all his hair stood on end. Not another word passed. His accomplice carried off the money, and Lawrence crept, with all the horrors of guilt upon him, to his restless bed. All night he was starting from frightful dreams; or else, broad awake, he lay listening to every small noise, unable to stir, and

scarcely daring to breathe—tormented by that most dreadful of all kinds of fear, that fear which is the constant companion of an evil conscience.

He thought the morning would never come; but when it was day, when he heard the birds sing, and saw everything look cheerful as usual, he felt still more miserable. It was[46] Sunday morning, and the bell rang for church. All the children of the village, dressed in their Sunday clothes, innocent and gay, and little Jem, the best and gayest amongst them, went flocking by his door to church.

'Well, Lawrence,' said Jem, pulling his coat as he passed, and saw Lawrence leaning against his father's door, 'what makes you look so black?' 'I?' said Lawrence, starting; 'why do you say that I look black?' 'Nay, then,' said Jem, 'you look white enough now, if that will please you, for you're turned as pale as death.' 'Pale!' replied Lawrence, not knowing what he said, and turned abruptly away, for he dared not stand another look of Jem's; conscious that guilt was written in his face, he shunned every eye. He would now have given the world to have thrown off the load of guilt which lay upon his mind. He longed to follow Jem, to fall upon his knees and confess all.

Dreading the moment when Jem should discover his loss, Lawrence dared not stay at home, and not knowing what to do, or where to go, he mechanically went to his old haunt at the stable yard, and lurked thereabouts all day, with his accomplice, who tried in vain to quiet his fears and raise his spirits by talking of the next day's cock-fight. It was agreed that, as soon as the dusk of the evening came on, they should go together into a certain lonely field, and there divide their booty.

In the meantime, Jem, when he returned from church, was very full of business, preparing for the reception of his mistress, of whose intended visit he had informed his mother; and whilst she was arranging the kitchen and their little parlour, he ran to search the strawberry beds.

'Why, my Jem, how merry you are to-day!' said his mother, when he came in with the strawberries, and was jumping about the room playfully. 'Now, keep those spirits of yours, Jem, till you want 'em, and don't let it come upon you all at once. Have it in mind that to-morrow's fair day, and Lightfoot must go. I bid Farmer Truck call for him to-night. He said he'd take him along with his own, and he'll be here just now—and then I know

how it will be with you, Jem!' 'So do I!' cried Jem, swallowing his secret with great difficulty, and then tumbling head over heels four times running.[47]

A carriage passed the window, and stopped at the door. Jem ran out; it was his mistress. She came in smiling, and soon made the old woman smile, too, by praising the neatness of everything in the house.

We shall pass over, however important as they were deemed at the time, the praises of the strawberries, and of 'my grandmother's china plate.'

Another knock was heard at the door. 'Run, Jem,' said his mother. 'I hope it's our milk-woman with cream for the lady.' No; it was Farmer Truck come for Lightfoot. The old woman's countenance fell. 'Fetch him out, dear,' said she, turning to her son; but Jem was gone; he flew out to the stable the moment he saw the flap of Farmer Truck's greatcoat.

'Sit ye down, farmer,' said the old woman, after they had waited about five minutes in expectation of Jem's return. 'You'd best sit down, if the lady will give you leave; for he'll not hurry himself back again. My boy's a fool, madam, about that there horse.' Trying to laugh, she added, 'I knew how Lightfoot and he would be loth enough to part. He won't bring him out to the last minute; so do sit ye down, neighbour.'

The farmer had scarcely sat down when Jem, with a pale, wild countenance, came back. 'What's the matter?' said his mistress. 'God bless the boy!' said his mother, looking at him quite frightened, whilst he tried to speak but could not.

She went up to him, and then leaning his head against her, he cried, 'It's gone!—it's all gone!' and, bursting into tears, he sobbed as if his little heart would break. 'What's gone, love?' said his mother. 'My two guineas—Lightfoot's two guineas. I went to fetch 'em to give you, mammy; but the broken flower-pot that I put them in and all's gone!—quite gone!' repeated he, checking his sobs. 'I saw them safe last night, and was showing 'em to Lightfoot; and I was so glad to think I had earned them all myself; and I thought how surprised you'd look, and how glad you'd be, and how you'd kiss me, and all!'

His mother listened to him with the greatest surprise, whilst his mistress stood in silence, looking first at the old woman and then at Jem with a penetrating eye, as if she suspected the truth of his story, and was afraid of becoming the dupe of her own compassion.[48]



'What's the matter?' said his mistress. 'God bless the boy!' said his mother.

'What's the matter?' said his mistress. 'God bless the boy!' said his mother.

[49]

'This is a very strange thing!' said she gravely. 'How came you to leave all your money in a broken flower-pot in the stable? How came you not to give it to your mother to take care of?' 'Why, don't you remember?' said Jem, looking up in the midst of his tears—'why, don't you remember you, your own self, bid me not tell her about it till you were by?' 'And did you not tell her?' 'Nay, ask mammy,' said Jem, a little offended; and when afterwards the lady went on questioning him in a severe manner, as if she did not believe him, he at last made no answer. 'O Jem! Jem! why don't you speak to the lady?' said his mother. 'I have spoke, and spoke the truth,' said Jem proudly; 'and she did not believe me.'

Still the lady, who had lived too long in the world to be without suspicion, maintained a cold manner, and determined to wait the event without interfering, saying only that she hoped the money would be found, and advised Jem to have done crying.

'I have done,' said Jem; 'I shall cry no more.' And as he had the greatest command over himself, he actually did not shed another tear, not even when the farmer got up to go, saying he could wait no longer.

Jem silently went to bring out Lightfoot. The lady now took her seat, where she could see all that passed at the open parlour-window. The old woman stood at the door, and several idle people of the village, who had gathered round the lady's carriage examining it, turned about to listen. In a minute or two Jem appeared, with a steady countenance, leading Lightfoot, and, when he came up, without saying a word, put the bridle into Farmer Truck's hand. 'He *has been* a good horse,' said the farmer. 'He *is* a good horse!' cried Jem, and threw his arm over Lightfoot's neck, hiding his own face as he leaned upon him.

At this instant a party of milk-women went by; and one of them, having set down her pail, came behind Jem and gave him a pretty smart blow upon the back. He looked up. 'And don't you know me?' said she. 'I forget,' said Jem; 'I think I have seen your face before, but I forget.' 'Do you so? and you'll tell me just now,' said she, half opening her hand, 'that you forget who gave you this, and who charged you not to part with it, too.' Here she quite opened her large hand, and on the palm of it appeared Jem's silver penny.[50]

'Where?' exclaimed Jem, seizing it, 'oh, where did you find it? and have you—oh, tell me, have you got the rest of my money?' 'I know nothing of your money—I don't know what you would be at,' said the milk-woman. 'But where—pray tell me where—did you find this?' 'With them that you gave it to, I suppose,' said the milk-woman, turning away suddenly to take up her milk-pail. But now Jem's mistress called to her through the window, begging her to stop, and joining in his entreaties to know how she came by the silver penny.

'Why, madam,' said she, taking up the corner of her apron, 'I came by it in an odd way, too. You must know my Betty is sick, so I came with the milk myself, though it's not what I'm used to; for my Betty—you know my Betty?' said she, turning round to the old

woman, 'my Betty serves you, and she's a tight and stirring lassy, ma'am, I can assure——'

'Yes, I don't doubt it,' said the lady impatiently; 'but about the silver penny?' 'Why, that's true; as I was coming along all alone, for the rest came round, and I came a short cut across yon field—no, you can't see it, madam, where you stand—but if you were here——' 'I see it—I know it,' said Jem, out of breath with anxiety. 'Well—well—I rested my pail upon the stile, and sets me down awhile, and there comes out of the hedge—I don't know well how, for they startled me so I'd like to have thrown down my milk—two boys, one about the size of he,' said she, pointing to Jem, 'and one a matter taller, but ill-looking like; so I did not think to stir to make way for them, and they were like in a desperate hurry: so, without waiting for the stile, one of 'em pulled at the gate, and when it would not open (for it was tied with a pretty stout cord) one of 'em whips out with his knife and cuts it——Now, have you a knife about you, sir?' continued the milk-woman to the farmer. He gave her his knife. 'Here, now, ma'am, just sticking, as it were here, between the blade and the haft, was the silver penny. The lad took no notice; but when he opened it, out it falls. Still he takes no heed, but cuts the cord, as I said before, and through the gate they went, and out of sight in half a minute. I picks up the penny, for my heart misgave me that it was the very one my husband had had a long time, and had given against my voice to he,' pointing to Jem; 'and I charged him not to part with it; and, ma'am,[51] when I looked I knew it by the mark, so I thought I would show it to *he*,' again pointing to Jem, 'and let him give it back to those it belongs to.' 'It belongs to me,' said Jem, 'I never gave it to anybody—but——' 'But,' cried the farmer, 'those boys have robbed him; it is they who have all his money.' 'Oh, which way did they go?' cried Jem, 'I'll run after them.'

'No, no,' said the lady, calling to her servant; and she desired him to take his horse and ride after them. 'Ay,' added Farmer Truck, 'do you take the road, and I'll take the field way, and I'll be bound we'll have 'em presently.'

Whilst they were gone in pursuit of the thieves, the lady, who was now thoroughly convinced of Jem's truth, desired her coachman would produce what she had ordered him to bring with him that evening. Out of the boot of the carriage the coachman immediately produced a new saddle and bridle.

How Jem's eyes sparkled when the saddle was thrown upon Lightfoot's back! 'Put it on your horse yourself, Jem,' said the lady; 'it is yours.'

Confused reports of Lightfoot's splendid accoutrements, of the pursuit of thieves, and of the fine and generous lady who was standing at dame Preston's window, quickly spread through the village, and drew everybody from their houses. They crowded round Jem to hear the story. The children especially, who were fond of him, expressed the strongest indignation against the thieves. Every eye was on the stretch; and now some, who had run down the lane, came back shouting, 'Here they are! they've got the thieves!'

The footman on horseback carried one boy before him; and the farmer, striding along, dragged another. The latter had on a red jacket, which little Jem immediately recollected, and scarcely dared lift his eyes to look at the boy on horseback. 'Good God!' said he to himself, 'it must be—yet surely it can't be Lawrence!' The footman rode on as fast as the people would let him. The boy's hat was slouched, and his head hung down, so that nobody could see his face.

At this instant there was a disturbance in the crowd. A man who was half-drunk pushed his way forwards, swearing that nobody should stop him; that he had a right to see—and he *would* see. And so he did; for, forcing through all resistance, he staggered up to the footman just as he was lifting[52] down the boy he had carried before him. 'I *will*—I tell you I *will* see the thief!' cried the drunken man, pushing up the boy's hat. It was his own son. 'Lawrence!' exclaimed the wretched father. The shock sobered him at once, and he hid his face in his hands.

There was an awful silence. Lawrence fell on his knees, and in a voice that could scarcely be heard made a full confession of all the circumstances of his guilt.

'Such a young creature so wicked!' the bystanders exclaimed; 'what could put such wickedness in your head?' 'Bad company,' said Lawrence. 'And how came you—what brought you into bad company?' 'I don't know, except it was idleness.'

While this was saying, the farmer was emptying Lazy Lawrence's pockets; and when the money appeared, all his former companions in the village looked at each other with astonishment and terror. Their parents grasped their little hands closer, and cried, 'Thank God! he is not my son. How often when he was little we used, as he lounged about, to tell him that idleness was the root of all evil.'

As for the hardened wretch, his accomplice, every one was impatient to have him sent to gaol. He put on a bold, insolent countenance, till he heard Lawrence's confession;

till the money was found upon him; and he heard the milk-woman declare that she would swear to the silver penny which he had dropped. Then he turned pale, and betrayed the strongest signs of fear.

'We must take him before the justice,' said the farmer, 'and he'll be lodged in Bristol gaol.'

'Oh!' said Jem, springing forwards when Lawrence's hands were going to be tied, 'let him go—won't you?—can't you let him go?' 'Yes, madam, for mercy's sake,' said Jem's mother to the lady; 'think what a disgrace to his family to be sent to gaol.'

His father stood by wringing his hands in an agony of despair. 'It's all my fault,' cried he; 'brought him up in *idleness*.' 'But he'll never be idle any more,' said Jem; 'won't you speak for him, ma'am?' 'Don't ask the lady to speak for him,' said the farmer; 'it's better he should go to Bridewell now, than to the gallows by and by.'

Nothing more was said; for everybody felt the truth of the farmer's speech.[53]

Lawrence was eventually sent to Bridewell for a month, and the stable-boy was sent for trial, convicted, and transported to Botany Bay.

During Lawrence's confinement, Jem often visited him, and carried him such little presents as he could afford to give; and Jem could afford to be *generous*, because he was *industrious*. Lawrence's heart was touched by his kindness, and his example struck him so forcibly that, when his confinement was ended, he resolved to set immediately to work; and, to the astonishment of all who knew him, soon became remarkable for industry. He was found early and late at his work, established a new character, and for ever lost the name of '*Lazy Lawrence*.'

Anexo 1

As peripécias de Lawrence, o preguiçoso

No bonito vale de Ashton vivia uma viúva chamada Preston. Tinha uma pequena casa com uma horta muito bem cuidada. E era dessa horta que tirava o seu sustento. Aí, cultivava morangos e usava uma pequena parcela para flores. Destas fazia raminhos que enviava para os mercados de Clifton e Bristol onde eram vendidos. Quanto aos morangos, não os vendia no mercado, porque, durante o Verão, vinham muitas pessoas de Bristol que os compravam para piqueniques nos parques de Ashton, onde era hábito comer morangos com natas.

A senhora Preston era uma pessoa tão bem disposta, prestável e cheia de energia que agradava a todos quantos a visitavam. Viveu desta forma durante vários anos. Até que, num certo outono, a pobre coitada adoeceu e, durante a sua enfermidade, tudo começou a correr mal. A horta ficou ao abandono, a vaca morreu e todo o dinheiro que tinha amealhado foi gasto em medicamentos. Passou o Inverno e a viúva, fraca demais para trabalhar, pouco dinheiro ganhou. Por isso, quando chegou o Verão, não tinha amealhado dinheiro suficiente para pagar a renda. Implorou ao senhorio que lhe desse mais alguns meses, os quais lhe foram concedidos. Porém, ao fim desse tempo, sem outros recursos, nada mais lhe restava senão vender o seu cavalo, o Ligeiro. Apesar de já ter visto dias melhores, o Ligeiro ainda era muito estimado. Quando era novo, transportava sempre a sua dona até ao mercado, atrás do marido. Agora era Jem, o filho deles, que o montava. Jem era responsável por alimentar e tratar do Ligeiro, tarefa a que nunca fugia, pois era um rapaz muito amável e trabalhador.

“O meu Jem vai ficar de coração partido”, pensou a senhora Preston com os seus botões, uma noite enquanto estava sentada junto ao lume, mexendo nas brasas. Meditava na melhor forma de dar a notícia ao filho, que estava sentado à sua frente a comer, cheio de apetite, uma côdea seca de pão, como jantar.

— Tens muita fome, Jem? — perguntou a mãe.

— Apetite e força nunca me faltam!

— Ah! Pois, não admira, trabalhaste arduamente, não é verdade? — Trabalhei muito! Se não estivesse tão escuro, gostava que fosses ver o canteiro. Tenho a certeza que dirias que eu tinha feito um bom dia de trabalho e, mãe, tenho boas notícias. O agricultor Truck vai dar-nos morangos gigantes e eu vou buscá-los amanhã de manhã e estarei de volta ainda antes do pequeno-almoço.

— Deus abençoe este rapaz! Como é trabalhador, vai pôr-se tão cedo a caminho e percorrer mais de oito milhas.

— Mãe, tu sabes que em cima do Ligeiro não custa nada, não é verdade?

— Eu sei, filho.

— Porque estás a suspirar, mãe?

— Acaba de jantar, rapaz.

— Já acabei! — exclamou Jem, engolindo o último pedaço apressadamente, como se achasse que já tinha perdido tempo demais a jantar. — E agora ao trabalho. Antes de me deitar ainda tenho de consertar o cabresto do Ligeiro.

Sentou-se junto à lareira a trabalhar. A mãe começou a dizer, enquanto avivava, uma vez mais, o lume:

— O Ligeiro anda coxo?

— O Ligeiro? Não, nem pensar. Nunca esteve tão bem. Parece que rejuvenesceu e isso vê-se. Engordou tanto que quase não consegue abanar a cauda.

— É verdade, Deus o abençoe. Temos de o ter bem tratado.

— Por que estás a dizer isso, mãe?

— Porque vai ser vendido na feira da próxima semana.

— *Vender* o Ligeiro? — gritou Jem, enquanto deixava cair o cabresto da mão. — *Tens coragem* de o vender, mãe?

— *Não é fácil*, Jem, mas *tenho de o vender*.

— *Tens de o vender? Porquê?* Por que tens de o vender, mãe?

— Meu filho, tem de ser. Porquê? Então eu não tenho de pagar as minhas dívidas? Tenho de pagar a renda que já está tão atrasada. Sou uma pessoa honesta e prometi pagar a renda, sem falta, desta segunda-feira a quinze dias e ainda me faltam duas moedas de ouro. Não tenho outra forma de arranjar o dinheiro, se não vender o Ligeiro.

Não adianta falarmos mais sobre este assunto — disse a viúva, apoiando a cabeça no braço — *Temos* de o vender.

Jem ficou em silêncio por uns minutos.

— Mas duas moedas de ouro, isso é muito dinheiro. Mesmo que trabalhasse sem parar, nunca conseguiria ganhar essa *quantia* até segunda-feira, pois não mãe?

— Deus nos valha, claro que não, nem que te matasses a trabalhar.

— Mas, mesmo assim, conseguia ganhar *algum* dinheiro, tenho a certeza — afirmou Jem orgulhosamente. — Vou tentar, mesmo que seja pouco, *há-de ser alguma coisa*. Farei o meu melhor, está decidido.

— Eu sei que sim, meu filho — disse a mãe, puxando-o para ela enquanto lhe dava um beijo.— Sempre foste um bom rapaz, muito trabalhador, sempre, *não me canso de o repetir*, mas agora isso não chega. *Temos* de vender o Ligeiro.

Jem virou-se, tentando esconder as lágrimas, e foi para a cama sem dizer mais nada. Como sabia que chorar não resolvia o problema, imediatamente secou as lágrimas e ficou acordado a pensar numa forma de salvar o seu cavalo.

“Mesmo que ganhe pouco dinheiro sempre é *melhor do que nada* e quem sabe se o senhorio não esperará mais algum tempo? Assim talvez consiga juntar a *quantia* necessária, porque pouco a pouco enche a galinha o papo”, pensava consigo mesmo.

A questão era como iria ele fazer para ganhar os primeiros cobres. Lembrou-se então que, quando o tinham mandado vender flores a Clifton, tinha visto uma velhinha a vender umas pedras brilhantes. Muitas pessoas paravam para ver e compravam, umas davam uma moeda de cobre, outras três, e houve mesmo quem desse seis moedas de cobre. Tinha-a ouvido dizer que as apanhara nos montes ali perto. Então pensou que podia tentar encontrar algumas e vendê-las.

De manhã muito cedo, saltou da cama entusiasmado com a ideia, vestiu-se e, depois de ir ao estábulo espreitar o Ligeiro, partiu para Clifton, à procura da velha, para lhe perguntar onde podia encontrar aquelas pedras brilhantes. Mas ainda era tão cedo que a mulher não estava lá e, por isso, regressou a casa muito desapontado. Não desperdiçou tempo à espera dela, aparelhou o Ligeiro e foi ter com o agricultor Truck para ir buscar os morangos gigantes.

Passou a manhã a plantar os morangos e, assim que terminou a tarefa, partiu de novo à procura da mulher. Ficou muito feliz quando a viu sentada com o seu tabuleiro, na esquina do costume. Mas a mulher era surda e estava mal-humorada e, quando

finalmente Jem conseguiu que ela ouvisse a pergunta, a única resposta que obteve foi que ele nunca seria capaz de encontrar os fósseis.

— Mas posso, ao menos, procurar onde costuma ir?

— Procura à vontade, ninguém te impede — respondeu a mulher e não disse nem mais uma palavra.

Jem não desistia facilmente. Foi até às rochas, andando devagar e olhando para todas as pedras que via. Passado pouco tempo, encontrou um grupo de trabalhadores que estava a partir umas pedras enormes e um deles baixou-se, procurando algo avidamente. Jem foi ter com ele a correr e perguntou se o podia ajudar.

— Sim, podes — disse o homem. — Deixei agora mesmo cair uma bela pedra de cristal que apanhei hoje neste monte.

— Como é? — Perguntou Jem.

— É branca e parece vidro — respondeu o homem. E voltou ao trabalho, enquanto Jem continuou, ainda por muito tempo, a procurar a pedra, cuidadosamente, por entre o monte de entulho.

— Anda, não te preocupes, meu rapaz, nunca mais a encontras — disse o homem.

— Não me custa nada, vou procurar mais um pouco. Não vamos desistir tão depressa — respondeu Jem e, após ter procurado mais algum tempo, encontrou a pedra.

— Muito obrigado — agradeceu o homem. — Tu és um rapaz muito persistente e trabalhador.

Encorajado por estas palavras, Jem aventurou-se a fazer-lhe as mesmas perguntas que tinha feito à mulher.

— As boas acções são sempre recompensadas — replicou o homem. — Agora vamos almoçar e depois terminamos o trabalho por hoje. Espera aqui por mim, verás que vai valer a pena.

Jem esperou e, enquanto observava atentamente o trabalho dos homens, ouviu alguém a bocejar perto dele. Quando se virou, viu um rapaz, mais ao menos da sua idade, deitado na erva, junto à margem do rio. Já o tinha visto em Ashton. Chamavam-lhe Lawrence, o preguiçoso, alcunha que era bem merecida, porque passava os dias sem fazer nada. Não brincava, não trabalhava, andava sempre a vaguear ou a deambular enquanto bocejava. O pai era taberneiro e, como estava quase sempre embriagado, não tomava conta do filho. E assim Lawrence, o preguiçoso, cresceu sem eira nem beira, tornando-se cada dia mais preguiçoso. Contudo, alguns vizinhos diziam que não era

mau rapaz, só um pobre coitado, que não fazia mal a uma mosca, enquanto outros, talvez mais sensatos, abanavam a cabeça e diziam-lhe que a preguiça era mãe de todos os vícios.

— Lawrence! — gritou Jem quando o viu deitado na erva. — Estás a dormir?

— Mais ao menos.

— Estás acordado?

— Mais ao menos.

— O que estás a fazer aí?

— Nada.

— Em que estás a pensar?

— Em nada.

— Então por que estás aí deitado?

— Estou aborrecido, não encontro ninguém para brincar comigo. Queres vir brincar?

— Não posso, estou ocupado.

— Ocupado?— exclamou Lawrence, enquanto se espreguiçava.— Estás sempre ocupado.

Não gostava nada de ser como tu, sempre ocupado com alguma coisa.

— E eu, por nada deste mundo, queria ser como tu e passar os dias sem ter nada para fazer — retorquiu Jem, rindo.

Nessa altura, separaram-se, quando o trabalhador chamou Jem para que fosse com ele. Levou-o à sua casa e mostrou-lhe as pedras que tinha reunido, segundo ele com a intenção de as vender, mas nunca tendo tempo para o fazer. Agora, porém, estava decidido e, depois de escolher as melhores, colocou-as num cesto e deu-as a Jem para as vender, com a condição de dividirem o produto da venda. Jem ficou muito feliz por ter encontrado um trabalho e, se a mãe o deixasse, aceitaria a proposta de imediato. Quando chegou a casa, à hora do jantar, contou à mãe o que se passara. Ela sorriu e deu-lhe permissão, pois não receava que ele se ausentasse de casa.

—Tu és um rapaz muito responsável — disse ela. — Portanto, não me parece que arranjes problemas.

Então, logo nessa tarde, Jem pôs-se a caminho, com o seu pequeno cesto. Seguiu pela margem do rio, até ao local onde as pessoas desembarcavam do barco, perto da passagem que ia dar aos poços, onde entretanto paravam, quase sempre, para matar a sede. Tinha escolhido um bom sítio e ali, com grande zelo, mostrava as pedras a quem passasse. Porém, ninguém lhe comprou nada.

— Olá! — gritaram uns marujos que acabavam de chegar num barco a remos. — Amiguinho, dá-nos uma ajuda e levas estes embrulhos até aquela casa acolá?

Jem foi imediatamente buscar os embrulhos, fazendo tão depressa o que lhe pediram que o mestre do barco reparou nele. E, quando se ia embora, chamou-o, perguntando-lhe o que tinha ele na cesta. Quando viu as pedras, disse a Jem que fosse com ele. Ia levar umas conchas ali perto, a casa de uma senhora, que estava a construir um nicho.

— Pode ser que ela te compre as pedras. Vamos lá, meu rapaz, não custa nada tentar.

A senhora morava ali próximo e num instante chegaram lá. Estava sozinha na sala de estar, a separar um feixe de penas, de várias cores, que ia colocando numa folha de papel, na banquetta que ficava por baixo da janela. Quando o marujo foi dar a volta à mesa para mostrar as suas conchas, deitou abaixo a folha de papel e espalhou as penas. Jem reparou que a senhora ficara aborrecida e, enquanto, ela estava ocupada a ver as conchas que o mestre tinha trazido, aproveitou para apanhar as penas, separando-as por cores, como a tinha visto fazer, quando entrara na sala.

— Onde está o rapazinho que vinha consigo? Pareceu-me vê-lo ainda agora.

— Estou aqui, minha senhora, — disse logo Jem, saindo de baixo da mesa, com o resto das penas que apanhara na carpete.

— Minha senhora — acrescentou. — Pensei que era melhor fazer alguma coisa em vez de estar parado sem fazer nada.

Ela sorriu e, satisfeita com a sua atitude e ingenuidade, começou a fazer-lhe perguntas. Quis saber quem era, onde vivia, o que fazia e quanto conseguia ganhar por dia com a venda das pedras.

— Este é o meu primeiro dia, nunca o tinha feito — respondeu Jem. — Até agora ainda não vendi nada. E se a senhora não as comprar, acho que mais ninguém o fará. Já tentei toda a gente.

— Se é assim, tenho de as comprar todas — disse a senhora, rindo. Então, vazou a cesta e colocou lá dentro uma moeda de prata.

Os olhos de Jem brilharam de alegria.

— Oh, muito, muito obrigada, minha senhora — agradeceu. — Amanhã trago mais, de certeza.

— Podes trazer, mas não quer dizer que amanhã te dê mais meia coroa — respondeu a senhora.

— Mas posso tentar.

— Não te iludas — disse a senhora. — Garanto que não. Porque *assim*, em vez de te encorajar a seres um rapazinho trabalhador e esforçado, iria estar a habituar-te mal.

Jem não compreendeu o que ela queria dizer, mas respondeu:

— Se a senhora soubesse, eu não quero ficar sem fazer nada, mas preciso muito de ganhar mais dinheiro e não sei como.

— *Se eu soubesse o quê?* Não me queres contar?— perguntou a senhora.

— Se soubesse o que vai acontecer ao Ligeiro.

— Quem é o Ligeiro?

— É o cavalo da mamã — disse Jem, olhando pela janela.— Tenho de me despachar e ir para casa dar-lhe de comer, antes que fique escuro. Deve estar a estranhar a minha demora.

— Ele pode esperar mais um pouco, acaba de me contar a tua história — disse a senhora.

— Não é uma história, minha senhora, mas antes um grande problema. A minha mãe disse que, se não conseguir o dinheiro para pagar a renda, terá de vender o Ligeiro na feira, que é daqui a quinze dias, na segunda-feira. E isso vai ser um grande desgosto para mim, porque gostamos muito um do outro. Vou esforçar-me e trabalhar tudo o que puder para evitar que o Ligeiro seja vendido. A minha mãe diz que um rapazito como eu tem poucas hipóteses de conseguir ganhar tanto dinheiro, em tão poucos dias.

— Estás disposto a trabalhar arduamente? — perguntou a senhora. — Sabes, há uma grande diferença entre apanhar umas pedras de vez em quando e trabalhar todos os dias, de manhã até à noite.

— Mas eu trabalharia todos os dias sem parar — afirmou Jem.

— Então vais trabalhar para mim. Vem amanhã de manhã e o meu jardineiro vai ensinar-te a podar os arbustos. Mas lembra-te, tens de ser pontual, às seis horas tens de estar ao portão. Jem aceitou e, agradecendo, saiu.

Era já muito tarde e Jem estava impaciente para chegar a casa e dar de comer ao Ligeiro. Todavia lembrava-se da sua promessa ao homem que lhe confiara as pedras para vender. Tinha de lhe dar metade do lucro que conseguira com a venda das pedras. Então pensou que seria melhor ir ter com ele quanto antes e lá foi a correr, junto à margem do rio, até lá chegar. O homem acabava de regressar do trabalho e ficou muito surpreendido, quando Jem lhe mostrou a moeda de prata, dizendo:

— Veja o que ganhei, como combinado, aqui está a sua parte.

— Não posso aceitar — disse o homem quando ouviu a história.— Foste tu que a ganhaste. Não contava conseguir tanto dinheiro com a venda das pedras, por isso, quero apenas um quinto do que conseguiste e é só isso que aceito. Mulher, dá o troco ao rapaz e guarda o restante.

Então a mulher abriu uma velha luva e tirou de lá o dinheiro. Quase ao mesmo tempo, o homem meteu lá a mão e tirou uma moeda de cobre.

— Tenho esta moeda desde que me lembro. Toma, é um prémio pela tua honestidade, será a tua moeda da sorte.

— Vê lá o que fazes com ela! — clamou a mulher.

— Ele é que sabe o que quer fazer com a moeda — disse o homem.

— Mas ele vai gastá-la em guloseimas e para isso qualquer moeda serve, não precisas de lhe dar a tua moeda de estimação — argumentou a mulher.

— Prometo que nunca a gastarei — retorquiu Jem. De seguida, foi a correr para casa tratar do Ligeiro, fez-lhe festas e foi-se deitar. Levantou-se às cinco da manhã e foi para o trabalho muito feliz, a cantar como uma cotovia.

Durante quatro dias trabalhou arduamente e a senhora, quando ao fim do dia ia passear pelo jardim, reparava no seu trabalho. Por fim, disse ao jardineiro:

— Este rapazinho é muito trabalhador.

— É o melhor ajudante que já tive. Nunca está quieto e trabalha o dobro dos outros. O dobro dos outros, minha senhora! Veja, começou aqui ao pé daquela roseira e já vai aí onde a senhora está. Repare no trabalho que fez o outro rapaz, três anos mais velho. Digo-lhe, minha senhora, este rapaz merece ganhar mais do que os outros.

— Muito bem, diga-me quantas horas deve trabalhar um rapaz desta idade — pediu a senhora ao jardineiro.

— Das seis às seis? Mais ao menos isto, minha senhora — respondeu o jardineiro, enquanto demarcava um pedaço do canteiro com a pá.

— Sendo assim, rapazinho, este será o teu trabalho todos os dias. O jardineiro marca-te a tarefa e, quando terminares, estás livre, podes fazer o que quiseres — disse a senhora.

Jem ficou extremamente contente. No dia seguinte, por volta das quatro horas já tinha terminado a tarefa e por isso ficou com o resto da tarde livre. Gostava tanto de brincar como qualquer outro rapazinho e, quando podia, entregava-se às brincadeiras com entusiasmo e alegria, como se pode imaginar. Assim que acabou o trabalho, tratou do Ligeiro, guardou as seis moedas de cobre que tinha ganhado nesse dia e foi a correr

para o largo da aldeia, onde encontrou um grupo de rapazes a jogar. Entre eles estava também Lawrence, o preguiçoso, o qual, por sinal, não estava a brincar, mas encostado a um portão com o dedo na boca. Estavam a jogar à bola e Jem juntou-se a eles, sendo o mais entusiasta de todos. Até que ficou sem fôlego e foi obrigado a descansar. Sentou-se num degrau perto do portão onde Lawrence, o preguiçoso, se balouçava.

— Porque é que não brincas connosco, Lawrence? — perguntou.

— Estou cansado — respondeu ele.

— Cansado de quê?

— Não sei bem. A minha avó diz que estou doente e que tenho de tomar alguma coisa. Não sei o que tenho.

— Deixa-te de histórias. Dá uma boa corrida. Vá lá, um, dois, três! Vais ver que te sentes melhor. Vamos lá, um, dois, três!

— A sério, não consigo correr — argumentou, inclinando-se com dificuldade. — Posso brincar o dia todo, por isso não me apetece tanto como tu, que só tens uma hora.

— Tu é que perdes. Anda lá, já descansei. Vamos jogar um pouco à bola?

— Já te disse que não posso. Estou tão cansado como se tivesse trabalhado que nem um cavalo todo o dia.

— Dez vezes mais cansado — porque trabalhei todo o dia que nem um cavalo e, como podes ver, não estou cansado, só um pouco ofegante — disse Jem.

— Isso é muito estranho — disse Lawrence e bocejou à falta de uma resposta melhor.

Depois tirou umas moedas do bolso.

— Olha o que o meu pai me deu hoje. Sei quando lhe hei-de pedir. Quando bebe um pouco demais consigo o que quero dele. Vê, uma moeda, duas moedas, três moedas, quatro moedas, oito moedas de cobre ao todo. *Não gostavas de ter tanto dinheiro?*

— Para quê? Olha que não sei — disse Jem rindo. — Tu tens esse dinheiro todo e *não pareces feliz*.

— Isso não quer dizer nada. Tenho a certeza que dizes isso porque tens inveja de mim. Sabes lá o que é ter tanto dinheiro, nunca tiveste tanto dinheiro em toda a tua vida.

Jem sorriu e disse:

— Aí é que tu te enganas. Tenho muito mais dinheiro do que isso. Deixa-me ver, duas moedas de prata, da venda das pedras, cinco dias de trabalho a seis moedas de cobre, são três moedas de prata! Ah! E a minha moeda de cobre. São cinco moedas de prata e uma de cobre!

— Não tens nada, só acredito se vir — retorquiu Lawrence, levantando-se e pondo--se muito direito.

— Então vem comigo — exclamou Jem. — Vais ver se é verdade, ou não, o que estou a dizer.

— Ainda falta muito? — perguntou Lawrence, seguindo atrás dele, meio a correr, meio a coxear, até que conseguiu chegar ao estábulo, onde Jem lhe mostrou o seu tesouro.

— Como conseguiste juntar tanto dinheiro? Foi honestamente?

— Claro que foi honestamente. Ganhei-o com o meu trabalho.

— Deus me livre, a trabalhar! Penso muitas vezes em trabalhar, mas depois começa a fazer tanto calor. Além disso, a minha avó diz que não sou suficientemente forte para fazer trabalhos pesados. E, na verdade, não preciso de trabalhar, pois sei como conseguir dinheiro do meu pai. O que vais fazer com esse dinheiro todo?

— Isso é segredo — disse Jem muito satisfeito.

— Imagino, sei o que fazia se fosse meu. Primeiro comprava mãos cheias de guloseimas, depois maçãs e nozes. Não gostas de nozes? Comprava nozes que durassem até ao Natal e punha o pequeno Newton a parti-las para mim. O que me aborrece nas nozes é que temos de as partir para as comer.

— Tu nem uma noz mereces comer.

— Mas tu vais dar-me algumas das tuas — disse Lawrence, em tom bajulador, pois achava mais fácil pedinchar do que trabalhar. — Vais partilhar comigo as tuas guloseimas, não vais?

— Não vou gastar o meu dinheiro em guloseimas — respondeu Jem.

— Então o que vais fazer com tanto dinheiro?

— Sei muito bem o que vou fazer com o dinheiro, mas já te disse, é segredo e não vou contar a ninguém. Vamos mas é embora antes que o jogo acabe.

Lawrence regressou com ele, cheio de curiosidade e aborrecido consigo próprio por só ter oito moedas de cobre.

“Como eu gostava de ter aquele dinheiro todo”, dizia para si mesmo. “Ficava muito contente!”

No dia seguinte, como habitualmente, Jem levantou-se antes das seis horas da manhã e foi trabalhar. Enquanto isso, Lawrence, o preguiçoso, vagueou sem saber o que fazer para passar o tempo. Apenas em dois dias gastou boa parte do seu dinheiro em

maçãs e guloseimas e enquanto durou teve muitos amigos. No terceiro dia, já sem dinheiro, viu umas nozes com óptimo aspecto. Resolveu então ir a casa tentar “convencer” o pai, como gostava de se gabar.

Ao chegar a casa ouviu o pai a falar muito alto. De início, pensou que talvez ele tivesse bebido demais, mas quando abriu a porta da cozinha viu que não era nada disso. Afinal, o pai estava muito zangado.

— Seu malandro! — gritou, virando-se subitamente para Lawrence, ao mesmo tempo que lhe dava um valente puxão de orelhas. — Seu malandro! Olha o que me fizeste. Olha! Olha!

Assim que recuperou, Lawrence viu, muito assustado e pesaroso, um monte de garrafas partidas e a cidra espalhada pelo chão.

— Eu não te disse, há três dias, que arrumasses estas garrafas na adega e que prendesses bem as rolhas com arame? Responde seu mandrião! Disse ou não disse?

— Sim — respondeu Lawrence, coçando a cabeça.

— Então porque não o fizeste?— bradou o pai, agora ainda mais zangado, após mais uma garrafa ter estourado.

— Porque estás aí parado, seu calão? Não ouves o que te digo? Mexe-te! Eu já te ponho a mexer — e abanou-o até que Lawrence ficou muito tonto e não aguentava mais.

— O que é que tens na cabeça? O que tens na cabeça? Por onde andaste todo o dia que não arrumaste a cidra na adega, a minha bela cidra, como te mandei fazer? Desaparece da minha vista, não prestas para nada, seu preguiçoso incorrigível.

Enquanto dizia isto empurrou-o para fora de casa e Lawrence aproveitou para escapar, sabendo que não era o momento certo para pedir mais dinheiro.

No dia seguinte, viu as nozes de novo e como lhe apeteciam mais do que nunca, foi para casa cheio de esperança em que o pai estivesse mais bem-disposto. Mas a lembrança do que se tinha passado na véspera estava ainda muito viva e assim que Lawrence lhe sussurrou o pedido ao ouvido, o pai, muito exaltado, jurou-lhe:

— Durante um mês não te dou nem mais uma moeda, nem mais uma moeda. Estou farto da tua preguiça. Se queres dinheiro vai trabalhar, seu preguiçoso!

Ao ouvir estas palavras, Lawrence desatou num pranto, foi sentar-se na berma do caminho e lá ficou a chorar por mais de uma hora. Quando já não conseguia chorar mais, remexeu mais uma vez nos bolsos, não fosse por acaso ter ficado uma moeda

esquecida e, para sua grande alegria, lá estava uma moeda, escondida na prega do bolso. Sem perder tempo foi à tenda da fruta.

A mulher estava ocupada a pesar umas ameixas e ele teve de esperar. Enquanto isso, ouviu alguém perto dele a rir e a falar muito alto. A tenda da fruta ficava perto do portão do pátio de uma estalagem. Lawrence aproveitou para espreitar e viu um ajudante de cocheiro e um rapaz do estábulo, mais ao menos da sua idade, a jogar à moeda. Ficou a olhar para eles durante alguns minutos.

— Comecei apenas com uma moeda de cobre e agora já tenho quatro — apregoava o ajudante do estábulo, enquanto fazia tilintar as moedas no bolso do colete. Lawrence sentiu-se inspirado ao ouvir estas palavras e pensou consigo mesmo: “Quem sabe se eu também começar com uma moeda de cobre consigo ganhar tanto como ele e sempre é mais fácil jogar do que trabalhar.

E se bem o pensou, bem o fez. Avançou, mostrando a sua moeda, para desafiar o ajudante do estábulo. Este, depois de o olhar nos olhos, aceitou e lançou a sua moeda ao ar.

— Cara ou coroa? — perguntou ele.

— Cara — respondeu Lawrence e foi cara que saiu. Agarrou na moeda, ainda surpreso com o resultado, e se não fosse o ajudante do estábulo tê-lo desafiado para mais um jogo teria ido logo gastá-la em nozes. Desta vez Lawrence perdeu, porém continuou a jogar pela manhã fora, ganhando mais jogos do que perdendo. Até que, por fim, quando lhe pareceu que tinha dinheiro suficiente, disse que não queria continuar a jogar.

O outro rapaz ficou a resmungar, jurando que havia de se desferrar e Lawrence lá foi comprar as nozes. Enquanto isso pensava com os seus botões, que jogar à moeda era uma forma fácil de ganhar dinheiro, “Da próxima vez que precisar de dinheiro não tenho de trabalhar, nem de pedir ao meu pai”. Feliz com a sua decisão, sentou-se com todo o vagar nos degraus do pátio da estalagem, a partir as suas nozes. Enquanto comia, ouviu a conversa entre os ajudantes de estábulo e os ajudantes dos cocheiros. No início, a discussão e os insultos assustaram-no, porque Lawrence, era *preguiçoso*, mas não era *mal-educado*. Aos poucos, foi-se habituando às zaragatas e aos palavrões e até se divertia com isso. Como esta diversão não lhe exigia nenhum esforço, rapidamente começou a gostar tanto que voltava todos os dias e, sentado nos degraus, passou a ser um espectador frequente. Ali aborrecia-se menos por não ter nada para fazer e, hora após hora, com os cotovelos em cima dos joelhos e a cabeça apoiada nas mãos, sentava-

se o aprendiz de maus comportamentos. Depressa aprendeu a jogar, a fazer batota e a mentir. Como se isso não bastasse, fez-se amigo do ajudante de estábulo, com quem tinha aprendido a jogar e que era uma péssima companhia.

Mais tarde veremos as consequências dessa amizade, agora é tempo de saber o que tem andado a fazer o pequeno Jem.

Um dia, já depois de Jem ter terminado as suas tarefas, o jardineiro pediu-lhe que ficasse um pouco mais, para o ajudar a levar uns vasos de gerânios para a sala. Jem, sempre atencioso e prestável, foi depressa fazer o que lhe pediam. Estava a carregar um pesado vaso de flores, quando a senhora apareceu na sala.

— Mas que desordem estás tu a fazer! Porque não limpaste os pés no tapete? — perguntou ela.

Jem olhou à sua volta à procura do tapete mas não viu nenhum.

— Oh, tu não tens culpa, não me lembrava que não há tapete — disse a senhora.

— Pois não, minha senhora, não sei quando serão entregues ou mesmo se alguma vez chegarão a vir os tapetes que encomendou — interveio o jardineiro.

— Lamento que assim seja. Mas se esse homem não os pode fazer, então precisamos de encontrar quem os faça. Não me interessa o material de que são feitos, o importante é que limpem bem os pés — respondeu a senhora.

Enquanto limpava o chão, Jem ouviu estas últimas palavras e pensou consigo mesmo que talvez conseguisse fazer um tapete. E, durante todo o caminho para casa, enquanto caminhava a assobiar, pensou na melhor forma de fazer o tapete e por mais complicado que parecesse, não desanimou, nem perdeu a vontade de o fazer. Sabia que não iria ser fácil, mas sentia-se animado por aquela força interior que leva os homens a realizarem grandes obras e a desvalorizarem as dificuldades. Lembrava-se que vira Lawrence, o preguiçoso, recostado no portão a entrançar um pouco de urze. Pensou que se o fizesse de forma a ficar resistente poderia fazer um bonito tapete verde, para limpar os pés.

Quando estava a cerca de uma milha da casa da mãe e ia a atravessar o baldio que percorrera a cavalo para ir buscar os morangos gigantes à quinta do Sr. Truck, recordou-se de ter visto por ali um grande campo de urze. Como ainda eram só seis da tarde, tinha tempo de tratar do Ligeiro, voltar ao baldio e regressar para experimentar a sua habilidade, antes de se deitar.

Montado no Ligeiro depressa chegou ao terreno e aí apanhou a quantidade de urze que achou ser suficiente para fazer o tapete. Mas que trabalho lhe deu, o que ele passou para conseguir fazer algo que se parecesse com um tapete. Após várias tentativas falhadas só lhe apetecia desistir. Quantas vezes esteve quase a atirar fora o trabalho. Porém, apesar de todas as contrariedades prosseguiu, *pois nada se consegue sem esforço*. Trabalhou até ir para a cama e, no dia seguinte, em vez de brincar dedicou-se ao tapete. Muitas foram as horas perdidas, pois, por mais que tentasse, não conseguia. Mas, de repente, todo o seu esforço começou a recompensar. Superou a maior dificuldade, conseguiu entrançar a urze, de forma a ficar resistente e terminou finalmente um tapete, cujo resultado ultrapassou em muito as suas expectativas mais optimistas. Estava tão feliz. Cantou, dançou, assobiou, olhou para o tapete vezes sem fim e não conseguiu deixar de o admirar até chegar a hora de ir para a cama. Colocou-o à cabeceira para que o pudesse ver mal acordasse, na manhã seguinte.

Que felicidade quando chegou o momento de o mostrar à senhora. Como ele antecipava, ela ficou surpreendida quando viu o tapete e quando soube quem o tinha feito. Depois de o ter olhado por algum tempo, perguntou-lhe quanto queria por ele.

— Não quero nada, minha senhora! — respondeu Jem. — Fi-lo depois das horas de trabalho, para lho oferecer, não para o vender. Fiquei muito feliz em fazê-lo e estou ainda mais feliz porque gostou dele. E é tudo.

— Não é tudo, não — disse a senhora. — Não deves perder o teu tempo a trabalhar no meu jardim. Podes arranjar algo muito melhor, o teu esforço e o teu talento serão recompensados. Faz o máximo de tapetes que conseguires e eu ajudo-te a livrares-te deles.

— Muito obrigada, minha senhora — disse Jem, enquanto fazia a sua melhor vénia. Mas, apesar de saber que ela se estava a oferecer para o ajudar, não parava de repetir para si próprio o que queria ela dizer com “livrares-te deles?”

No dia seguinte, começou a trabalhar nos tapetes. Depressa os aprendeu a fazer tão bem e tão depressa que não podia deixar de se admirar com o seu êxito. Com a prática passou a fazer quatro tapetes por dia, em vez de dois e em duas semanas fez dezoito tapetes.

Terminou os tapetes num sábado à noite e, em três viagens, conseguiu levá-los todos para a casa da antiga patroa. Empilhou-os na sala e ali ficou, ao lado do monte de tapetes, com o chapéu na mão, olhando com orgulho e humildade para o seu trabalho,

enquanto aguardava pela senhora. Passado pouco tempo, abriu-se uma porta ao fundo do corredor e ele viu a senhora com um grande grupo de convidados que se levantava das mesas.

— Aqui está o meu rapazinho, com os seus tapetes — disse ela. E entrou na sala acompanhada de várias pessoas. Jem era um rapazinho modesto e afastou-se, enquanto viam os tapetes. Quase de seguida a senhora acenou, chamando-o, e ele viu que a pilha de tapetes tinha desaparecido.

— Porque estás tão admirado?— perguntou a senhora a sorrir.

— Porque os meus tapetes desapareceram todos — respondeu Jem. — Mas fico muito contente com isso.

— Ai sim? — observou a senhora.— Ora ainda bem. Toma lá o teu chapéu e vai para casa, está a ficar tarde e o Ligeiro deve estar a pensar por onde andas.

Jem virou-se para apanhar o chapéu que tinha deixado a um canto no chão. Qual não foi o seu espanto, o chapéu estava cheio de moedas! Os tapetes tinham sido vendidos a duas moedas de prata cada, o seu trabalho rendera-lhe trinta e duas moedas de prata!

— Trinta e duas moedas de prata. Se os juntares à quantia que me disseste que já tinhas amealhado, quanto faz? — Inquiriu a senhora.— Acho que tenho de juntar mais três moedas de prata para completar as duas moedas de ouro.

— Duas moedas de ouro! — exclamou Jem, vencendo a sua timidez, pois naquele momento não via, nem ouvia ninguém e esquecerara-se completamente onde estava.

— Duas moedas de ouro! — gritou, batendo palmas de contente. — Minha querida mãe, meu querido Ligeiro! Depois, acalmando-se, olhou para a patroa, a quem ele agora via como uma amiga.

— *Pode agradecer-lhes por mim? Não sei como lhes poderei agradecer* o suficiente — disse Jem, não se atrevendo a encarar todas aquelas pessoas.

Porém, todos sentiam que *ele lhes estava muito agradecido*.

—Agora vai, não te queremos demorar mais —disse a senhora.— Tenho só mais uma coisa para te pedir: se posso estar presente quando contares a novidade à tua mãe.

— Venha então — disse Jem.— Venha comigo agora.

— Agora não — disse a senhora, rindo. — Mas vou a Ashton amanhã ao fim da tarde. Quem sabe a tua mãe ainda me arranja alguns morangos.

— Com toda a certeza, eu próprio os irei apanhar — afirmou Jem.

Foi para casa, com o coração apertado por ter de esperar até ao dia seguinte para contar à mãe a grande novidade. Para se animar foi ter com o Ligeiro ao estábulo.

— Já não terei de te vender, querido amigo — segredou ao Ligeiro, enquanto lhe fazia festas.

Não foi capaz de resistir a contar o dinheiro mais uma vez e, no momento em que se decidiu a fazê-lo, assustou-se com um barulho que vinha da porta. Alguém estava a tentar levantar o trinco. Quando a porta se abriu, apareceu Lawrence, o preguiçoso, acompanhado de um rapaz que tinha vestido um colete vermelho e trazia um galo debaixo do braço. Quando viram Jem, que a princípio estava escondido atrás do cavalo, começaram a tentar explicar o que estavam a fazer ali.

— Nós ... nós... nós viemos... — gaguejou Lawrence, o preguiçoso. — Quer dizer, eu vim para...para...

— Para te perguntar — acrescentou o ajudante de estábulo num tom arrogante.

— Se vais connosco à luta de galos na segunda-feira. Olha que belo galo tenho aqui. Vim com o Lawrence porque ele disse que eras um grande amigo dele.

Lawrence tentou dizer algo a favor das lutas de galos e em defesa do seu novo companheiro, mas Jem olhou para o ajudante de estábulo com desconfiança e algum receio. Depois, olhando para o galo com compaixão, disse a Lawrence em voz baixa:

— Gostas de ver essa crueldade? Sabes que lhes arrancam os olhos?

— Não sei se é uma crueldade, o que eu sei é que dizem que a luta de galos é um espetáculo muito bonito. Há muita gente que gosta de ver, eu não sou mais cruel que os outros. Não tenho nada para fazer, por isso, vou.

— Eu, como tenho mais que fazer, não vou — disse Jem, rindo.

— Mas — continuou Lawrence. — Tu sabes que na segunda-feira é dia do mercado de Bristol, não podemos perder a oportunidade de nos divertirmos.

E o ajudante de estábulo acrescentou:

— Que mal tem divertirmo-nos, de vez em quando?

— Espero que não haja mal nenhum. Eu divirto-me todos os dias — retorquiu Jem.

— Isso é muito estranho — comentou Lawrence. — Quanto a mim, não vou perder a feira por nada deste mundo. Sempre teremos sobre o que falar durante algum tempo. Aqui nunca acontece nada. Anda lá, tu vens, não é verdade?

— Não — disse Jem, parecendo ainda contrariado por estar a falar à frente daquele rapaz estranho e mal-encarado.

— Então o que vais fazer com o teu dinheiro? — perguntou Lawrence.

— Falamos disso noutra altura — segredou Jem. — E tu não vás assistir a luta de galos, tenho a certeza de que não vais sentir-te bem com tanta crueldade.

— Talvez não fosse se tivesse uma coisa mais interessante para fazer — disse Lawrence hesitante e bocejando.

— Anda, vamos embora,— gritou o outro rapaz, puxando-o pelo braço para longe de Jem, a quem lançou um olhar de desprezo. — Deixa-o, ele não é dos nossos.

— És cá um parvo — acrescentou, assim que saíram do estábulo. — Já devias saber que ele não queria ir. Mas não faz mal, depressa o vamos aliviar do dinheiro. Por que falaste só em quatro moedas? Vi um chapéu cheio de moedas na manjedoura.

— Pois estava! — exclamou Lawrence.

— Estava, pois estava. Era preciso começares a gaguejar daquela maneira, assim que entrámos? Estavas a ver se nos denunciavas?

— Estava muito envergonhado — respondeu Lawrence de cabeça baixa.

— Envergonhado! Esta não é não é a altura certa para sentires vergonha, tens é de pensar em pagar o que me deves. Lembro-te que tens até logo à noite, arranja o dinheiro como puderes — avisou o outro.

E, após uma longa pausa, acrescentou — Asseguro-te que não dará por falta de uma moeda no meio de tanto dinheiro.

— Mas roubar? — clamou Lawrence, recuando horrorizado. — Nunca pensei em fazer tal coisa e logo ao coitado do Jem. Trabalhou tanto para conseguir esse dinheiro.

— Não é roubar, é só pedir emprestado e quase de certeza que vamos vencer a luta de galos. Pagas-lhe antes que ele dê pela falta do dinheiro. Que mal tem isso se ele nem vai dar por nada. Não adianta estarmos com mais conversas, já te disse que isto não é roubar. Estamos só a pedir emprestado, vamos pagar-lhe o mais tardar na segunda-feira à noite. Lawrence não respondeu e separaram-se sem que ele tivesse tomado uma decisão.

Façamos aqui uma pausa na nossa história. O resto do enredo é tão triste que não nos apetece continuar. Os nossos jovens leitores vão arrepiar-se quando lerem, mas é melhor saberem a verdade e o que decidiu afinal fazer o preguiçoso do Lawrence.

A meio da noite, Lawrence ouviu bater à janela do quarto. Sabia perfeitamente quem era, pois este era o sinal combinado com o trapaceiro do seu companheiro. Tremia com a ideia do que estava prestes a fazer e deixou-se estar muito quieto, com a cabeça

debaixo dos cobertores, até que ouviu a segunda pancada. Depois lá se levantou, vestiu-se e abriu a janela, que estava quase ao nível do chão. O companheiro disse-lhe num tom grave:

— Estás pronto?

No momento em que chegaram ao estábulo passou uma nuvem que encobriu a lua, deixando tudo envolto em escuridão.

— Onde estás? — sussurrou Lawrence, tateando em volta. — Onde estás? Fala comigo.

— Estou aqui, dá-me a tua mão.

Lawrence estendeu-lhe mão.

— Isto é a tua mão? Está gelada! — disse o malvado rapaz quando Lawrence o agarrou.

— Vamos embora daqui — implorou Lawrence. — Ainda estamos a tempo de mudar de ideias.

— Nada disso, já fostes longe demais para desistires agora — respondeu o outro, enquanto abria a porta e empurrava Lawrence para dentro do estábulo.

— Já encontraste? Tem cuidado com o cavalo. Já está? O que estás a fazer? Despacha-te, ouvi um barulho — disse o moço do estábulo, que estava a vigiar a porta.

— Não consigo encontrar uma moeda de prata.

— Traz o dinheiro todo.

Então Lawrence trouxe o pote de Jem e todo o dinheiro que estava lá dentro, para perto da porta.

A nuvem escura tinha passado e a luz da lua brilhava sobre eles, iluminando tudo em redor.

— O que fazemos ainda aqui?— disse o moço do estábulo, tirando o pote das mãos trémulas de Lawrence, ao mesmo tempo que o empurrava para longe da porta.

— Meu Deus! Por favor não leves o dinheiro todo! — gritou Lawrence. — Disseste que só íamos tirar uma moeda de prata e que a devolveríamos na segunda-feira. Foi isso que disseste.

— Cala-te lá! — retorquiu o outro, seguindo o seu caminho sem dar ouvidos aos protestos de Lawrence. — Se me enforcarem não há-de ser por uma moeda de prata.

Lawrence ficou aterrorizado, sentiu um arrepio e o sangue a gelar nas veias. Não trocaram nem mais uma palavra. O seu cúmplice levou o dinheiro e Lawrence arrastou-se para a cama, muito perturbado e cheio de remorsos. Durante toda a noite teve

pesadelos terríveis e, quando acordava, deixava-se estar muito quieto, mal ousando respirar, assustando-se com todos os barulhos que ouvia. Estava a ser atormentado pelos remorsos e pelo pior dos medos, o medo que sentem aqueles que têm a consciência pesada. Parecia que a noite não acabava e, quando finalmente o dia nasceu, ouviu os pássaros a cantar e, ao ver tudo tão bonito como sempre, sentiu-se ainda mais infeliz.

Era domingo de manhã e o sino tocou a chamar para a missa. Todas as crianças da aldeia se juntaram à porta da igreja, nas suas roupa de domingo, felizes e inocentes, e Jem era o mais alegre de todos. Ao passar, Jem viu-o encostado à porta do pai, puxou-lhe o casaco e perguntou:

— O que tens Lawrence? Estás com uma cara!

— Eu? — começou por dizer Lawrence. — Por que dizes isso?

— Não fiques chateado, mas estás branco como a cal, lá isso estás.

— Eu? Branco como a cal? — contestou Lawrence, afastando-se repentinamente sem saber o que dizer. Não se atrevia a olhar para Lawrence, sabia que tinha estampada no rosto toda a culpa que sentia. Teria dado tudo para poder voltar atrás e não ter feito o que fizera. Dava tudo para poder voltar atrás. “Ai se pudesse contar tudo a Jem e pedir-lhe perdão!”

Lawrence não se atrevia a ficar em casa, temendo o momento em que Jem descobrisse tudo e, como não sabia o que fazer ou para onde ir, foi ter, quase sem pensar, ao seu velho esconderijo no estábulo. Aí ficou, todo o dia, escondido com o seu cúmplice, que tentava, em vão, acalmá-lo, animando-o com conversas sobre a próxima luta de galos que aconteceria no dia seguinte. Combinaram que, quando a noite caísse, iriam juntos até um certo descampado para dividir o saque.

Entretanto, depois de regressar da igreja, Jem esteve muito atarefado a preparar a visita da senhora e, enquanto a mãe se ocupava dos afazeres na cozinha e na salinha, ele correu a apanhar os morangos.

— Meu querido filho, hoje estás muito bem-disposto!— disse-lhe a mãe, quando ele chegou a saltitar com os morangos.— Tenta manter-te assim e controla-te, apesar de amanhã ser dia de feira e termos de vender o Ligeiro. Convidei o agricultor Truck para vir cá hoje a noite. Ele deve estar a chegar. Disse-me que o vai levar juntamente com o cavalo dele. Sei que vais ficar muito triste.

— Pois vou! — gritou Jem e deixou cair a cabeça entre as pernas quatro vezes de seguida, tentando disfarçar com muita dificuldade o seu segredo.

Uma carruagem passou à janela e parou junto da porta da entrada. Jem saiu a correr. Era a senhora. Chegou a sorrir e rapidamente fez a mãe sorrir também, ao elogiar o asseio da casa.

Deixemos de lado os elogios, os morangos, a louça, por muito que fossem apreciados nessa época, e avancemos na nossa história.

Ouviu-se de novo bater à porta.

— Jem, vai ver quem é — pediu a mãe. — Espero que seja a mulher do leite, com as natas para a senhora.

— Não. É o agricultor que vem buscar o Ligeiro.

O rosto da mãe alterou-se.

— Vai buscá-lo, meu querido — disse ela virando-se para o filho. Mas Jem já não estava ali. Mal vira a ponta do casaco do agricultor tinha corrido para o estábulo.

— Sente-se, por favor, senhor Truck — convidou a mãe de Jem, depois de terem esperado mais de cinco minutos pelo regresso de Jem.

— Se a senhora der licença, é melhor sentar-se, pois ele deve demorar. Minha senhora, o meu filho adora aquele cavalo.

Tentando sorrir acrescentou:

— Eu sabia que a separação ia ser difícil. É melhor sentar-se vizinho. Jem vai esperar até ao último minuto para trazer o Ligeiro.

O agricultor tinha acabado de se sentar, quando Jem entrou muito pálido e desfigurado.

— O que se passa?— perguntou a senhora.

— Valha-nos Deus, meu filho — exclamou a mãe, olhando para ele muito assustada, enquanto Jem tentava falar. Aproximou-se dele e, nesse momento, Jem encostou a cabeça na mãe e gritou:

— Desapareceu! Desapareceu tudo — e desatou num pranto, soluçando com tanta força que parecia que o seu pequeno coração não ia aguentar.

— Mas o que foi que desapareceu, meu filho? — perguntou a mãe.

— Desapareceram as minhas moedas de ouro, o dinheiro que juntei para pagar a renda e assim poder ficar com o Ligeiro. Fui buscá-las para te dar mãe, mas o pote onde as tinha escondido desapareceu, com as moedas de ouro que estavam lá dentro. Desapareceu tudo — repetia, tentando controlar os soluços.

— Ainda ontem à noite vi o dinheiro e o mostrei ao Ligeiro. Estava tão feliz porque o ganhei com o meu trabalho e pensava na surpresa e na alegria que ias sentir mãe. E como me ias cobrir de beijos.

A mãe ouviu muito admirada tudo o que ele disse, enquanto a senhora ficou em silêncio, olhando primeiro para a mãe, depois para Jem, com um olhar penetrante, como se estivesse desconfiada que aquela história não era verdadeira e temendo deixar-se levar pela compaixão.

— Mas que estranho! — observou a senhora. — Como é que tu foste guardar todo o teu dinheiro, dentro de um pote, no estábulo? Porque não o entregaste à tua mãe para ela o guardar?

— A senhora já não se lembra?— perguntou Jem, no meio de lágrimas. — Como é que não se lembra se foi a senhora que me disse para não contar nada à minha mãe, até que nos viesse visitar?

— E tu não lhe contaste?

— Não, pergunte à minha mãe — disse Jem, um pouco ofendido. Depois, quando a senhora o questionou de forma mais severa, como se duvidasse dele, nem foi capaz de lhe responder.

— Porque não respondes à senhora, Jem? É uma vergonha — disse a mãe.

— Eu já respondi e disse a verdade — proferiu Jem com orgulho. — Mas a senhora não acreditou em mim.

Ainda assim, e perante toda esta situação, a senhora, que era uma pessoa experiente e já tinha visto muito, manteve a calma, determinada a não interferir, dizendo apenas que esperava que o dinheiro aparecesse e aconselhando Jem a não chorar mais.

— Já não choro mais — disse Jem. E, porque sabia controlar-se, não deitou nem mais uma lágrima, nem mesmo quando o agricultor se levantou e disse que não podia esperar mais.

Jem foi em silêncio buscar o Ligeiro. A senhora sentou-se de novo no seu lugar, de onde podia ver tudo o que se passava lá fora, através da janela da sala. A mãe de Jem ficou à porta e várias pessoas da aldeia, sem nada para fazer, juntaram-se em volta da carruagem da senhora, para verem e ouvirem o que se passava. Jem não se demorou, aparecendo com um ar firme e decidido, a conduzir o Ligeiro. Sem dizer uma única palavra entregou-o ao agricultor Truck.

— *Era* um bom cavalo — elogiou o agricultor.

— Ainda é um bom cavalo!— gritou Jem e agarrou-se ao pescoço de Ligeiro, escondendo a cara no pescoço do cavalo, quando este se inclinou para ele. Naquele momento, passou um grupo de mulheres que vendia leite. Uma delas pousou o balde, foi por trás de Jem e deu-lhe uma palmada nas costas. O rapaz olhou para ela, surpreendido.

— Não te lembras de mim? — perguntou ela.

— Acho que a conheço, mas não me lembro de onde.

— Ai não? Não me digas que não te lembras?— e abriu um pouco a mão. — Não te lembras de *quem te deu isto e te avisou para seres cuidadoso?* — Então abriu totalmente a sua enorme mão e deixou ver a moeda de cobre de Jem.

— Onde foi que a encontrou? Onde? Sabe onde está o resto do meu dinheiro?

— Não sei nada sobre o teu dinheiro — respondeu a leiteira.

— Suplico-lhe, diga-me onde encontrou a minha moeda?

— Tinham-na as pessoas a quem a entregaste, acho eu — respondeu a mulher, virando-se repentinamente para apanhar o balde.

A senhora chamou-a da janela, pedindo-lhe que esperasse um pouco, tentando obter também mais alguma informação. Queria perceber como tinha ido a moeda de cobre parar às suas mãos.

Pegando na ponta do avental a mulher começou por dizer:

— Foi tudo muito estranho. A minha Betty está doente, por isso vim eu com o leite, apesar de não ser costume. Sabe quem é a minha Betty, não sabe?— perguntou ela virando-se para a senhora Preston. — Garanto que a serve muito bem, é muito cuidadosa com os clientes.

— Não duvido — disse a senhora já um pouco impaciente. — Mas afinal de contas o que se passou com a moeda de cobre?

— Como lhe ia a dizer, no regresso, os outros foram dar a volta e eu vim sozinha por um atalho. Daí a senhora não consegue ver mas se vier para aqui, onde estou, já consegue.

— Estou a ver, sei onde é — interveio Jem, quase sem conseguir respirar de tão ansioso que estava.

— Pois bem, pousei o balde no degrau e sentei-me a descansar um pouco, quando, de repente, sabe-se lá de onde, apareceram dois rapazes, que me pregaram um valente susto. Apeteceu-me atirar-lhes com o leite. Um tinha a idade dele, — disse, apontando para Jem — e o outro, era um pouco mais velho e muito mal-encarado. Iam cheios de

pressa e não esperaram que eu me desviasse para os deixar passar. Um deles empurrou o portão e como não se abriu logo (estava fechado com uma corda grossa), puxou de um canivete e cortou a corda.

— O senhor tem aí um canivete? — perguntou a mulher, virando-se para o agricultor.

O agricultor deu-lhe o seu canivete.

— Aqui mesmo, entre a lâmina e o punho, lá estava a moeda de prata. O rapaz não deu por nada e ao abrir o canivete a moeda caiu. E, depois de cortar a corda, passaram pelo portão num piscar de olhos. Apanhei a moeda porque tive um pressentimento que era a moeda de estimação do meu marido, a qual, contra a minha vontade, tinha dado *a ele* — e apontou para Jem. — Eu avisei-o que nunca se separasse dela, minha senhora. Assim que a vi reconheci-a pela marca que tem. Pensei em vir mostrar-lhe porque tenho a certeza que é a mesma moeda.

— Reconheci-a por uma marca que tem. Talvez a devolva a quem pertence — acrescentou, apontando para Jem, mais uma vez.

— É minha, não a dei a ninguém, mas ... — explicou Jem.

O agricultor interveio em sua defesa:

— Mas não se vê logo que esses rapazes o roubaram? São eles que têm o dinheiro.

— Oh! Para que lado foram? Tenho de os encontrar!

— Não, não debes ir — disse a senhora. E, chamando o seu criado, ordenou-lhe que pegasse no cavalo e fosse atrás deles.

— Também vou — acrescentou o agricultor. — Tu vais pela estrada e eu atravesso o campo, podes ter a certeza que depressa os apanhamos.

Enquanto os homens foram à procura dos larápios, a senhora, agora completamente convencida da inocência de Jem, pediu ao cocheiro que fosse buscar o que lhe tinha pedido para trazer. Rapidamente, o cocheiro trouxe, do porta-malas da carruagem, uma sela e uma rédea a estrear. Os olhos de Jem brilharam quando puseram a sela em cima do Ligeiro.

— Jem, coloca tu a sela no teu cavalo — disse a senhora. — É um presente para ti.

Pela vila depressa se espalharam rumores sobre os magníficos apetrechos do Ligeiro, sobre a perseguição aos ladrões e sobre a generosidade da senhora que estava à janela da viúva Preston, atraindo muitos curiosos. Reuniram-se em redor de Jem para ouvir a história e, sobretudo as crianças, que tanto gostavam dele, ficaram muito indignadas

com os ladrões. Estavam todos muito atentos, quando, de repente, alguém desceu a colina a gritar:

— Aí vêm eles! Apanharam os ladrões!

O criado, montado no cavalo, trazia à sua frente um dos rapazes e o agricultor, caminhando ao seu lado, arrastava o outro. Este último tinha vestido um colete vermelho. Jem reconheceu-o imediatamente e mal conseguia olhar para o rapaz que vinha no cavalo.

“Meu Deus! Não pode ser o Lawrence!” pensou Jem muito chocado.

O criado cavalgou por entre as pessoas tão depressa quanto foi possível. O chapéu do rapaz estava descaído e, como tinha a cabeça para baixo, não se conseguia ver o rosto.

Nesse preciso instante a multidão agitou-se e um homem, um pouco embriagado, abriu caminho, empurrando tudo e todos, dizendo que *ninguém o podia impedir* de ver quem era o rapaz. E, assim, forçando a sua passagem, cambaleou até ao criado que, naquele momento, punha no chão o rapaz que tinha trazido com ele.

— *Hei-de saber* quem é o ladrãozinho — gritou o homem muito alterado, enquanto destapava o rosto do rapaz. Era o seu próprio filho.

— Lawrence! — exclamou o desgraçado pai. Agora mais sóbrio devido ao choque, escondeu o rosto entre as mãos, envergonhado.

Fez-se um silêncio terrível. Lawrence caiu de joelhos e, num tom de voz que mal se conseguia ouvir, confessou tudo.

— Tão jovem e já é tão malvado! O que te passou pela cabeça? — perguntaram as pessoas que ali estavam.

— Foram as más companhias — respondeu Lawrence.

— E como é que tu arranjaste essas más companhias?

— Não sei, deve ter sido por ser tão preguiçoso.

Enquanto ele falava, o agricultor ia esvaziando os bolsos de Lawrence e, quando encontrou o dinheiro, os antigos companheiros do rapaz ficaram horrorizados. Os pais agarraram nas mãos dos filhos e disseram:

— Ainda bem que não é nosso filho. Quando era pequeno e andava por aí sem fazer nada, tantas vezes o avisámos que a preguiça é a mãe de todos os vícios. Quanto ao seu cúmplice, esse malandro sem coração, só ficariam sossegados quando fosse castigado. Esteve com um ar arrogante até ao momento em que ouviu Lawrence confessar tudo e em que lhe encontraram dinheiro nos bolsos. Quando a leiteira afirmou que tinha sido

ele que deixara cair a moeda de prata, desapareceu do seu rosto o ar insolente e desafiador que tinha tido até ali. Agora estava pálido e com um ar aterrorizado.

— Tem de ser feita justiça — disse o agricultor. — Há-de ir parar à prisão de Bristol.

Jem aproximou-se quando amarraram as mãos de Lawrence e suplicou:

— Deixem-no, por favor.

— Peço-lhe, tenham piedade, — disse a mãe de Jem à senhora. — Pense na desgraça desta família se o mandarem para a prisão.

O pai de Lawrence apertava as mãos desesperado:

— A culpa é minha — gritou. — Não lhe dei educação.

— Mas ele vai emendar-se. Minha senhora, não o vai ajudar? — perguntou Jem.

— Não peças à senhora que defenda o Lawrence. É melhor que vá preso agora e aprenda a lição, do que ser enforcado um dia mais tarde — disse o agricultor.

Ninguém disse mais nada, pois todos concordavam com ele.

Lawrence acabou por ser preso durante um mês e o ajudante de estábulo foi julgado, condenado e enviado para a prisão.

Durante o tempo em que Lawrence esteve preso, Jem foi visitá-lo muitas vezes e levava-lhe pequenos presentes. Porque era um rapaz *trabalhador*, podia ser *generoso* e oferecer presentes. Lawrence ficou sensibilizado com a sua bondade e este exemplo afectou-o de tal forma, que, quando saiu da prisão, arranjou logo um trabalho. Para espanto de todos quantos o conheciam, rapidamente se tornou conhecido pela sua capacidade de trabalho. Era o primeiro a chegar e o último a sair, emendou-se e transformou-se num jovem trabalhador e muito responsável. E nunca mais lhe chamaram *Lawrence, o preguiçoso*.

Anexo 3

Catálogo de Edições

Obras de Maria Edgeworth

1795	<i>Letters for Literary Ladies</i>	London: J. Johnson
1796	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	London: J. Johnson
1796	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	London: J. Johnson, 2nd edn, 2 vols
1798	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	Dublin: Printed by J. Chambers, 2 vols.
1799	<i>Letters for Literary Ladies</i>	London: J. Johnson, 2nd edn
1800	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	London: J. Johnson, 3rd edn, 6 vols
1800	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	Cork: George Cherry
1800	<i>Castle Rackrent. An Hibernian tale. Taken from facts, and from the manner of the Irish squires, before the year 1782</i>	London: J. Johnson, 2nd edn
1800	<i>Castle Rackrent. An Hibernian tale. Taken from facts, and from the manner of the Irish squires, before the year 1782</i>	London: Printed by Luke Hanford for J. Johnson, St. Paul's Church-Yard
1800	<i>Castle Rackrent</i>	Dublin: P. Wogan, H. Colbert, P. Byrne, W. Porter, J. Halpen, J. Rice, H. Fitzpatrick, G. Folingsby, J. Stockdale, R.E. Mercier & Co
1801	<i>Early Lessons</i>	London: J. Johnson, 10 vols
1801	<i>Belinda</i>	London: J. Johnson, 3 vols.
1801	<i>Belinda</i>	Dublin: H. Colbert & J. Stockdale, 2 vols.

1801	<i>Moral tales for young people</i>	London: J. Johnson, 5 vols.
1801	<i>Rosamond, parts I-IV and the sequel</i>	Boston: Munroe & Francis, 2 vols.
1801	<i>The Orphan and other Tales</i>	London: Dean and Son
1802	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	Drogheda: Charles Evans
1802	<i>Castle Rackrent</i>	New York: X. Martin & J. Leclerc
1802	<i>Castle Rackrent</i>	Newbern (NC): Martin & Ogden
1802	<i>Belinda</i>	London: J. Johnson, 2nd edn, 3 vols.
1802	<i>Bélinde</i>	Paris: Maradan, 4 vols. (trans. by L.S. and F.S)
1803	<i>Early lessons</i>	Paris: Xhrouet & Defrelle, 5 vols. (trans. by M.L.C. Chéron).
1804	<i>Castle Rackrent, an Hibernian tale taken from facts and from the manners of the Irish squires before the year 1782.</i>	London, J. Johnson (4th edn.)
1804	<i>Popular Tales</i>	Philadelphia: James Humphreys, 2 vols.
1804	<i>Popular Tales</i>	London: J. Johnson, 3 vols.
1804	<i>Choix de nouveau contes moraux offerts à la jeunesse</i>	Paris: Frechet & Co., 3 vol
1804	<i>The Parent's Assistant; or, Stories for Children</i>	Philadelphia: Jacob Johnson
1805	<i>The Parent's Assistant; or, Stories for Children (as Three Stories for young Children)</i>	Philadelphia: Jacob Johnson
1805	<i>The Modern Griselda , a Tale</i>	London: J. Johnson
1805	<i>The Modern Griselda</i>	London: J. Johnson, 2nd edn (corrected)
1805	<i>Early Lessons</i>	Philadelphia: Jacob Johnson, 2 vols
1805	<i>Early Lessons</i>	Paris: Xhrouet & Defrelle, 5 vols. (trans. by M.L.C. Chéron). Edn joint English and French version
1805	<i>Popular Tales</i>	London: J. Johnson, 2nd edn, 3 vols

1805	<i>The Parent's Assistant; or, Stories for Children</i>	Philadelphia: Jacob Johnson, (as Three stories for young children.
1805	<i>Popular Tales</i>	London: J. Johnson, 2nd edn (corrected).
1806	<i>Leonora</i>	London: J. Johnson, 2 vols.
1806	<i>Leonora</i>	New York: I. Riley & Co., 2 vols.
1807	<i>Popular Tales</i>	Görlitz: Anton, (trans. by Wilhelm Adolf Lindau as Einfache Erzählungen
1807	<i>Popular Tales</i>	New Brunswick: William Elliot
1807	<i>Leonora</i>	Paris: Dentu, 3 vols. (trans. by C. Chenel as Léonora).
1808	<i>Early Lessons</i>	Philadelphia: Jacob Johnson, 6 vols.
1808	<i>Early Lessons</i>	Philadelphia: Jacob Johnson, 2 vols
1808	<i>The Parent's Assistant; or, Stories for Children</i>	New Haven: Sidney's Press
1809	<i>Moral Tales for Young People</i>	London: J. Johnson, 3 vols., 5th edn
1809	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	Philadelphia: Johnson & Warner
1809	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	Washington (DC): George Town
1809	<i>Tales of Fashionable Life</i>	London: J. Johnson, vols. 1-3.
1809	<i>Tales of Fashionable Life</i>	Washington(DC)]: GeorgeTown, Joseph Milligan, 2 vols.
1809	<i>Tales of Fashionable Life</i>	George Town [Georgetown; Washington (DC)]: Joseph Milligan
1809	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	George Town [Georgetown; Washington (DC)]: Joseph Milligan, 3 vols
???	<i>Murad the unlucky, and other tales</i>	Dublin, Belfast: Blackie & Son, n.d. (includes notes).
1810	<i>Letters for Literary Ladies</i>	George Town [Georgetown; Washington (DC)]: Joseph Milligan
1810	<i>Early lessons</i>	Rotterdam: W. Locke (Rotterdam edn published in parallel English and Dutch texts)
1810	<i>Moral tales for young people</i>	Philadelphia: Johnson & Warner, 5 vols
1810	<i>The modern Griselda</i>	George Town [Georgetown; Washington (DC)]: Joseph Milligan

1810	<i>Belinda</i>	London: F.C. & J. Rivington
1810	<i>Tales of Fashionable Life</i>	New York: Elliot & Crissy
1810	<i>Tales of Fashionable Life</i>	Boston: John Eliot Jnr 3 vols.
1811	<i>Moral tales for young people</i>	Philadelphia: Bennett & Walton
1811	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	Baltimore: F. Lucas Jnr, J. Vance & Co. & Anthony Miltenberger
1811	<i>Almeria; a tale of fashionable life</i>	Bridgeport: Lockwood & Backus
1811	<i>Moral tales for young people</i>	Philadelphia: Bennett & Walton
1811	<i>Moral tales for young people</i>	George Town [Georgetown; Washington (DC)]: Joseph Milligan, 3 vols. Source Welch
1811	<i>Popular tales</i>	Catskill NY: Samuel Peck
1811	<i>La mère intrigante</i>	Paris: Galignani, 2 vols. (trans. by J. Joly)
1812	<i>Tales of Fashionable Life</i>	London: J. Johnson, vols. 4,6.
1812	<i>Tales of Fashionable Life</i>	Leipzig: in der Joachim'schen Buchhandlung, [c.1812-15] (trans. as Szenen aus dem Leben der grossen Welt)
1812	<i>Tales of Fashionable Life</i>	New York: Inskeep & Bradford, 2 vols.
1812	<i>Tales of Fashionable Life</i>	Paris: Galignani, 3 vols. (trans. by Mme E. de Bon as L'Ennui, ou mémoires du Comte de Glenthorn)
1812	<i>Tales of Fashionable Life</i>	Boston: John Eliot Jnr, 3 vols.
1812	<i>Tales of Fashionable Life</i>	Boston: Bradford & Read, 3 vols.
1812	<i>Tales of Fashionable Life.</i>	Washington: W. Cooper, 2 vols. in 1
1812	<i>Tales of Fashionable Life</i>	Philadelphia: Bradford & Inskeep, 2 vols. (as Vivian: and Emilie de Coulanges: tales)
1812	<i>L'Ennui, ou Mémoires du comte de Glenthorn (Ennui, première série des Tales of Fashionable Life)</i>	Paris : Galignani, 3 vols. traduit de l'anglais par Mme E. de Bon.
1812	<i>La Mère intrigante (Manœuvring, première série des Tales of Fashionable Life)</i>	Paris : Galignani, 3 vols, traduit de l'anglais par J. Joly.
1813	<i>Castle Rackrent</i>	Paris: Nicole, 1813-14 (trans. as Le château de Rackrent)
1813	<i>Early lessons</i>	Boston: Samuel T. Armstrong, Cummings & Hilliard, 1813, 2 vols

1813	<i>Early lessons</i>	Boston: Cummings & Hilliard
1813	<i>Popular tales</i>	New York: Evert Duyckinck
1813	<i>Popular tales</i>	Paris: Dentu, 2 vols. (liberal trans. by T.P. Bertin as Contes à mon fils).
1813	<i>Popular tales</i>	Poughkeepsie NY: P. Potter, 2 vols.
1813	<i>The modern Griselda</i>	Paris: Galignani, 2 vols. (trans. as Les deux Grisélidis, histoires... l'une de Chaucher et l'autre de Mlle. Edgeworth).
1813	<i>Tales of Fashionable Life</i>	Paris: H. Nicolle, Renard, 3 vols. (trans. by [Pierre Louis Dubuc] as Vivian)
1813	<i>Tales of Fashionable Life</i>	Paris: Henri Nicolle & Renard, 7 vols. (trans. by P. L. Dubuc as Scènes de la vie du grand monde)
1813	<i>Tales of Fashionable Life</i>	Paris: Maradan, 3 vols. (trans. by M. Dubuc as Vivian, ou l'Homme sans Caractère)
1813	<i>Vivian: Scenes de la Vie du Grand Monde</i>	Paris: Henri Nicolle & Renard. [translated by Pierre Louis Dubuc, Tales of fashionable Life]
1813	<i>Conts à mes fils</i>	Paris: J.G. Dentu, II vols
1813	<i>Le Château de Rackrent (Castle Rackrent,)</i>	Paris, Nicolle
1813-14	<i>L'Absent. Scènes de la vie du grand monde. (The Absntee, deuxième série des Tales of Fashionable Life)</i>	Paris : H. Nicole et Renard, 3 vols. (traduit de l'anglais par P. L. Dubuc.)
1813-14	<i>Emilie de Coulanges. Scènes de la vie du grand monde. (Emilie de Coulange, deuxième séries des Tales of Fashionable Life)</i>	Paris : Nicolle. (traduit de l'anglais par P. L. Dubuc)
1814	<i>Tales of Fashionable Life</i>	Pesth: Hartleben, 2 vols. (as Vivian, oder, Der Mann ohne Charakter; Szenen aus dem Leben der grossen Welt; 1. Gemälde)
1814	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	Boston: W. Wells & T.B. Wait & Co.; New York: Eastburn, Kirk & Co.; Philadelphia: M. Carey, Moses Thomas & Edward Parker, 3 vols. (ill.). Boston: Munroe & Francis
1814	<i>Castle Rackrent</i>	Boston: T.B. Wait & Sons
1814	<i>Belinda</i>	Boston: Wells & Lilly; New York: Eastburn, Kirk & Co, 2 vols.

1814	<i>Conseils à mon fils ou les deux familles, la chaumière de Rosana et le nègre reconnaissant</i>	Paris: G.T. Dentu, 2 vols. (liberally trans. by T.P. Bertin).COMMENTARY French translations of 'Rosamond' and 'The grateful negro', originally published in Early lessons (London, 1801, 10 vols.) and Popular tales (London, 1804, 3 vols.)
1814	<i>Patronage</i>	Philadelphia: Moses Thomas, 3 vols.
1814	<i>Patronage</i>	London: J. Johnson & Co., 4 vols.
1814	<i>Continuation of Early lessons: [vol. 1] Containing Frank, and the beginning of Rosamond, [vol. 2] The conclusion of Rosamond and Harry and Lucy</i>	London: J. Johnson & Co., 2 vols
1815	<i>Early lessons</i>	London: J. Johnson, 2 vols (New Edn.)
1815	<i>The Parent's Assistant; or, Stories for Children.</i>	London:'Printed by assignment from the Executors of the late Mr. Johnson for R. Hunter, successor to J. Johnson, and Baldwin, Cradock and Joy'
1815	<i>Castle Rackrent</i>	London: R. Hunter; Baldwin, Cradock & Joy,(new edn).
1815	<i>Continuation of Early lessons</i>	Boston: Bradford & Read (2 Vols)
1815	<i>Early lessons Poughkeepsie: Paraclete Potter</i>	??? Source Welch
1815	<i>Leonora</i>	London: R. Hunter, 2 vols. (new edn).
1815	<i>Patronage</i>	London: R. Hunter, 3rd edn
1815	<i>Emilie oder der Frauenzwist / Theodor Blum ; nach dem Englischen von Maria Edgeworth [Übers.] /</i>	Pesth : Hartleben
1815?	<i>Maria Edgeworth's Works</i>	Boston: Wells & Lilly, [at least 17 vols.]
1815	<i>Continuation of Early lessons: [vol. 1] Containing Frank, and the beginning of Rosamond, [vol. 2] The conclusion of Rosamond and Harry and Lucy</i>	London: J. Johnson & Co., 2 vols. (new edn).
1815	<i>Practical Education</i>	Providence: j. Francis lippitt, (r. I.) and Boston : B. Wait & sons
1815	<i>Tales of Fashionable Life</i>	London: R. Hunter, Baldwin, Cradock & Joy, 6 vols. (new edn)
1815	<i>Castle Rackrent</i>	London: R. Hunter; Baldwin, Cradock & Joy

1815	<i>Early Lessons</i>	Poughkeepsie: Paraclete Potter
1816	<i>Patronage</i>	Amsterdam: H. Moolenysen, 3 vols (trans. into Dutch as <i>Kruiwagens, of, hoe komt men het best door de wereld</i>).
1816	<i>Patronage</i>	Paris: Ledoux & Tenré, 5 vols. (freely trans. by J. Cohen as <i>Les protecteurs et le protégés</i>).
1817	<i>Early lessons</i>	Edinburgh: Neill & Co.; London: A. Constable & Co., (trans. as <i>Contes choisis pour des enfants</i>).
1817	<i>Early lessons</i>	Dublin: Printed by J. Jones
1817	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	Edinburgh: Neill & Co., (trans. as <i>Contes choisis pour des enfants</i>). According to the title page, this edn was based on the Paris edn. Contents: 'Blaise le paresseux', 'Les bracelets', 'La femme aux paniers', 'Les orphelins'
1817	<i>Comic Drama in Three Acts</i>	London: R. Hunter
1817	<i>Harrington, a tale; and Ormond, a tale</i>	London: R. Hunter, Baldwin, Cradock & Joy, 3 vols
1817	<i>Harrington</i>	Paris: Gide fils et Nicolle, 2 vols. (trans. by C.A. Defauconpret as <i>Harrington</i>).
1817	<i>Harrington</i>	Paris: Gide fils & Nicolle, 3 vols. (trans. by C.A. Defauconpret as <i>Ormond</i>).
1817	<i>Harrington, a tale; and Ormond, a tale</i>	Philadelphia: Moses Thomas; New York: Van Winckle & Wiley, 3 vols. in 2.
1817	<i>Harrington, a tale; and Ormond, a tale</i>	New York: Van Winckle & Wiley, James Eastburn & Co.
1817	<i>Harrington, a tale; and Ormond, a tale</i>	New York: Kirk & Mercein, 3 vols. in 2.
1817	<i>Ormond</i>	Paris : Gide et Nicolle, 3 vols.
1817	<i>Tales of Fashionable Life</i>	Leeuwarden: Steenbergen ,van Goor, 2 vols. (trans. into Dutch as <i>Vivian of the manzonder karakter</i>)
1818	<i>Early lessons</i>	London: R. Hunter. Sixth edition. 2 Vols.
1818	<i>Moral tales for young people</i>	Rotterdam: J. Hendriksen, (trans. from the German into Dutch as <i>Nieuwe verhalen voor de jeugd, ter vorming van het zedelijk gevoel</i>)
1818	<i>Popular tales</i>	Pittsburgh: Cramer & Spear
1818	<i>Moral tales for young people</i>	New York: W.B. Gilley, 3 vols.

1818	<i>Moral tales for young people</i>	George Town [Georgetown; Washington (DC)]: Joseph Milligan, 3 vols
1819	<i>Early lessons</i>	Geneva: Sèstié Fils (trans. as Rosamonde).
1819	<i>Early Lessons</i>	New Haven: J. Babcock & Son
1819	<i>Tales of Fashionable Life,</i>	Groningen: Wijbe Wouters, (trans. into Dutch as Verveling; of de geschiedenis van de graaf van Glenthorne
1820	<i>The Parent's Assistant or Stories for Children</i>	New York: E. Duyckinck, G. Long
1820	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	Paris: Théophile Grandin (trans. and adapted by Mme Élizabeth De Bon as L'Amable enfant, ou, conversations d'Edouard; imité de l'Education pratique)
1820	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	New Haven: John Babcock; Charleston (SC): S. & W.R. Babcock; Philadelphia: M'Carty & Davis
1820	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	New York, W. Burgess, Jr.
1820	<i>Moral tales for young people</i>	Paris: A. Eymery & L. Colas, 2 vols. (liberally trans. by A.L.S as Petites contes moraux a l'usage des enfans
1820	<i>Tales of Fashionable Life</i>	Groningen: W. Wouters, (trans. into Dutch as Verhalen uit de groote wereld
1820	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	Boston: Munroe & Francis
1821	<i>Continuation of Early lessons: [vol. 1] Containing Frank, and the beginning of Rosamond, [vol. 2] The conclusion of Rosamond and Harry and Lucy</i>	Philadelphia: J. Maxwell, 2 vols
1821	<i>Early Lessons, in four volums.</i>	London: R.Hunter
1821	<i>Early lessons</i>	New Haven: J. Babcock & Son; Charleston (SC): S. & W.R. Babcock
1821	<i>Moral tales for young people</i>	Paris: Arthus Bertrand, 2 vols. (trans. by Mme M. Tourte Cherbuliez as Forester, ou la manie de l'indépendance; suivi d'Angéline ou l'amie inconnue).
1821	<i>Early lessons</i>	New Haven: J. Babcock & Son; Charleston (SC): S. & W.R. Babcock
1821	<i>Rosamond</i>	London: R. Hunter (2 vols)

1821	<i>Contes à ma petit-nièce</i>	Paris : A la Librairie d'Education de A.Eimery
1821	<i>Forester, ou la Manie de l'indépendance : suivi d'Angéline, ou l'Amie inconnue, nouvelles de Miss Edgeworth</i>	Paris : A. Bertrand
1822	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	London: R. Hunter; Baldwin, Cradock & Joy; Simpkin & Marshall, 6 vols. (new edn)
1822	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	Paris: H. Fournier Jeune, 4 vols. (trans. by Mlle. A Sobry as Le livre des familles)
1822	<i>Early lessons</i>	Paris: Alexis Eymery, 4 vols. (trans. as Les enfants, ou les caractères).
1822	<i>Frank a Sequel to Frank in Early Lessons.</i>	London: Printed for R. Hunter, and Baldwin Cradock and Joy
1822	<i>Tales of Fashionable Life</i>	Philadelphia, Trenton: E. Littell, 6 vols.
1822?	<i>Works of Maria Edgeworth</i>	Boston: Samuel H. Parker; Munroe & Francis; Philadelphia, Trenton: E. Littell; New York: R. Norris Henry, 13 vols. (vols. 1-6 issued as part of 12 vols. set).
1822	<i>Continuation of Early lessons: [vol. 1] Containing Frank, and the beginning of Rosamond, [vol. 2] The conclusion of Rosamond and Harry and Lucy</i>	London: R. Hunter, Baldwin, Cradock & Joy, 3 vols. London: R. Hunter, Baldwin, Cradock & Joy, 2 vols.
1822	<i>Continuation of Early lessons</i>	New York: W.B. Gilley, 2 vols.
1822	<i>The conclusion of Rosamond and Harry and Lucy</i>	Cambridge: Hilliard & Metcalf for the Trustees of the Publishing Fund, 2 vols.
1823	<i>L'Ennui, ou Mémoires du comte de Glenthorn (Ennui, première série des Tales of Fashionable Life)</i>	Paris : Galignani, 3 vols. traduit de l'anglais par Mme E. de Bon;
1823	<i>Les enfants ou les caracteres</i>	Paris, Eymery. 4 Vols
1823	<i>Moral tales for young people</i>	Rotterdam: Mensing & Van Westreenen, 2 vols. (trans. into Dutch as Zedelijke verhalen voor jonge lieden)
1823	<i>Early Lessons</i>	Philadelphia:??
1823	<i>Popular tales</i>	Boston: Samuel H. Parker,

1823	<i>Popular tales</i>	Paris: J.A.S. Collin de Plancy, 2 vols. (trans. by Mmes. Elise Voyart and Read as Contes populaires).
1823	<i>Forget and forgive</i>	(Maria Edgeworth'; Alexander Anderson) New Haven (CT): John Babcock & Son.; Charleston (SC): S. Babcock & Co.
1823	<i>Les Protecteurs et les protégés (Patronage)</i>	Paris : Leroux et Teuré, 5 vols.; (traduit de l'anglais par Jean Cohen)
1824	<i>Vivian</i>	London :William Glaisher Ltd
1825	<i>Harry and Lucy concluded</i>	London: R. Hunter, Baldwin, Cradock & Joy, 4 vols.
1825	<i>Harry and Lucy concluded</i>	Boston: Munroe & Francis, 4 vols
1825	<i>Tales and miscellaneous pieces</i>	London: R. Hunter; Baldwin, Cradock & Joy, Longman, Hurst, Rees, Orme & Co., J. Booker; Sherwood, Jones & Co., G.B. Whittaker, Harding, Triphook & Lepard, A.K. Newman & Co., R. Scholey, R. Saunders, T. Tegg, Hamilton, Adams & Co., Simpkin & Marshall, T. Mason, J. Duncan, Smith & Elder, 14 vols.
1825	<i>Works of Maria Edgeworth</i>	Boston : S. H. Parker
	<i>Helen</i>	London: George Routledge and Sons
1826	<i>Early lessons</i>	Paris: Fortric, 4 vols. (trans. by Mme Belloc as Les jeunes industriels, ou découvertes, expériences, conversations et voyages de Henri et Lucie).
1826?	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	Geneve: Manet & Paschoud
1826	<i>Early lessons</i>	New York: William Burgess Jnr
1826	<i>Early Lessons</i>	Paris: Fortric, 4 vols. (trans. by Mme Belloc as Les jeunes industriels, ou découvertes, expériences, conversations et voyages de Henri et Lucie)
1826	<i>Les jeunes industriels : ou, Découvertes, expériences, conversations et voyages de Henri et Lucie</i>	Paris : Libraire de Fortic (traduit de l'Anglais, par Madame Sw.-Belloc)
1827	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	Paris: Baudry, Galignani, 6 vols.
1827	<i>Harry and Lucy concluded</i>	London: R. Hunter, Baldwin, Cradock & Joy, 2nd edn, 4 vols. (corrected).

1827	<i>Little plays for children : vol. VII of The parent's assistant</i>	London : Printed for R. Hunter, St. Paul's Churchyard, and Baldwin, Cradock, and Joy, Paternoster Row
1828	<i>Castle Rackrent, an Hibernian tale taken from facts and from the manners of the Irish squires before the year 1782.</i>	London, Printed for R. Hunter and others by Thomas Davison (New Edn.)
1828	<i>Popular Tales by Maria Edgeworth</i>	???
1828	<i>Patronage</i>	Frankfurt am Main: Sauerländer, 4 vols. (trans. by Louise Marezoll as Die Gönnerschaft).
1829	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	London: Whittaker, Treacher & Co (trans. as Laurent le paresseux, Tarlton, et le fause clef: trois contes)
1829	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	Dublin: John Cumming, 3 vols. (new edn)
1829	<i>Early lessons</i>	Paris: Alexandre Mesnier, 12 vols. (trans. as Education familière ou séries de lectures pour les enfants depuis le premier age jusqu'à l'adolescence).
1829	<i>Garry-Owen; or, the snow-woman</i>	Salem (MA): John M. & W. & S.B. Ives
1830	<i>Moral tales for young people</i>	Paris: Baudry, 2 vols. (trans. by M. Benj. Laroche as Forester. A tale).
1831	<i>Tales of Fashionable Life</i>	Paris: Baudry's Foreign Library, 6 vols.
1832	<i>Garry Owen; or, the snow-woman; and Poor Bob, the chimney-sweeper</i>	London: John Murray
1832	<i>Moral tales for young people</i>	Boston: Munroe & Francis
1832	<i>Popular Tales</i>	London: Baldwin & Cradock, 2 vols. (new edn, ill. W. Harvey, F. Engelheart, C. Rolls).
1832	<i>Popular Tales</i>	Hamburg: Perthes & Besser, 2nd edn (trans. as Auswahl aus den Popular Tales).
1832	<i>Tales and Novels</i>	London: Baldwin, Cradock, J. Murray, J. Booker, A.K. Newman & Co., Whittaker, Treacher & Arnot, T. Tegg, Simpkin & Marshall, E. Hodgson, Houlston & Son, J. Templeman, J. Bain, R. Mackie, Renshaw & Rush, G. & J. Robinson, 18 vols. (ill. W. Harvey, H. Robinson, C. Rolls, , J.W. Cook).
1832	<i>Tales and novels</i>	New York: J. & P. Harper, 10 vols

1833	<i>Harrington, a tale; and Ormond, a tale</i>	London: Baldwin & Cradock
1833	<i>The Parents Assistant (Translated by Mlle A.Sobry as Le Livre des Familles</i>	Paris: H. Fournier Jeune, 4 vols
1833	<i>Early Lessons</i>	London:Bradwin and Cradock (Twelfth Edition)
1833	<i>Forgive and forget</i>	Belfast: Sold by Samuel Archer & William M'Comb; Dublin: Sold by William Curry Jnr & Richard Coyne,(trans. into Irish for the Ulster Gaelic Society,as Maith agus dearmad, by Thomas Feenachty, teacher of Irish in Belfast; dedicated to the marquis of Downshire)
1833	<i>Tales and novels</i>	New York: Harper & Bros, 18 vols.
1834	<i>The Parents Assistant</i>	London: Baldwin and Cradock
1834	<i>Moral tales for young people</i>	Paris: Baudry's European Library
1834	<i>Moral tales for young people</i>	Paris: Baudry,3 vols. (Baudry's European Library).
1834	<i>Helen</i>	London: Richard Bentley, 3 vols.
1834	<i>Helen</i>	Paris: A. Guyot,, 3 vols. (trans. by Mme L.Sw[anton] Belloc as Hélène).
1834	<i>Helen</i>	Paris: Baudry's European Library, (Modern British Novels and Romances Series)
1834	<i>Hélène</i>	Paris :Abel Leroux. (traduit de l'anglais par MmeL.Sw. Belloc.Réédition,premier volume)
1834	<i>Helen</i>	Aachen, Leipzig: Jacob Anton Mayer, 3 vols. (trans. by C. Richard as Helene).
1834	<i>Helen</i>	Philadelphia: Carey, Lea & Blanchard; Boston: Allen & Ticknor, 2 vols.
1834	<i>Helen</i>	New York: Carey, Lea & Blanchard; Boston: Allen & Ticknor, 2 vols.
1834	<i>Helen</i>	Paris : Abel Leroux (réédition premier volume)
1834	<i>Helen</i>	Paris: Baudry's European Library
1834	<i>Little Plays For Young People Warranted Harmless By Maria Edgeworth</i>	London: Baldwin & Cradock

1834	<i>Helen</i>	Leipzig: Jacob A.Mayer
1835	<i>Helen</i>	Amsterdam: M.H. Schonekat, 3 vols. (trans. into Dutch by J.J. Abbink as <i>Helena, of waarheid en logen: Eene schets der hedendaagsche groote wereld</i>)
1835	<i>Early lessons</i>	Trim [Co. Meath]: Henry Griffith. This probably was published for Revd Richard Butler (d. 1862), who took a great interest in the Trim School. He was dean of Clonmacnoise and vicar of Trim and married in 1829 Harriet Edgeworth, second daughter of Richard Lovell Edgeworth by his fourth wife Frances Anne Beaufort*.
1835	<i>Garry Owen; or, the snow-woman; and Poor Bob, the chimney-sweeper</i>	Paris: Truchy
1835	<i>Garry Owen; or, the snowwoman; and Poor Bob, the chimney</i>	Paris: Hachette, (trans. by Mme Belloc as <i>Contes aux jeunes garçons persévérance, Garry Owen ou la femme sous la neige</i>).
1835	<i>Continuation of Early lessons: [vol. 1,2]</i>	Paris: Truchy
1835	<i>Garry Owen; or, the snow-woman; and Poor Bob, the chimney-sweeper</i>	Paris: Hachette (trans. by Mme Belloc as <i>Contes aux jeunes garçons persévérance, Garry Owen ou la femme sous la neige</i>). 'Garry Owen' was originally published in <i>The Christmas Box</i> (London, 1828)
1835	<i>Familien Erziehung.</i>	In einer Reihe moralischer Erzählungen für Jugend von 5 bis 12 Jahren Duedlinburg, Leipzig: Gottfr. Basse, [1835 or earlier], 2nd edn (ill.; trans. by Fr. Uberobt).
1835	<i>Tales and novels</i>	New York: Harper & Bros, 18 vols.
1835	<i>Tales and novels</i>	New York: Harper & Bros, 1845-46, 18 vols.
1836	<i>Continuation of Early lessons: [vol. 1. 2]</i>	Paris: Baudry
1836	<i>Continuation of Early lessons: [vol. 1] , [vol. 2]</i>	Baltimore: J. Smith Homans
1836	<i>Moral Tales as Le petit trésor des enfants bien sages, ou choix de jolis contes moraux, propres à les faire persévérer dans le bien</i>	Paris: Fruger & Brunet

1836	<i>Moral tales for young people</i>	Paris: Fruger & Brunet (liberally trans. As Le petit trésor des enfant bien sage: ou choix de jolis contes moraux, propres à les faire persévérer, dans le bien). Paris 1836 edn The settings of the stories have been transposed to France.
1836	<i>The juvenile works of Maria Edgeworth.</i>	New York: Harper & Bros, 5 vols. Source Adv. in M. Edgeworth, Rosamond: with other tales, which is part of this series. COMMENTARY Stayed in print until at least 1843, when the series was advertised in Rosamond: with other tales. In that year, Rosamond: with other tales appeared as part of the School District Library
1836	<i>Tales & Novels Harrington; Thoughts on Bores; Ormond</i>	New York:J. Harper
1837	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	Paris,Lavigne,(trans. by Ernest Garnier as Contes des familles de Miss Edgeworth; ill. M. de Sainson; Bibliothèque Familles)
1837	<i>Hélène</i>	Bruxelles : Melines, Cans et Compagnie
1837	<i>Harry and Lucy concluded;</i>	London: Baldwin & Cradock & George Routledge, 3rd edn (revsd and corrected, 3rd edn).
1837	<i>Popular tales</i>	Paris: Baudry
1837	<i>Popular tales</i>	Brussels: Meline, Cans & Co.(trans. by E. Garnier as Contes populaires; ill. M. de Saison, Boilly).
1837	<i>Contes des familles de Miss Edgeworth</i>	Paris : Lavigne(traduits de l'anglais sur la 15e édition par E. Garnier)
1837	<i>Contes populaires de Miss Edgeworth /</i>	Paris : Lavigne (traduits de l'anglais sur la 8e édition par E. Garnier ; ornée de quatre vignettes de M. de Sainson, gravées sur acier par Boilly)
1838	<i>Early lessons</i>	Paris: Libraire d'Éducation de Didier (imitated by Mme Viltardant as Les jeunes savants, expériences, voyages, découvertes de Henri et Lucie, sous la direction de leur père).
1838	<i>Continuation of Early lessons</i>	Boston: Julius A. Noble
1838	<i>Moral tales for young people</i>	London: Schulze & Co.(trans. by Milles M. and L. Shearburn as Le vase Prussien, anecdote sur Frédéric Le Grand, roi de Prusse).
1838	<i>Moral tales for young people</i>	NewYork: J.G. Shaw

1839	<i>Tales and novels</i>	NewYork: Harper & Bros, 18 vols.
1839	<i>Forester, tale</i>	Paris: ...traduction française en regard du texte, précédé d'un avant-propos sur l'étude de la langue anglaise par M. B. Laroche
1840	<i>Harry and Lucy</i>	London: Baldwin & Cradock & George Routledge,3rd edn (as Harry and Lucy; revsd and corrected).
1840	<i>Contes populaires de Miss Edgeworth</i>	Paris : Didier (Traduits de l'anglais sur la 8e édition par E. Garnier... / 3e éd.)
1840	<i>Tarlton</i>	Tours : Ad Mame et Cie
1840	<i>Early lessons</i>	Philadelphia: M. Fithian
1841	<i>Forester</i>	Paris : Thiériot
1841	<i>Patronage [and Comic dramas] / by Maria Edgeworth</i>	Paris : Baudry
1841	<i>Les orphelins, : conte / par Miss Edgeworth ; traduit de l'anglais par Madame Eugénie Niboyet.</i>	Tours : Ad Mame et Cie
1841	<i>Harrington and Ormond, by Maria Edgeworth</i>	Paris : Baudry
1841	<i>Castle Rackrent, an hibernian tale taken from facts and from the manners of the Irish squires before the year 1782. Essay on Irish bulls. Leonora, a tale / By Maria Edgeworth</i>	Paris : Baudry
1841	<i>Comic dramas for young persons by Maria Edgeworth</i>	/ Paris : Baudry
1841	<i>Les orphelins</i>	Tours : Ad Mame et Cie (traduit de l'anglais par Madame Eugénie Niboyet)
1842	<i>Moral tales for young people</i>	NewYork: Harper
1842	<i>Contes de Miss Edgeworth dédiée à la jeunesse comprenant les contes moraux, les contes des familles et les contes populaires</i>	Paris: Didier, 2 vols. (trans. by Ernest Garnier).
1842	<i>Moral tales for young people</i>	NewYork: Harper
1842	<i>Belinda, by Maria Edgeworth</i>	Paris : Baudry

1843	<i>Tales of fashionable life : the Dun, Mademoiselle de Coulanges : the Modern Griselda / by Maria Edgeworth... Selection consisting of Almeria, Madame de Fleury /</i>	Paris : Baudry
1844	<i>Frank. A sequel...</i>	Fifth edition. 3 Vols. Whittaker...
1845	<i>Early lessons</i>	Boston: B. Mussey
1845	<i>Early lessons.</i>	???Longman and Co 4 Vols.
1845	<i>Popular tales</i>	Amsterdam: H. Blad, (free trans. into Dutch as De buren en het testament: Twee romantische verhalen)
1845	<i>Tales and novels</i>	New York: Harper & Bros, 1845-46, 18 vols.
1845	<i>Illustrated tales for children</i>	Paris: J.H. Truchy
1845	<i>Tarlton ou Les Petits Maraudeurs</i>	Tours : Ad Mame et Cie, Libraires-Éditeurs
1846	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	Paris: Baudry, (Baudry's European Library,new edn)
1846	<i>Frank; a tale, in two parts;</i>	Paris: Baudry's European Library
1846	<i>Harry and Lucy concluded</i>	London: Simpkin, Marshall & CO (3 vols, Fourth Edition)
1846	<i>Miss Edgeworth's stories for children.</i>	London: Longman & Co., T. Tegg, Hamilton & Co., Whittaker & Co., J. Murray, Smith, Elder & Co., Sherwood & Co., H. Washbourne, Houlston & Co., E. Lumley, Darton & Clark, Orr & Co., G. Routledge, Simpkin, Marshall & Co.[at least 32 vols]
1846	<i>Early lessons</i>	Norwich: Charles Muskett; London: Simpkin, Marshall & Co., 1846 (trans. by Frances K. Barnard as Heinrich und Luzie; dedicated to Miss Walker).
1847	<i>Early lessons</i>	Worcester: Edward Livermore,
1847	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	Philadelphia: Geo. S. Appleton; New York: D. Appleton & Co.
1847	<i>Ennui, or, Memoirs of the earl of Glenthorn : a novel</i>	Paris : J. H. Truchy
1848	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	London: Longman & Co, Hamilton & Co., Simpkin, Marshall & Co., H. Washbourne, Houlston & Stoneman, E. Lumley; Darton & Co., Orr & Co., Routledge & Co., Tegg & Co., Smith, Elder & Co., Whittaker & Co, 3 vols. (new edn; ill.).

1848	<i>Tales and novels / by Maria Edgeworth. Twenty volumns bound in ten.</i>	London : Whittaker
1848	<i>Orlandino</i>	Edinburgh:William& Robert Chambers,Chambers's Library for Young People
1848	<i>Orlandino</i>	Boston: Gould, Kendall & Lincoln, (Chambers's Library for Young People)
1849	<i>Orlandino</i>	Paris: Baudry
1849	<i>Popular tales</i>	Calcutta: R.C. LePage & Co., P.S. D'Rozario & Co.
1850	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	Belfast: Simms & M'Intyre
1850	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	Philadelphia:Gheo.S Appleton
1850	<i>Lazy Lawrence and other stories</i>	New York: D.J. Williams
1850	<i>Stories for children, from "Parent's Assistant". Lazy Lawrence</i>	London: Longman & Co.
185?	<i>Harry and Lucy</i>	Boston: Munroe & Francis
185?	<i>Orlandino</i>	London, Edinburgh: William & Robert Chambers
1850?	<i>Lazy Lawrence and other stories</i>	New York: D.J. Williams,
185?	<i>Harry and Lucy</i>	Boston: Munroe & Francis
1850	<i>Tales and novels</i>	New York: Harper & Bros, 20 vols.
1850	<i>Tales and novels</i>	New York: Harper & Bros, 1850, 20 vols.
1850	<i>Rosamond. A sequel to Rosamond in Early Lessons</i>	London: Longman and Co
1850	<i>Education familière ou séries de lectures pour les enfants, depuis le premier âge jusqu'à l'adolescence</i>	Paris : J. Renouard et Cie (tirées de divers ouvrages de Miss Edgeworth ; trad. de l'anglais, avec des changements et des additions considérables par Mme Louise Sw. Belloc ; dessins de Tony et Alfred Jhannot)
1851	<i>Popular Tales</i>	London: Simpkin, Marshall
1851	<i>Fashionable tales : three novels : Emilie de Coulanges. Almeria. The modern Griselda</i>	Paris : J.-H. Truchy
1852	<i>Moral tales for young people</i>	Paris: Baudry (as The good French governess, a tale).

1852	<i>Tales and Novels</i>	New York : Harper & brothers
1854	<i>Waste Not, Want Not, or Two Strings to Your Bow</i>	???. C.G. Henderson & Co
1854	<i>Harry and Lucy & Other Tales</i>	
1854	<i>Contes de l'Adolescence</i>	Paris: Librairie de l'Hachette et Cie
1855	<i>Harrington, a tale; and Ormond, a tale</i>	New York: Harper
1855	<i>Tales and novels, by Maria Edgeworth</i>	New York : Harper & Brothers
1855	<i>Contes de l'enfance / choisis de Miss Edgeworth et traduits par Armand Lefrançois</i>	Paris : Hachette
1856	<i>Early lessons</i>	London, New York: George Routledge &Co
1856	<i>Frank : a tale</i>	Paris : Hachette
1856	<i>Tales and novels</i>	New York: Harper & Bros, 20 vols. in 10
1856	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	London, New York: George Routledge & Co.
1856	<i>Harry and Lucy</i>	London, New York: Routledge & Sons
1856	<i>Rosamond: A series of tales</i>	London, New York: George Routledge & Sons
1856	<i>Early lessons 1856-Tales and novels</i>	New York: Harper & Bros, 20 vols. London, New York: George Routledge & Co
1856	<i>Tales of fashionable life</i>	London, New York: George Routledge &Co
1856	<i>Demain : [Le Nègre reconnaissant. Un créancier.]</i>	Paris : Librairie nouvelle (Traduit de l'anglais par M. Henry Jousselein)
1857	<i>Miss Edgeworth's tales.</i>	London: T.J. Allman, 16 vols. (new edn; New Juvenile Library; ill.).
1857	<i>Continuation of Early lessons</i>	London, New York: G. Routledge & Co[vol. 1] [vol. 2]
1857	<i>Tales and novels</i>	London: Simpkin, Marshall & Co., Whittaker & Co., E. Hodgeson, Washbourne & Co., H.G. Bohn, Smith, Elder & Co., Halston & Stoneman, J. Bain, H. Renshaw, Tegg & Co., Routledge & Co., C. Templeman, Willis & Sotheran; Liverpool: G. & J. Robinson, , 10 vols.

1857	<i>Frank</i>	Paris : Truchy
1858	<i>Edgeworth's tales</i>	London, New York: George Routledge & Co. [unknown number of vols].
1858	<i>Simple Susan Other Stories</i>	???????
1859	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	Paris: L. Hachette,(trans. by Armand le François as Contes de l'enfance choisis de Miss Edgeworth; ill. V. Foulquier).
1859	<i>Harry and Lucy</i>	New York: C.S. Francis & Co
1860	<i>Edgeworth's Juvenile Library</i>	London: T.J. Allman,(new edn) [unknown number of vols].
1860	<i>The purple jar, and other tales</i>	London, New York: Routledge, Warne & Routledge
1860	<i>Simple Susan</i>	London: T.J. Allman
1861	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	London: Ward & Lock, Frank Goodchild's Little Library.
1861	<i>Early lessons</i>	London: Ward & Lock, Frank Goodchild's Little Library
1861	<i>Rosamond: A series of tales</i>	Boston: Crosby, Nichols, Lee & Co., 2 vols.
1862	<i>Popular tales</i>	Edinburgh: James Gordon; London: Simpkin, Marshall & Co.
1862	<i>Waste not, want not, and other tales.</i>	London: Ward & Lock
1863	<i>Popular tales</i>	Halifax: Milner & Sowerby
1863	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	London, New York: Routledge, Warne & Routledge
1866	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	London, New York: George Routledge & Sons
1866	<i>Frank; The contrast, and other tales</i>	London: W. & R. Chambers
1866	<i>Frank; The contrast, and other tales</i>	Edinburgh: E. & S. Livingston
1866	<i>Moral tales : Forester : The good aunt : Angelina or, L'amie inconnue</i>	Leipzig : Tauchnitz

1867	<i>Forester, nouvelle anglaise/ par Miss Edgeworth ; texte collationné sur une des meilleures éditions de Londres et précédé des règles de prononciation et d'une notice sur l'auteur, en anglais par Henry Montucci</i>	Paris : Ch. Delagrave et Ce
1868	<i>The bracelets and The good French governess; two stories for girls</i>	London: Houlston & Wright, (new edn).
1868	<i>Rosamond: A series of tales</i>	Baltimore: Kelly & Piet
1868	<i>Continuation of Early lessons</i>	Baltimore: Kelly & Piet, 2 vols.
1868	<i>Mimic Other Stories Boys</i>	???????
1868	<i>Victoire ou On a souvent besoin d'un plus petit que soi</i>	Limoges : E. Ardant (Traduit de l'anglais par Mme. A. Ballot)
1869	<i>Continuation of Early lessons</i>	New York: Allen
1869	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	Edinburgh: Alexander Hislop & Co.
187?	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	New York: J. Miller
1870	<i>Popular tales</i>	Baltimore: Kelly & Piet, (new edn).
1870	<i>Tales and Novels</i>	London: Henry G Bohn
1870	<i>Self-denial and other tales</i>	London & Edinburgh: William and Robert Chambers
1871	<i>Popular tales</i>	Leipzig : B. Tauchnitz
1873	<i>Harry and Lucy; Lame Jervas, and The grateful negro</i>	London, Edinburgh: W. & R. Chambers
1873	<i>Moral tales for young people</i>	London: W. & R. Chambers
1873	<i>Rosamond and Godfrey; To-morrow; and, Out of debt out of danger</i>	London : W. & R. Chambers
1874	<i>Tales and novels</i>	London: Henry G. Bohn, Simpkin, Marshall & Co.,10 vols.
1874	<i>Popular tales</i>	????
1874	<i>Miss Edgeworth's moral and popular tales</i>	London: Frederick Warne & Co.; New York: Scribner, Welford & Armstrong (new edn; ill.).

1875	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	London: G. Bell & Sons
1875	<i>Forester</i>	Paris : Hachette
1877	<i>Demain suivi de Mourad le Malheureux</i>	Paris :Librarie Hachette et Cie
1878	<i>Early lessons</i>	London, New York: George Routledge & Sons
1878	<i>Popular tales</i>	Paris: Hachette & Co., 2nd edn (trans. by H. Jouselin as Demain, suivi de Morad le malheureux; ill. Bertall; Bibliothèque Rose Illustrée).
1880 ?	<i>Self-denial and other tales</i>	London & Edinburgh: W. & R. Chambers
1880	<i>Rosamond</i>	Paris: J.H.Truchy (14thedn)
1880	<i>Contes de l'enfance; Choisis de Miss Edgeworth et trad. par Armand Le François</i>	Paris : Hachette et Cie
1881	<i>Miss Edgeworth's moral and popular tales</i>	London, New York: George Routledge & Sons
1882	<i>Old Poz, le Vieux Positif ou le Père Positif, petite comédie à cinq personnages/par Miss Edgeworth</i>	Paris...??? (Texte et traduction, avec traduction interlinéaire et annotation de la prononciation, à l'usage des classes élémentaires par Francis Berger,... / 5e éd. /)
1883	<i>Classic tales</i>	Boston: Roberts Bros. [Originally published in The Christmas Box (London, 1828).]
1883	<i>Classic tales</i>	New York: John W. Lovell
1884	<i>Forester : texte anglais / publié avec une notice, un argument analytique et des notes en français par Alexandre</i>	Paris: Beljame,... / Hachette
1885	<i>Contes choisis publ. avec notice et des notes / par J. Motheré</i>	Paris : Hachette
1886	<i>Stories of Ireland</i>	London, New York: George Routledge & Sons, (Morley's Universal Library, No. 36; introd. by Henry Morley).
1887	<i>Tales and novels</i>	London, New York: George Routledge & Sons, 10 vols

1887	<i>Contes Choisis</i>	Paris: Librairie Poussielgue Frères
1887	<i>Contes choisis [Texte imprimé] / par Miss Edgeworth ; publiés avec une notice et des notes par J. Mothéré</i>	Paris : Hachette et Cie
1887	<i>Les auteurs du programme Part. III, Moral tales [Texte imprimé] : extraits reliés par des analyses, avec notices et notes : selections from miss Edgeworth's tales (contes choisis) : classe de sixième et 1re année de l'enseignement secondaire spécial / Par A.-A. Liégaux-Wood</i>	Paris : CH. Delagrave
1887	<i>Old Poz (Le Père positivement) : comédie enfantine à cinq personnages : texte et traduction / par Miss Edgeworth ; avant-propos : Emile Chasles</i>	Paris : Hachette (5e édition)
1889	<i>Murad the unlucky, and other tales</i>	London: Cassell, (ed. by Henry Morley; Cassell's National Library).
1889	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	Boston, New York: Houghton, Mifflin & Co
1889	<i>Contes choisis / Miss Edgeworth ; publiés avec une notice et des notes par J. Mothéré</i>	Paris : Hachette
1890	<i>The parent's assistant; or, stories for children</i>	London, New York, Glasgow, Manchester: George Routledge & Sons
1890	<i>Stories for children; or, The parent's assistant.</i>	London: George Bell and Sons (New ed.)
1890	<i>The orphans, and other tales</i>	London, New York, Glasgow, Manchester: George Routledge & Sons
1890	<i>Murad the Unlucky and the Manufacturers</i>	London: Routledge
1891	<i>Murad the Unlucky and Other Tales</i>	London: Cassell & Company (edition by David Price)
1891	<i>Contes de l'Enfance</i>	Paris: Librairie Hachete et Cie
1893	<i>Tales and Novels</i>	London, G. Routledge
1893	<i>Miss Edgeworth's stories.</i>	London, Glasgow, Manchester, New York: George Routledge & Sons, , 19 vols.

1893	<i>Old Poz: comédie enfantine /Texte anglais publié avec des notes et un vocabulaire par Al Beljame</i>	Paris : Hachette (Deuxième édition)
1893	<i>The Grateful Nero and the Birthday Present</i>	Edinburgh: W.P. Nimo, Hay and Mitchell
1893	<i>The novels of M. Edgeworth</i>	London: J.M. Dent & Co.; New York: Dodd, Mead & Co., 12 vols. (ill.; edn of 250 copies).
1893	<i>Helen</i>	London: J.M. Dent and CO
1893	<i>Ormond and Ennui</i>	London: J.M. Dent and CO
1894	<i>Old Poz : comédie enfantine / Miss Edgeworth ; texte anglais publié avec une notice, des notes et un vocabulaire par Al Beljame</i>	Paris : Hachette
1894	<i>Life and Letters of Maria Edgeworth</i>	London: Edward Arnold (Publisher to the India Office)
1895	<i>Harrington, a tale; and Ormond, a tale</i>	London, New York: Macmillan & Co.
1895	<i>Castle Rackrent and The absentee</i>	London: Macmillan
1895	<i>Gervais le Boiteaux</i>	Paris: E.Ardant et Cie
1896	<i>Lettres intimes de Maria Edgeworth: pendant ses voyages en Belgique, en France, en Suisse et en Angleterre, en 1802, 1820 et 1821</i>	Paris : Guillaumin et Cie
1896	<i>Les Deux Manufacturiers</i>	Paris: E.Ardant et Cie
1897	<i>The parent's assistant</i>	London: Macmillan and Co, Limited New york: The Macmillan Company
1900	<i>Rosamond, a series of Tales by Maria Edgeworth</i>	The Ruby Series
1901	<i>Victimes du Luxe</i>	Limoges: Eugène Ardant & Cie
1903	<i>The Parent's Assistant or, Stories for Children</i>	London: Macmillan and Co., limited New York: The Macmillan Company (with an introduction by Anne Thackeray Ritchie first printed with Illustrations by Chris Hammond 1897. Illustrated Pocket Classics)
1903	<i>Tales from Maria Edgeworth</i>	Wells Gardner,Darton & Company
1904	<i>Castle Rackrent and the Absentee by Maria Edgeworth</i>	New York The Century

1895	<i>Castle Rackrent</i>	Macmillan and Co
1903	<i>Castle Rackrent</i>	New York, The Century Co
1904	<i>Castle Rackrent</i>	New York : Century Co
1905	<i>Castle Rackrent</i>	New York, The Century co.
1905	<i>Ormond : a tale / by Maria Edgeworth ; Illustrated by Fred. Pegram ; with [a biographical] introduction by Austin H. Johnson</i>	London : Gresham publishing
1905	<i>Ormond : a tale / by Maria Edgeworth ; Illustrated by Fred. Pegram</i>	London : Blackie and Son
1906	<i>Maria Edgeworth's Selected tales. School text with introduction and notes.</i>	Dublin: Browne & Nolan
1906	<i>Murad the unlucky, and other tales</i>	Dublin, Belfast: Blackie & Son
1908	<i>Murad the unlucky, and other tales</i>	?????
1909	<i>Castle Rackrent, and The absentee</i>	London, J. M. Dent & Sons, Ltd.;
1910	<i>Castle Rackrent, and The absentee</i>	London : Macmillan
1910	<i>Simple Susan. Re-told by Louey Chisholm</i>	London: T.C. & E.C. Jack ; New York: E.P. Dutton & Co.
1910	<i>School and College Series of English Classics ,Selections from the stories of Maria Edgeworth</i>	Dublin: Fallon & Co.
1911	<i>Forester</i>	Paris: Librairie Hachette et Cie
1917	<i>Castle Rackrent, and The absentee. By Maria Edgeworth.</i>	London, J. M. Dent & sons, ltd
1918	<i>Simple Susan. Re-told by Louey Chisholm [With Illustrations.]</i>	London: T.C. & E.C. Jack ; New York: E.P. Dutton & Co.
1918	<i>Rosamond , a series of Tales</i>	London: Routledge and Sons
1928	<i>Castle Rackrent, and The absentee. By Maria Edgeworth</i>	London, J. M. Dent & son, ltd
1928	<i>Contes choisis</i>	Paris : J. de Gigord (4e édition)

1952	<i>Castle Rackrent ; The absentee</i>	London : Dent
1953	<i>Castle Rackrent. Emilie de Coulanges. The birthday presente</i>	London, New York, T. Nelson
1960	<i>Castle Rackrent: The absentee / Maria Edgeworth ; introd. by Bander Matthews</i>	London : Dent
1964	<i>Château Rackrent</i>	Paris : Éditions Mercure de France (Domaine anglais, traduit de l'anglais par Pierre Leyris)
1964	<i>Castle Rackrent</i>	London : Oxford University Press
1964	<i>Castel Rackrent ; The absentee</i>	London : Dent
1964	<i>Château Rackrent</i>	Paris: Mercure de France
1964	<i>Castle Rackrent</i>	London : Oxford University Press
1965	<i>Castle Rackrent</i>	??
1967	<i>Tales and novels</i>	New York : AMS Press
1968	<i>Castle Rackrent ; The absentee</i>	London : Dent
1968	<i>Castle Rackrent : The absentee</i>	New York : Dutton
1969	<i>Castle Rackrent</i>	Oxford,London, New York: Oxford University Press
1969	<i>Tales and Novels</i>	Hildesheim: Georg Holms
1969	<i>Memoirs of Richard Lovell Edgeworth/ begun by himself and concluded by his daughter Maria Edgeworth. With an introd. by Desmond Clarke</i>	Shannon : Irish University Pres
1971	<i>Life and letters... I-II,/ Maria Edgeworth; ed. by Augustus John Cuthbert Hare</i>	Freeport [N. Y.] : Books for libraries press
1971	<i>Letters from England, 1813-1844 / edited by Christina Colvin</i>	Oxford : Clarendon Press
1972	<i>Zamok Rėkrent, Vdali otečestva / Izd. podgotovili : I.M. Bernštejn, N.M. Demurova, A.A.</i>	Elistratova Moskva : Nauka
1972	<i>Ormond : a tale</i>	Shannon, Ireland : Irish University Press
1976	<i>Castle Rackrent and The Absentee</i>	London : Dent
1978	<i>Castle Rackrent</i>	New York: Garland

1978	<i>Ennui</i>	New York : Garland Pub
1979	<i>Maria Edgeworth in France and Switzerland: selections from the Edgeworth family letters / edited by Christiana Colvin /</i>	Oxford : Clarendon press
1979	<i>The Absentee</i>	New York : Garland Pub
1979	<i>Harrington, a tale; and Ormond, a tale</i>	New York: Garland, 2 vols. (introd. by R.L. Wolff).
1980	<i>Castle Rackrent</i>	Oxford : Oxford University Press
1986	<i>Patronage Mothers of the Novel</i>	UK: Unwin Hyman Publishers
1986	<i>Belinda</i>	London : Pandora
1986	<i>Patronage</i>	London : Pandora
1987	<i>Helen</i>	London, New York: Pandora
1988	<i>The Absentee</i>	Oxford ; New York : Oxford University Press
1988	<i>Tales of Fashionable Life</i>	Oxford: Oxford University Press
1990	<i>The little dog trusty ; the orange man ; and the cherry orchard</i>	Los Angeles: W. A. Clark Memorial Library (being the tenth part of early lessons, 1801 / [Maria Edgeworth] ; introduction by Mitzi Myers [Reprod. en fac-sim.])
1991	<i>Castle Rackrent</i>	Oxford : Oxford University Pres
1992	<i>Castle Rackrent and Ennui</i>	London: Penguin Books Ltd
1992	<i>Ormond : a tale</i>	Belfast : Appletree Press
1992	<i>Harrington, a tale; and Ormond, a tale</i>	Dublin: Appletree Press
1993	<i>Castle Rackrent and Ennui</i>	Penguin Classics
1992	<i>Belinda</i>	London: Dent, (ed. by E. ní Chuillenáin).
1993	<i>Letters for literary ladies to which is added, An essay on the noble science of self-justification</i>	London : J.M. Dent
1993	<i>Letters for Literary Ladies</i>	New York: Everyman's Library, Random House
1993	<i>Letters for Literary Ladies</i>	London: J.M. Dent (ed. by C. Connolly).
1994	<i>Belinda</i>	Oxford : Oxford university press. The World's Classics

1994	<i>Castle Rackrent and Absentee</i>	USA:Wordsworth Classics
1995	<i>Castle Rackrent</i>	Oxford : Oxford University Press
1999	<i>The novels and selected works of Maria Edgeworth</i>	Brookfield: Pickering & Chatto, 19992003, 12 vols.
1999	<i>Tales of Fashionable Life</i>	London: Penguin
1999	<i>The Absentee</i>	London ; New York : Penguin Books
1999	<i>Castle Rackrent</i>	Oxford : Oxford University Press
2000	<i>Harrington, a tale; and Ormond, a tale</i>	London: Penguin Books Ltd
2000	<i>Absentee</i>	London: Penguin Books Ltd
2000	<i>Castle Rackrent</i>	Oxford : Oxford University Press
2001	<i>The absentee</i>	Oxford : Oxford University Press
2003	<i>The novels and selected works of Maria Edgeworth</i>	London : Pickering & Chatto
2004	<i>Out Of The Debt Of Danger</i>	Kessinger Publishing CO
2005	<i>Castle Rackrent: English Landlords in 1800's Ireland</i>	Dover Publications
2005	<i>Castle Rackrent, an Hiberian tale [Ressource électronique] : taken from facts and from the manners of the Irish squires before the year 1782</i>	Michigam: Thomson Gale
2006	<i>Moral Tales, By Maria Edgeworth.</i>	Michigan: University Of Library
2007	<i>Castle Rackrent</i>	Cambridge: Hackett Publishing Co, Inc
2008	<i>Belinda</i>	Oxford : Oxford University Press.Oxford Word's Classics
2008	<i>Castle Rackrent</i>	Oxford : Oxford University Press
2009	<i>Rosamond, a series of Tales</i>	Bibliolife
2010	<i>Tales from Maria Edgeworth</i>	Charleston:Nabu Press. Routledge Advances In Sociology
2010	<i>Helen</i>	Sort of Books

2011	<i>Patronage</i>	Sort of Books
2011	<i>Memoirs Of Richard Lovell Edgeworth, Esq Begun By Himself And Concluded By His Daughter, Maria Edgeworth</i>	Cambridge: Cambridge Library Collection
2012	<i>Pratical Education</i>	Cambridge: Cambridge Library Collection
2012	<i>Castle Rackrent</i>	Kindle Edition
2013	<i>Selected Tales for Children and Young People</i>	Hampshire :Palgrave Macmillan

Anexo 4

f 33



 My dear Miss Edgeworth

I received your acknowledgement
 this day which ^{is} more than a hundred of the volumes which
 you are afraid that I shall greatly value the self conceit it
 is likely to excite by dedicating one half of your power and talent to
 the account of your particular for the author for I am not sure
 of that it is likely to diminish my self value but on the contrary
 I think it very clear to increase it Now though there is such a
 pretence in our old fashioned Scots saying as "Lent send us all a
 good conceit of ourselves" yet as the doze may be very easily increased
 to a stupor I had better caution your letter before its full operation
 on my perceptions.

Seriously my own best thoughts of any thing I ~~ever wrote~~
 ever wrote never went beyond my excellent friend Sir Robert Dundas;
 (whom you saw I think in our house in Castle Street) approbation of
 a good joke which he expressed in these words at the dinner "think
 not bad." Adam Ferguson & I have had perhaps just in hopes
 to convey little gems but it was always the same sort of length
 and the same limited approbation. Now I cannot credit as an
 honest man when I tell you that almost all things I have written
 ever since which the public has received but have been so much
 inferior to that which I would have been able to do that I am
 always disgusted with them for the time at least - years after
 words when the ideas out of which the story was produced have been
 entirely forgotten I have been much better pleased with them I
 fancy something like this very occurs to other authors with me it
 is a very strong feeling and leads to a little reluctance to speak or
 think about them for as things unless by a friend like yourself who
 will not readily suspect me of affectation.

Carta de Walter Scott para Maria Edgeworth.

Transcript

My dear Miss Edgeworth,—I received your acknowledgement this day which is more than a hundred of the volumes acknowledged. I am afraid that I shall [riot] greatly master the self conceit it is likely to excite by deducting one half of your praise and setting it to the account of your partiality for the author for I am not sure if that is likely to diminish my self value but on the contrary I think it very like to increase it. Now though there is such a petition in our old fashiond Scots litany as "Lord send us all a good conceit of ourselves" yet as the doze may be very easily increased to a dangerous [one] I had better answer your letter before its full operation on my pericranium.

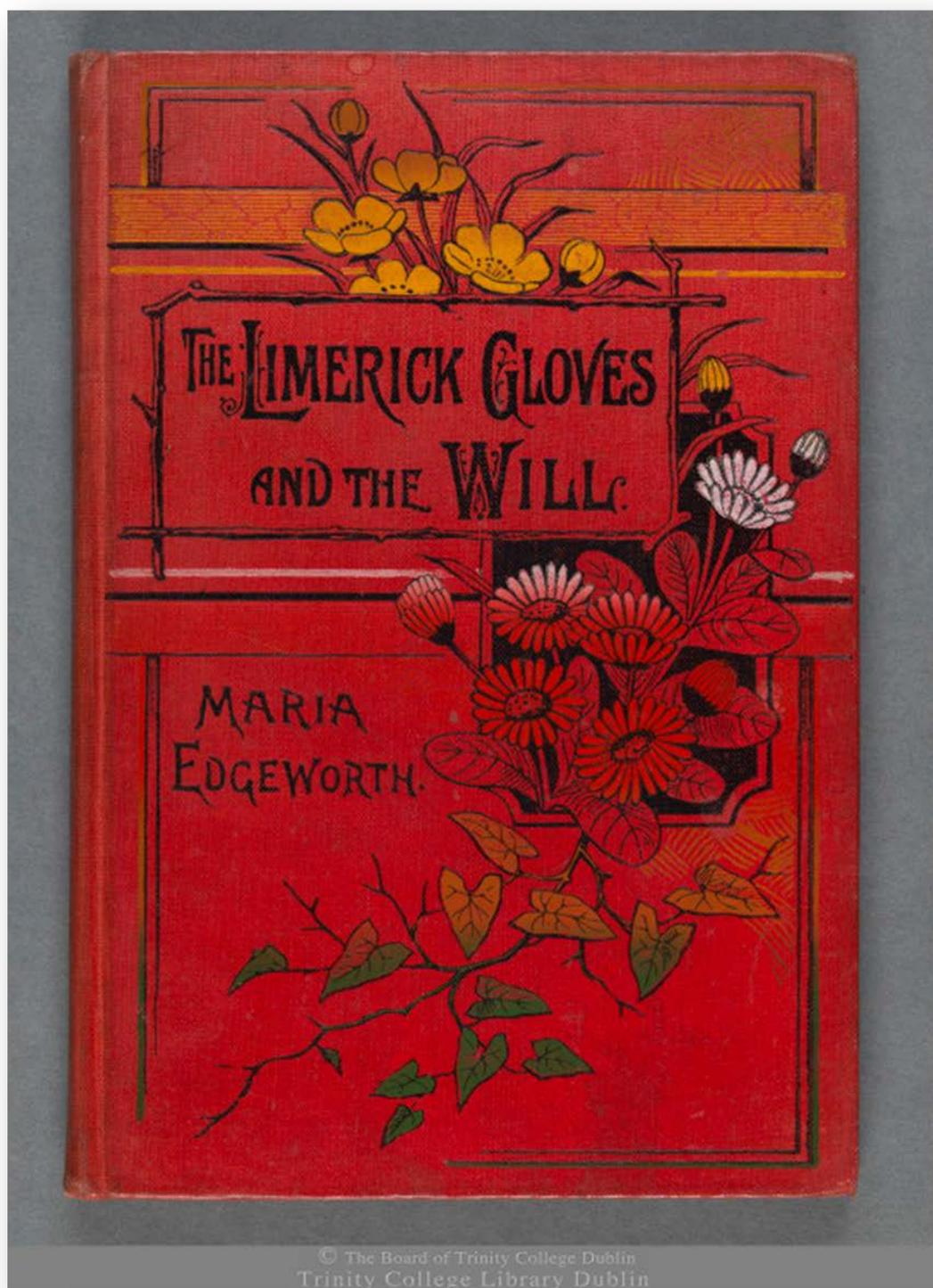
Seriously my own best thoughts of any thing I ever wrote never went beyond my excellent friend Sir Robert Dundas's (whom you saw I think in our House in Castle Street) approbation of a good joke which he expresses in these words at the utmost "Thats not bad." Adam Fergusson & I have shot jest upon jest in hopes to carry a little forth but it was always the same sort of laugh and the same limited approbation. Now I claim credit as an honest man when I tell you that almost all things I have written even those which the public has received best have been so much inferior to that which I would like to have done that I am always disgusted with them for the time at least—Years afterwards when the ideas out of which the story was produced have been entirely forgotten I have been much better pleased with them. I fancy something like this may occur to other authors. With me it is a very strong feeling and leads to a little reluctance to speak or think about these things unless to a friend like yourself who will not readily suspect me of affectation.

The Letters of Sir Walter Scott, ed. H.J.C. Grierson, vol. X (London: Constable, 1936), pp. 309-10.

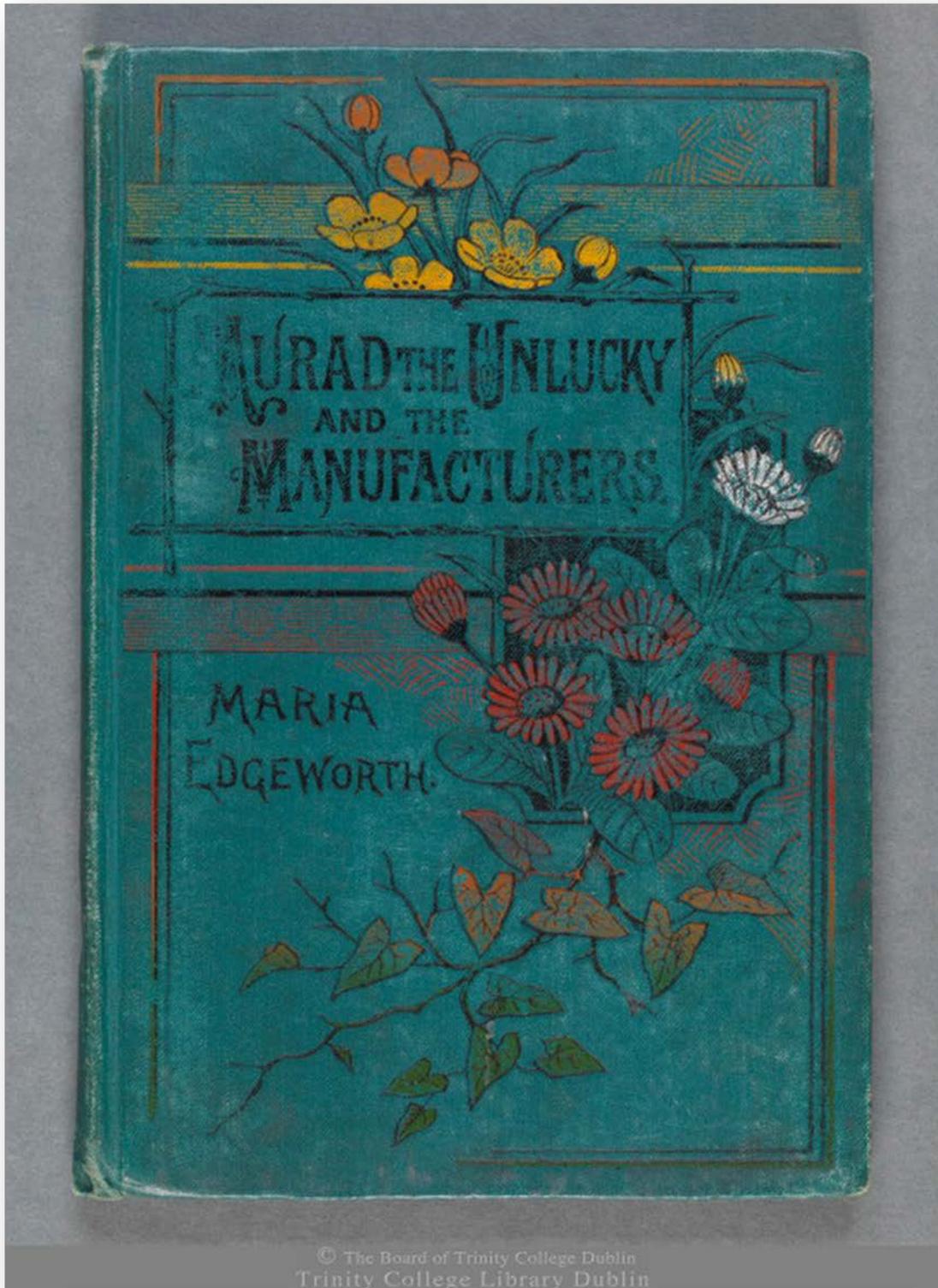
Anexo 5

COPYRIGHTS TO MARIA AND R. L. EDGEWORTH	
	£ s.d.
<i>Parent's Assistant</i>	120 0 0
<i>Practical Education</i>	300 0 0
<i>Letters for Literary Ladies</i>	40 0 0
<i>Castle Rackrent</i>	100 0 0
<i>Moral Tales</i>	200 0 0
<i>Early Lessons</i>	50 0 0
<i>Belinda</i>	300 0 0
<i>Bulls</i>	100 0 0
<i>Explanation of Poetry</i>	40 0 0
<i>Letter to Lord Charlemont</i> ¹	3 12 0
<i>Griselda</i>	100 0 0
<i>Popular Tales</i>	300 0 0
<i>Leonora</i>	200 0 0
<i>Fashionable Tales, 1st part</i>	900 0 0
<i>Professional Education</i>	300 0 0
<i>Fashionable Tales, 2nd part</i>	1050 0 0
<i>Johnson's account paid and presents of books, etc</i>	78 16 10
<i>Patronage</i>	2100 0 0
<i>Early Lessons, continuation</i>	210 0 0
<i>Comic Dramas</i>	300 0 0
<i>Harrington and Ormond</i>	1150 0 0
<i>*Memoirs</i>	750 0 0
<i>*Rosamond. Sequel</i>	420 0 0
<i>*Frank. Sequel</i>	400 0 0
<i>*Little Plays</i>	100 0 0
<i>*Harry and Lucy, continued</i>	400 0 0
<i>*Helen</i>	1100 0 0
	£11,062 8 10

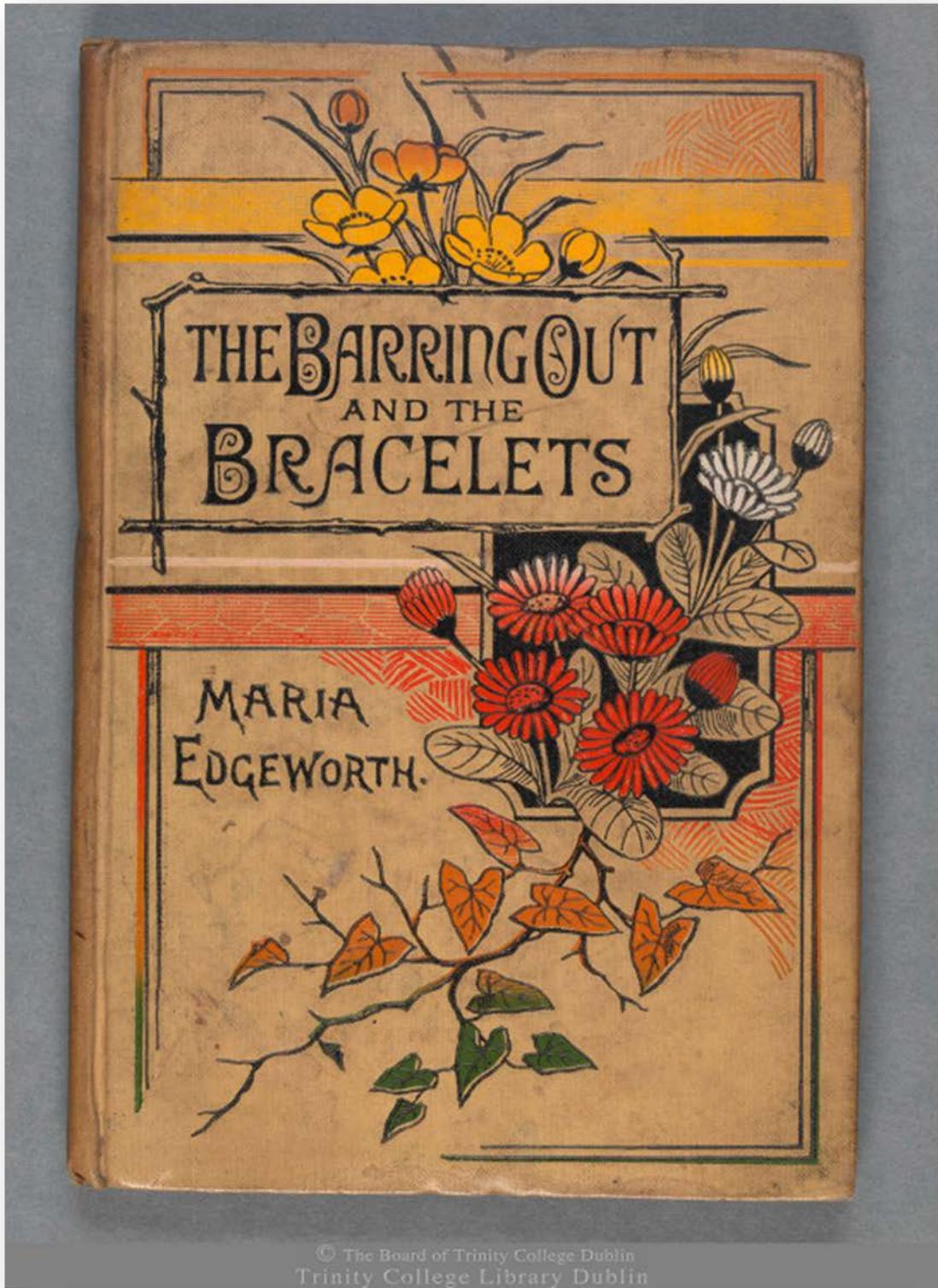
Tabela 1



Capa de *Limerick Gloves and the Will*.

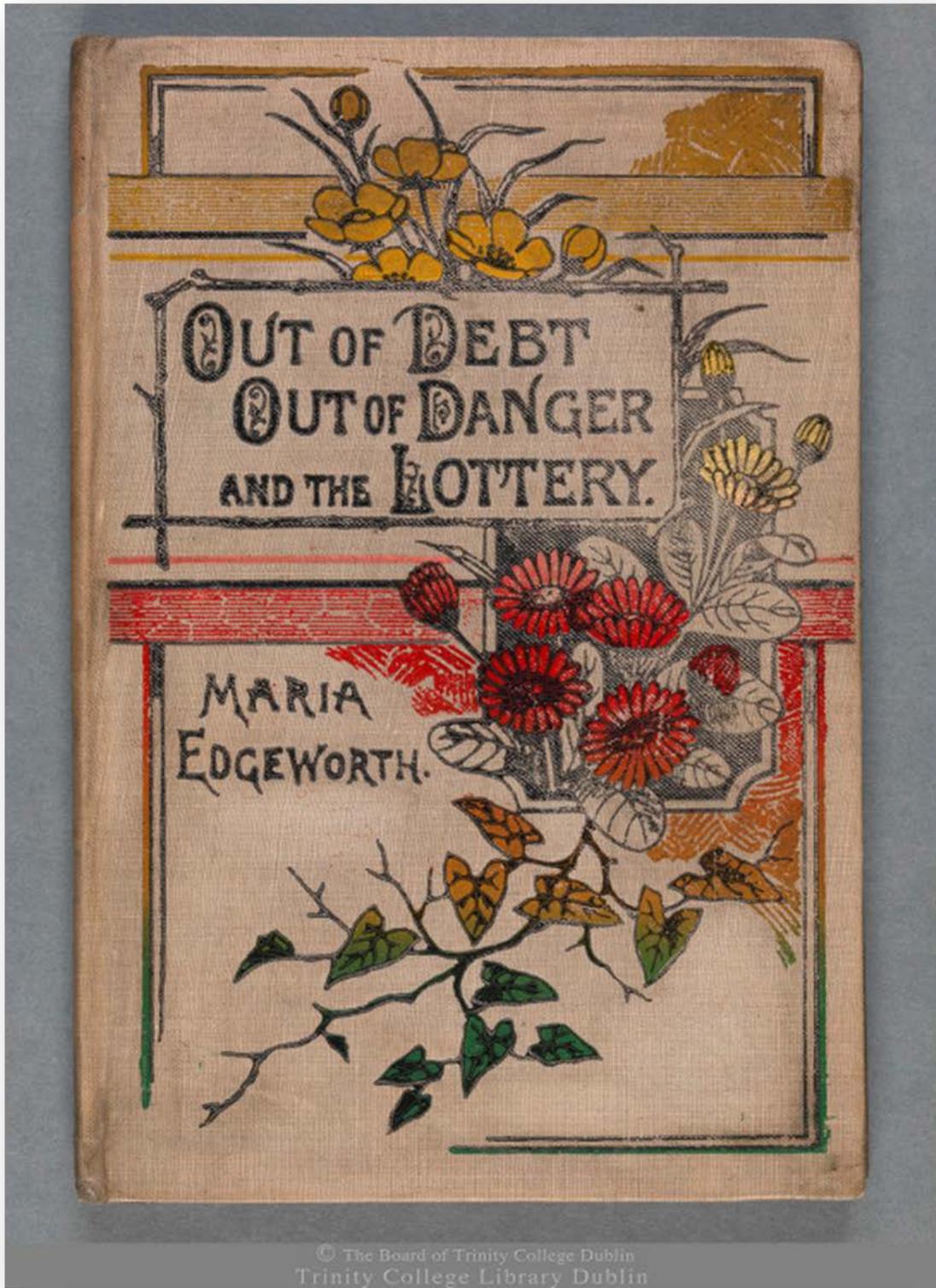


Capa de *Murad the Unlucky and the Manufacturers*.



© The Board of Trinity College Dublin
Trinity College Library Dublin

Capa de *Barring Out and The Bracelets*



Capa de *Out of Debt Out of Danger and The Lottery*

Anexo 7

1795	<i>Letters for Literary Ladies</i>
1796	<i>The Parent's Assistant or Stories for Children</i>
1798	<i>Practical Education</i> (2 Vols.) em colaboração com o pai
1800	<i>Castle Rackent</i>
1801	<i>Early Lessons</i>
1801	<i>Belinda</i>
1802	<i>Essays on Irish Bulls</i> (em colaboração com o pai)
1804	<i>Popular Tales</i>
1804	<i>The Modern Griselda</i>
1805	<i>Moral Tales for Young People</i> (6 Vols)
1806	<i>Leonore</i>
1809	<i>Tales of Fashionable Life</i>
1809	<i>Ennui</i>
1812	<i>The Absentee</i>
1814	<i>Patronage</i>
1816	<i>Readings on Poetry</i> (em colaboração com o pai)
1817	<i>Comic Dramas</i>
1817	<i>Harrington</i>
1817	<i>Ormond</i>
1820	<i>Memoirs of Richard Lovell Edgeworth</i>
1821	<i>Rosamond. A Sequel</i>
1822	<i>Early Lessons</i>
1823	<i>Popular Tales</i> (Vol III)
1823	<i>Frank, Sequel</i>
1825	<i>Harry and Lucy</i>
1828	<i>Little Plays</i>
1834	<i>Helen</i>
1848	<i>Orlandino</i>

Peças de Teatro	
1817	<i>Comic Dramas in Three Acts</i>
1818	<i>The Orange Woman and The Organ Grinder</i>
1827	<i>Little Plays for Children</i>
1848	<i>Orlandino</i>

Tabela 2

Obras de Maria Edgeworth

Anexo 8

1603	<i>Vida e Fábulas do Insigne Fabulador Grego</i> , traduzidas por Manuel Lyra. Versão em prosa, edição de Évora- Portugal	Portugal
1658	Comenius publica, em Nuremberga, <i>Orbis Sensualium Pictus</i> , com texto em alemão e latim.	Alemanha
1697	Locke, <i>Some Thoughts on Education</i>	Inglaterra
1697	C.Perrault, <i>Contes de Ma Mère</i>	França
1698	Fénelon, <i>As Aventuras de Telémaco</i>	França
1719	De Foe, <i>Robinson Crusoe</i>	Inglaterra
1740	Pellerin, <i>Images de Épinal</i>	França
1744	Os primeiros Chap-Books	Inglaterra
1744	John Newbury edita <i>Little Pretty Pocket Book</i> , aquele que é considerado um dos primeiros livros infantis	Inglaterra
1745	John Newbury cria a primeira livraria editora especializada em obras para crianças	Inglaterra
1746	Luis Antonio Verney publica <i>O Verdadeiro Método de Estudar</i>	Portugal
1750	Tomás Iriarte escreve <i>Fábulas Literárias</i> para as crianças das escolas, por encomenda oficial.	Espanha
1751	John Newbury publica o primeiro jornal para crianças em Inglaterra, <i>The Liliputian Magazine</i> .	Inglaterra
1757	Mme de Beaumont, <i>Le Magazin des Enfants</i> .	França
1765	<i>Aventuras de Telemaco, filho de Ulysses</i> , Traduzido do Original Francez na lingua Portugueza.	Portugal
1774	<i>Publicação de Tesouro de Meninas</i> - Mme de Beaumont	Portugal
1778	<i>O Livro dos Meninos</i> , J.Rosado Villas e Vasconcellos	Portugal
1785	<i>Vida e Aventuras Admiráveis de Robinson Crusoe</i> / trad. Henrique Leitão de Sousa Mascarenhas	Portugal
1793	<i>Contos Filosóficos</i> , de F.L. Leal	Portugal
1794	<i>O Engenhoso Fidalgo Dom Quichote de la Mancha</i> / Miguel de Cervantes Saavedra	Portugal

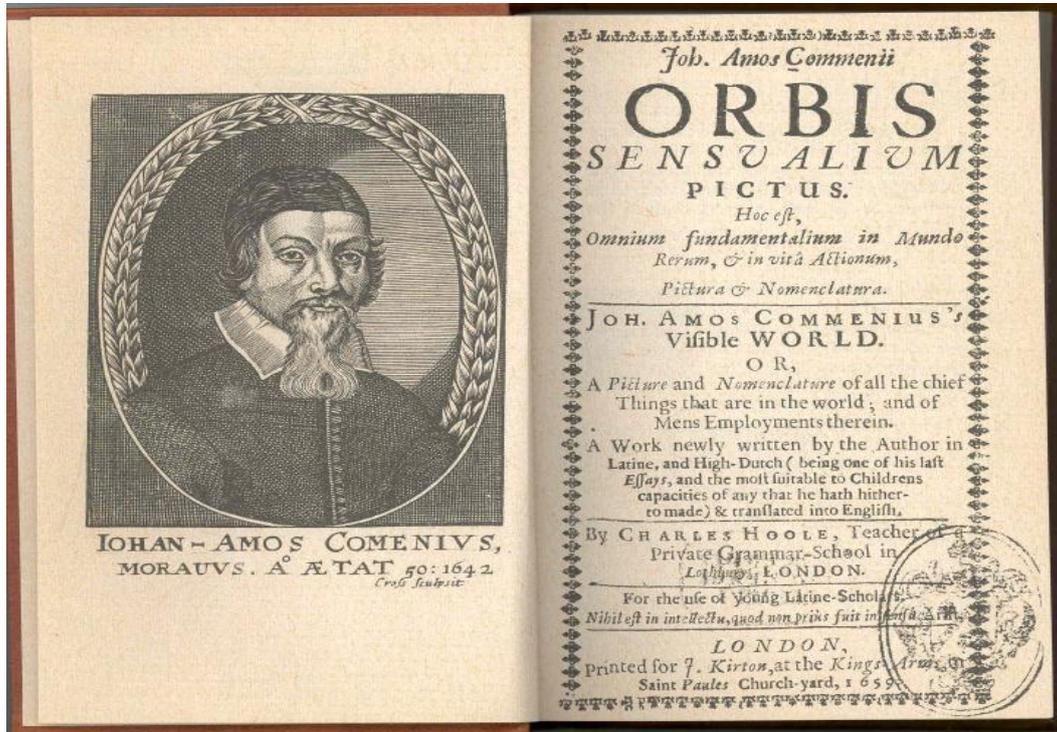
1794	<i>History of Harry Spencer; compiled for the amusement of good children; and the instruction of such as wish to become good, e Philanthropos, pseud. De James Delap.</i> ¹	Irlanda
1798	<i>Jornal Gaceta de los niños</i>	Espanha
1803	Roque Ferreira Lobo, <i>Lições de um pai a uma filha na sua primeira idade</i> (resumo da história sagrada em quadras octossílabas)	Portugal
1806	Os irmãos Grimm começam a reunir contos tradicionais	Alemanha
1814	Publicação de algumas fábulas de La Fontaine	Portugal
1820	Publicação de fábulas de La Fontaine, na versão de Curvo Semedo	Portugal
1820	Irmãos Grimm - <i>Kinder und Ausmarchen</i>	Alemanha
1832	<i>Les Journal des Enfants</i> . Formam-se sociedades para a publicação de livros populares.	França
1835	H.C.Andersen- <i>Contos</i>	Dinamarca
1843	Charles Dickens, <i>A Christmas Carol</i>	Inglaterra
1848	Projecto de Carnot sobre a instrução primária gratuita e obrigatória	França
1850	Método Castilho(Lei de Costa Cabral), Escolas Móveis, textos de Antero de Quental, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão sobre a criança e o ensino; António Moniz Barreto Corte Real, <i>Bibliotecazinha da Infância</i> , traduzida da obra do escritor suíço Salomon Gessner(1730-1788)	Portugal
1850	Oliveira Martins propõe proibição do trabalho infantil antes da idade legal	Portugal
1850	<i>As Mil e uma Noites : Contos Arabes / Vertidos no Idioma Francez por Galland e Traduzidos Livrementemente da Língua Portuguesa</i>	Portugal
1862	Julio Verne - <i>Cinq semaines en ballon</i>	França
1864	Lewis Carrol- <i>Alice in Wonderland</i>	Inglaterra
1864	Hetzel publica o jornal para crianças <i>Magazin d'Education et de Recreation</i>	França
1870	<i>As viagens de Gulliver a Varios Paizes Remotos / Jonathan Swift</i>	Portugal
1875	<i>Jornal da Infância</i>	Portugal
1876	<i>Contos de Fadas e Lobisomens e 10 Contos de Perrault</i>	Portugal
1876	Guerra Junqueiro, <i>Tragedia Infantil e Contos para a Infância</i>	Portugal
1881	Johana Spyri, <i>Heidi</i>	Suíça
1881	2ªEdição de Guerra Junqueiro, <i>Tragedia Infantil e Contos para a Infância</i>	Portugal

¹ Considerado o primeiro romance para crianças em língua inglesa.

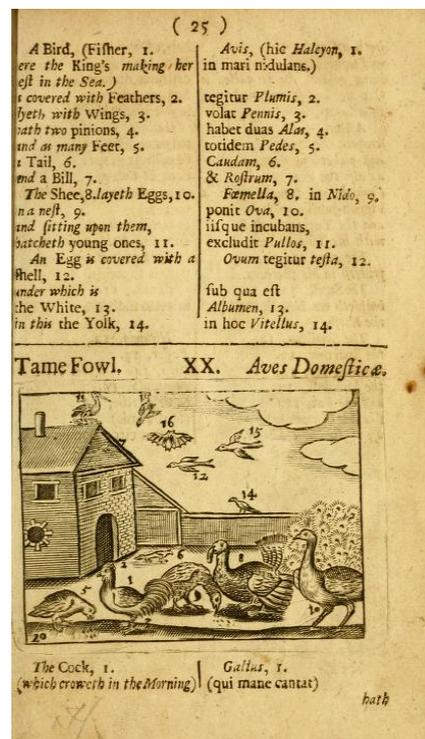
1882	Maria Amélia Vaz de Carvalho, <i>Contos para os nossos filhos</i>	Portugal
1882	Adolfo Coelho, <i>Contos Nacionais para crianças</i>	Portugal
1883	Collodi cria a figura de Pinóquio	Itália
1891	Edmondo de Amicis, <i>Cuore</i> , livro escolar de leitura, com ensinamentos e valores morais, traduzido a primeira vez para português em 1891	Portugal

Tabela 3

Datas relevantes para a literatura infantil e sua tradução, em Portugal e na Europa.



Imagens retiradas da edição Inglesa de *Orbis Sensualium Pictus* 1705





Instruction with Delight.

A LITTLE PRETTY
POCKET-BOOK,
INTENDED FOR THE
INSTRUCTION and AMUSEMENT
OF
LITTLE MASTER TOMMY,
AND
PRETTY MISS POLLY.

With Two LETTERS from
JACK the GIANT-KILLER;

AS ALSO
A BALL and PINCUSHION;
The Use of which will infallibly make TOMMY
a good Boy, and POLLY a good Girl.

To which is added,
A LITTLE SONG-BOOK,
BEING

A NEW ATTEMPT to teach CHILDREN
the Use of the English Alphabet, by Way
of Diversion.

THE FIRST WORCESTER EDITION.

PRINTED at WORCESTER, Massachusetts,
By ISAIAH THOMAS,
And sold, Wholesale and Retail, at his Book-
Store. MDCCLXXXVII,

372.4
L777



Instruction with Delight.

A LITTLE PRETTY
POCKET-BOOK,
INTENDED FOR THE
INSTRUCTION AND AMUSEMENT
OF
LITTLE MASTER TOMMY,
AND
PRETTY MISS POLLY.

With Two LETTERS from
JACK the GIANT-KILLER;

AS ALSO
A BALL and PINCUSHION;
The Use of which will infallibly make TOMMY
a good Boy, and POLLY a good Girl.

To which is added,
A LITTLE SONG-BOOK,
BEING

A NEW ATTEMPT to teach CHILDREN
the Use of the English Alphabet, by Way
of Diversion.

THE FIRST WORCESTER EDITION.

PRINTED at WORCESTER, Massachusetts,
By ISAIAH THOMAS,
And sold, Wholesale and Retail, at his Book-
Store. MDCCLXXXVII,

372.4
L777

Anexo 11

<i>Prémios Nacionais</i>				
Prémio Nacional de Ilustração	Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas	Ilustração de livros de recepção infantil e juvenil	1996	Portugal
Prémio Branquinho da Fonseca de Literatura para a Infância e Juventude	Fundação Calouste Gulbenkian Jornal Expresso	Obras de literatura para a infância e obras de literatura para a juventude.	2001	Portugal
Prémio Literário Maria Rosa Colaço	Câmara Municipal de Almada	Literatura infantil e outra na categoria de literatura juvenil	2006	Portugal
<i>Prémios Internacionais</i>				
Hans Christian Andersen Award	IBBY-The International Board on Books for Young People	Prémio de Literatura e Ilustração Infantil	1956	Suíça
ALMA: Astrid Lindgren Memorial Award		Prémio de Literatura Infantil, Juvenil e de Promoção da Leitura	2003	Suécia
Bolonha Ragazzi Award	Feira do Livro Infantil de Bolonha	Atribuído a editoras, presentes no certame da Feira	1963	Itália

The CILIP Carnegie Children's Book Awards	Institute of Library and Information Professionals	Edição infantil- Para livros escritos em Inglês	1936	Reino Unido
Kate Greenaway Children's Book Awards	Institute of Library and Information Professionals	Edição Infantil - Ilustração	1955	Reino Unido
Prémio Ibero-Americano SM de Literatura Infantil e Juvenil		Instituições de países da Ibéria ou da América Latina. que desenvolvam a sua actividade na área do livro infantil e juvenil,	2005	México
Newbery Medal	Association for Library Service to Children	Autor/ escritor de livros infantis	1921	EUA
Caldecott Medal	Association for Library Service to Children	Melhor livro ilustrado	1921	EUA
Premio Nacional de Literatura Infantil y Juvenil	Ministerio de Cultura.			Espanha
Young Reader's Choice Award	Pacific Northwest Library Association	Promoção da leitura	1940	EUA
Esther Glen Award	Library and Information Association of New Zealand	Prémio Autor e Editor Literatura Infanto-Juvenil	1945	Nova Zelândia

Australian Children's Book of the Year Award	Children's Book Council of Australia	Prémio Livro autor australiano ou residente na Austrália	1946	Austrália
Phoenix Award	Children's Literature Association	Premio atribuído livro publicado em inglês	1985	EUA
CLA Book of the Year for Children	Canadian Library Association	Autor do melhor livro infanto-juvenil, publicado no Canadá.	1947	Canadá
Prémio Internacional Compostela para Álbuns Ilustrados	Kalandra Editora	Escritores e Ilustradores	2007	Espanha
Prémios Literários do Salão do Livro e da Imprensa para a Juventude de Montreuil (Paris)		Prémios para livros infanto-juvenis		França
The German Children's Literature Award	Federal Ministry	4 categorias -picture book, children's book, young adult book and non-fiction. Premeia ainda Ilustrador e tradutor	1956	Alemanha
Marsh Award for Children's Literature in Translation	National Centre for Research in Children's Literature Roehampton University	Melhor tradução para inglês e promover a movimentação de literatura infanto-juvenil entre culturas , valorizar o tradutor	1996	Reino Unido
Mildred L. Batchelder Award	Association for Library Service to Children	Livros traduzidos para inglês e publicados nos Estados Unidos	1968	EUA

Tabela 4 Prémios Literários

Anexo 12

Transcrição da entrevista gravada a 20 de Setembro de 2013

Paula Frade — Começo por agradecer o facto de aceitar o meu convite para responder a algumas questões no âmbito da temática da tradução e adaptação de literatura infanto-juvenil, partilhando a sua experiência, de mais de trinta anos.

Gostaria de iniciar por lhe perguntar qual a sua opinião sobre a adaptação de obras literárias?

Alice V. — Sou muito crítica em relação às adaptações quando, por exemplo, me pedem para fazer uma adaptação de *A Ilha do Tesouro*, digo sempre que não, porque ou se espera que as crianças tenham idade e maturidade suficientes para lerem *A Ilha do Tesouro* ou não faz sentido. No fundo a adaptação trata de reescrever as obras, num formato mais curto. Eu faço reescrita, digamos, de contos tradicionais, mas isso é diferente porque se tratam de contos muito pequenos e onde não fujo a nada, está lá tudo o que o autor disse, contado de outra maneira mas está lá tudo. Por exemplo, uma vez pediram-me que adaptasse *As Viagens de Gulliver*, uma obra enorme, o que é que eu ia deixar de fora? O que é que eu ia pôr? Como é que era? Portanto, esse trabalho apareceria como *As Viagens de Gulliver*, adaptado por fulano, com intuito meramente comercial e dessas adaptações tenho sempre muito receio. Também se pode chamar adaptação àquela tradução que não é propriamente literal e aí concordo, porque pode contribuir para pôr em evidência a qualidade do texto mais do que a qualidade do tradutor. Deve-se fazer realçar, sobretudo, a qualidade do texto, mais do que a qualidade do tradutor, porque em primeiro lugar deve estar a qualidade do texto. As traduções muito literais, na maior parte das vezes, são muito más, porque as coisas ficam fora de contexto, porque o que as coisas são numa língua não são noutra e aí entra um pouco um trabalho de adaptação. Não vejo muitas vantagens na adaptação completa de uma obra, por exemplo, umas das coisas em que eu não vejo muitas vantagens são as adaptações para crianças de obras para adultos como é o caso de *O Crime do Padre Amaro*. Não sei o que é que *O Crime do Padre Amaro* possa interessar a uma criança ou então tiram a história toda e escrevem outra coisa, não é? Tenho sempre muita, muita

relutância nas adaptações e também há aquele perigo que é “vamos adaptar isto de maneira a que as crianças percebam” e tiram toda a carga poética, tiram toda a carga literária do texto e aquilo fica em duas ou três linhas com palavras de todos os dias, as palavras que as crianças conhecem. Os contos Disney são exemplo disso, pegamos num conto enorme e em três linhas escreve-se. Normalmente, enfraquece muito o texto e eu acho que o texto tem de ser lido e obviamente que estou a falar de textos que valem a pena, textos literários, os outros textos não me interessam, os textos literários são um todo, valem pela linguagem que o autor escolheu, valem por aquilo que ele conta, se mexermos muito nisso, é complicado, acho eu, portanto estou sempre um pouco de pé atrás em relação as adaptações, porque também me parece que nem sempre fazem sentido. Qual é a necessidade de uma criança ler textos que não foram feitos para crianças? Não me parece que haja grande necessidade, é melhor esperar que possam ler os textos do que dar-lhes textos empobrecidos, que é muito mau. Até, porque mesmo que uma criança não conheça todas as palavras, e é evidente que não conhece, essa riqueza desperta-lhes a curiosidade, fá-las gostar das palavras, dos sons das palavras, mesmo que não saibam o que elas significam e se vamos cortar tudo isso, retiramos-lhes esse direito à criatividade, e ao sonho, seja o que for e damos-lhes só o banal.

P.F. — Podemos concluir que para si a adaptação nunca é a saída para fazer chegar a obra ao jovem leitor. Na sua opinião a obra deve chegar ao leitor na idade para a qual foi escrita.

Alice Vieira — Acho que não há vantagem nenhuma de uma obra chegar cedo demais a um leitor, ou porque não a percebe ou se a fazem de forma a que ele perceba a obra fica pobre. Claro que pode haver adaptações de grandes obras tão bem feitas que venham a deixar a vontade de um dia a ir ler quando for adulto. Há adaptações de *Quixote*, por exemplo, que é uma obra enorme, há uma ou outra que não está mal feita e que poderá abrir o apetite ao jovem leitor para um dia ler o original, mas apesar de tudo eu tenho sempre muito receio das adaptações.

P.F.— O editor já lhe tem indicado, ou sugerido se é possível fazer a adaptação de uma determinada obra?

Alice Vieira — Já. Pediram-me uma vez, como já disse, *As Viagens de Gulliver*, creio que foi a Texto, não, acho que foi a Teorema, há imenso tempo, ainda não era com estes editores que estão agora, e eu disse logo que não, que não fazia. O que eu depois fiz, mas isso não tem nada a ver, foi uma tradução de um texto, aí está, pequeno, de uma

adaptação em espanhol, de *D. Quixote*. As adaptações que tenho feito, como lhe digo, de contos tradicionais, são *Os Contos de Grimm*.

P.F. — Portanto reescritos por si?

Alice V. — Eu pego naqueles contos e não lhes mudo nada, mas são reescritos por mim, digamos que em vez de fazer uma tradução faço uma reescrita, porém não falta nada, nada fica desvirtuado. Houve uma altura, há uns anos, nos anos oitenta por aí, em que havia muito aquela tendência de reescrever os contos tradicionais mudando-lhes os sinais, ou porque eram racistas ou porque eram machistas, isso foi logo a seguir à Revolução, andava tudo muito excitado, não se podia falar de pretos, era tudo muito mau e lembro-me de ficar possessa porque eu não concordava e dizia, vamos reescrever o texto mas não mudo nada, o texto é assim, fica assim, mas havia muitas adaptações onde o lobo não comia a avó do capuchinho, por exemplo (risos).

P.F. — Prevalencia o politicamente correcto, mesmo que para isso fosse preciso alterar o texto?

Alice V. — Era o politicamente correcto em todo o seu esplendor e isso horrorizava-me um bocado, porque era muito mau, mas passou, passou. As histórias tradicionais, como toda a gente sabe são sempre muito violentas, eram feitas para todos os públicos, sobretudo para adultos, do meu ponto de vista são histórias extraordinárias e nada prejudiciais às crianças e por isso não lhes mudo nada. Às vezes, quando me pedem, neste caso a Oficina do Livro, que é para quem eu trabalho neste projecto de reescrever determinadas histórias do Andersen, dos irmãos Grimm, ou também como quando foram as histórias da Bíblia, tenho sempre imensa dificuldade em escolher histórias não demasiado violentas, quer dizer, com os Grimm já sabemos que são histórias muito violentas, já para não falar da Bíblia.

P. F. — Porque lhe dão a liberdade de escolher, as histórias de um determinado autor?

Alice V. — Completamente, eu é que escolho as histórias que quero fazer.

P.F. — Sugerem apenas o autor?

Alice V. — Exactamente, dizem-me, agora por acaso podiam ser os Grimm e eu pego nos contos, que são imensos e escolho, por vezes, aquelas que me agradam mais e, sobretudo, aquelas que eu posso escrever, mais ao menos, como o autor escreveu, sem necessidade de tirar isto, tirar aquilo, porque faço questão de não tirar nada e as vezes é complicado, então nas histórias da Bíblia é muito complicado. Aquelas seis que escolhi foram tiradas com muito cuidado, mas aí está, também, a gente escreve o que a história

é, um pouco à nossa maneira, mas como se estivéssemos a contá-la, eu retiro muito da forma oral, faço muitas repetições, como se fosse um contador de histórias que pegasse naquela história e que a contasse, mas não tiro nada.

P.F. — E a faixa etária é-lhe indicada pelo editor?

Alice V. — A faixa etária nunca me é indicada pelo editor, eu digo sempre que os meus livros não são para crianças muito pequeninas porque as histórias e a linguagem não são para crianças muito pequenas. Para as crianças muito pequenas eu acho que é melhor usar as rimas, lengalengas, histórias curtas. A partir do momento em que elas já conseguem ler, ouvir com alguma atenção, mesmo que ainda não leiam muito bem, já se pode tentar, se gostam, gostam, senão gostam dá-se outro livro. Portanto as minhas histórias nunca são para bebés, de infantário, oriento-me sempre para crianças a partir do quarto ano, como é o caso dos contos tradicionais, porque já têm uma certa maturidade, embora o meu público, normalmente, seja a partir do 5º, 6º e 7º ano, mas para as histórias tradicionais já aceito o quarto ano, mas menos que isso acho que não, ou então tem de se fazer mais o género de histórias contadas e contar uma história não é o mesmo que ler e há contadores de histórias extraordinários. Sou eu que escolho, quer dizer sobretudo nesta colecção, é assim, eu dou as histórias e eles publicam. Houve uma altura, não sei se ainda há editoras que fazem isso, em que as edições traziam na contracapa a faixa etária a que se destinavam. Penso que deixaram de o fazer porque o objectivo é vender e se as pessoas viam que era para a faixa dos 6 aos 8, por exemplo, e o filho tinha 9 já não compravam, penso que foi por isso que deixou de aparecer. Lembro-me que uma vez fiquei espantadíssima, trabalhava nessa altura no Círculo de Leitores, por isso já foi há muitos anos. Recebíamos os livros que vêm da Alemanha, como acho que ainda recebem, e depois escolhia-se o que era para ser editado cá, ou não, e pela primeira vez vi um livro que na contracapa tinha a informação da faixa etária para bebés até aos seis meses, nunca tinha visto uma coisa daquelas.

P.F. — Como era o livro? À base de sons?

Alice V. — Evidentemente era um livro para ser lido à criança e era feito à medida daquilo que a criança poderia perceber ou poderia gostar de ouvir, como sons para lhes despertar a atenção, claro que na nossa edição não se pôs essa indicação. Se se pusesse na edição portuguesa “Até aos seis meses”, ninguém comprava (risos). Mas eu acho que não conseguimos estabelecer muito bem essas fronteiras, porque todas as crianças são diferentes e eu conheço crianças que têm 10, 11 anos e não leem uma linha e conheço

crianças com 7 ou 8 anos e fartam-se de ler, na verdade é andar um bocadinho a tatear, é a única coisa que podemos fazer. À partida não escrevo para miúdos muito pequenos mas a partir daí é para quem quiser, por exemplo, já fui a escolas de miúdos mais crescidos e que tinham trabalhado textos que eu julgava que eram para mais pequenos. Não devemos é facilitar, e é esse o perigo das adaptações, propositadamente, quer dizer, pôr a linguagem ao nível da criança.

P.F. — Essa era uma questão fundamental que eu tinha para lhe colocar. Acha que se deve simplificar o texto e o vocabulário, indo na direcção da criança de forma a que esta não encontre muitas dificuldades, ou pelo contrário, o livro deve ser um desafio que leve a criança mais além?

Alice V. — Digamos, descer ao nível da linguagem da criança não pode ser, a criança tem é de ser subir um bocadinho.

P.F. — Essa é uma afirmação que faço na minha dissertação.

Alice V. — Claro, o contrário é redutor. Por exemplo, a criança quando nasce só bebe leite e se não vamos introduzindo novos alimentos à medida que vai crescendo, é muito mau, a criança não se adapta a novos alimentos, nem o estômago nem os órgãos vão funcionar como deveriam e, portanto, com o desenvolvimento intelectual é a mesma coisa, se nós não lhes vamos dando sempre um bocadinho mais, não se desenvolverão. Todos os miúdos adoram as lengalengas e a poesia tradicional, a maior parte deles não sabe o significado daquelas palavras, não é? Portanto é aquilo que as rimas lhe vão dando e que eles vão cantando, mesmo que não se saibam o que quer dizer. Vou muito pelos sons das palavras, era muito pequenina e lia tudo o que encontrava nas casas todas por onde andei, felizmente, em todas havia muitos livros, às vezes muitos maus, (risos) e lembro-me de ser muito pequena e ler um livro do Erico Veríssimo, que se chamava *As aventuras de Tibicuera* e que eu tenho ainda. Era a história do Brasil contada pelo Tibicuera, que era um índio que estava na praia quando chegaram as caravelas de Pedro Álvares Cabral. Era um livro para crianças mas não para crianças tão pequenas como eu, e escrito para crianças brasileiras. Nunca me esqueci da primeira frase com que começava, onde o índio estava a contar a sua história e que começava por dizer “eu nasci na taba da tribo tupinambá”, eu não sabia o que era taba, nem tribo, nem tupinambá, e sabia aquilo de cor. Fartava-me de dizer aquilo, punha-me diante de um espelho, dizia aquilo uma série de vezes e quando dizia tupinambá caía para o chão, porque achava que devia cair (risos). Não sei como não fui para o teatro (risos). Eu era,

realmente, muito pequena e só muito mais tarde aprendi o que era taba e tupinamba, o som daquelas palavras estimulava-me a imaginação. Nessa altura ainda não havia novelas, era tudo muito estranho em termos do significado mas não deixaram de me encantar. Por exemplo, eu ouvia e lia as histórias tradicionais portuguesas e havia uma palavra que eu adorava e que achava que era linda e que não fazia a mínima ideia de que significava mas que aparecia em muitas histórias. Nas histórias passadas nas aldeias a determinada altura aparecia um bufarinheiro, e eu repetia aquela palavra, “um bufarinheiro”, e quando eu percebi que era um vendedor ambulante deixou de ter graça, porque era o som das palavras que nos levava a imaginar qual seria o seu significado, Pensávamos encantados pelo som, “O que será um bufarinheiro? Deve ser uma coisa extraordinária.”

P.F. — Se tem sido utilizada uma palavra mais simples para que a criança entendesse facilmente não teria tido o mesmo efeito em si.

Alice V. — É óbvio que não, temos de ajudar as crianças a irem um pouco mais longe e não trazer os textos ao encontro das crianças, é óbvio que não vamos dar-lhes os *Lusíadas* mas de qualquer maneira não podemos deixá-las sempre a mastigar as palavras da língua útil que elas conhecem e nisso eu sou irredutível. Não desço ao nível de linguagem que a criança tem naquela altura porque isso não serve, também não vamos fazer o mais difícil de propósito. Temos, contudo, de fazer um texto que diga mais alguma coisa do que aquilo que a criança sabe, para que ela cresça com aquela leitura.

P.F. — Quais os principais constrangimentos com que se debate para levar a cabo a adaptação ou reescrita de uma obra? Já abordámos um pouco este tema.

Alice V. — É, sobretudo, a linguagem, depois há sempre uma questão complicada que é a questão do espaço. Normalmente, as editoras não querem livros muito grandes e portanto temos de contar a história com o número de caracteres que nos dão, com as páginas que nos dão e às vezes custa um bocadinho. Porque são histórias muito compridas e que se metem umas dentro das outras, nas histórias da *Bíblia*, por exemplo, há muitas que começam de uma maneira e depois pelo meio contam outra e depois ainda vem outra. Mas eu até percebo, porque a criança não aguenta livros muito grandes, para mim o tamanho é sempre o mais complicado, porque depois acabamos por cortar, cortar, mas sempre com a dúvida sobre o que se há-de cortar. É a parte mais literária, é a outra? O tamanho que o livro deve ter é o meu maior constrangimento.

P.F. — E quanto aos títulos, como é que chega ao título? É-lhe sugerido logo a partida quando o editor lhe pede essa reescrita?

Alice V. — Como eu faço, eu pessoalmente, faço reescrita de histórias tradicionais, tenho de manter o nome da história para que possam ser reconhecidas, as histórias dos Grimm, as histórias do Perrault, mesmo as histórias da *Bíblia*. Agora, de vez em quando, é difícil, por exemplo, nos anos oitenta pediram-me que escrevesse e, aí pode dizer-se que era quase uma história original, a partir de seis lendas chinesas em Macau, foi na altura em que Macau ainda estava na transição, portanto ainda não tinha passado para a China. Um amigo meu que era editor lá, e ainda é, tinha pena que aquelas lendas se perdessem. Então eu fui a Macau, li umas coisas, vi outras coisas, falei com várias pessoas. Porque aí davam-me duas ou três linhas e tinha de partir daquelas linhas e fazer uma história, que obviamente, tivesse a ver com a cultura chinesa. Outra coisa que para mim foi complicadíssima foram os nomes chineses. Eu não podia chamar aos protagonistas e aos personagens, António, Maria, Isabel, e eu não sei chinês. Não sei quantas histórias chinesas li, quantas colecções de contos tradicionais chineses li, depois foi tirar nomes chineses daqui e dacolá. Ah! Esses seis contos chamam-se *Histórias e Lendas de Macau*. Começaram por ser seis livros pequeninos, cada um com uma história e isso foi publicado em Macau, no Instituto Português. Depois quando passou para cá, para a Caminho, ainda não havia Leya nessa altura, juntaram tudo e fizeram *Contos e Lendas de Macau* e eu costumo dizer, e é, que esse livro é a prova da globalização da literatura, porque são histórias chinesas, escritas por mim, que sou portuguesa, ilustradas pelo Alan Corbell, que é francês, que quando as ilustrou estava em Cabo Verde e o livro teve um prémio da Fundação do Livro do Brasil, acho que isto diz tudo. Aí é que entra a questão dos títulos, esforcei-me muito para criar títulos porque acho que os títulos têm de ser sugestivos. Houve um que me deu muito trabalho, não conseguia sair daquele impasse, sobre que nome ia dar aquela história. Era uma história muito bonita e acabei por lhe dar um título que me pareceu muito bonito. A história passava-se num templo que ainda existe em Macau, no alto de um monte, e eu chamei-lhe *Onde a Deusa Dorme* e eles responderam-me que estava tudo perfeito, que não havia nenhum problema com os nomes mas que gostariam que eu alterasse aquele título pois na cultura chinesa os deuses nunca dormem. Claro que alterei logo o título e agora chama-se *O Templo da Promessa*, o que já não tem tanta graça, mas teve de ser para não criar atritos mas sim respeitar a cultura chinesa. Quando lhes enviei tudo pronto

disse-lhes que não sabia se os nomes dos personagens existiam, ou se estava a chamar um nome a alguém, portanto alertei para o facto de que se houvesse necessidade podiam alterar os nomes.

P.F. — Essa é outra questão relevante na tradução, as diferenças culturais, o que é aceitável numa cultura pode não ser noutra e o tradutor tem de estar muito atento e contornar com cuidado e sensibilidade.

Alice V. — Sobretudo em culturas muito opostas como é a cultura chinesa, são muito rigorosos no que diz respeito aos deuses. Para mim é sempre muito difícil arranjar um título, é muito complicado, ando à roda da história para ver que título é que hei-de pôr e nesses seis a dificuldade ainda foi maior. Nos restantes contos dessa colectânea cada um guarda o seu próprio título. Mas como digo é raro ter de fazer títulos novos para essas reescritas porque cada história já tem um título e portanto eu não vou mudar o título pelo qual é conhecida a história.

P.F. — Portanto, os títulos das histórias não lhe são impostos.

Alice V. — Não, não, a decisão é minha.

P.F. — A questão que agora coloco já foi, de alguma forma, abordada, lá atrás. A tradução, ou não, dos nomes próprios, das toponímias, etc., fica também ao seu critério?

Alice V. — Eu não gosto de traduzir os nomes próprios, mas é evidente que se houver correspondente no português é lógico que se traduza, como no caso, de Anne, traduzimos para Ana, mas não tenho tido grandes problemas, porque normalmente nas histórias tradicionais os personagens não têm nomes, lá aparecerá uma princesa Aurora, mas que tem sempre correspondência e que é um nome que fica sempre bem numa história ou conto. Há um conto do Perrault, creio eu, que é o Henrique da Poupa, que eu não mudo nada, traduzo mas com a correspondência do nome porque ele é conhecido. Nas *Histórias da Bíblia* tenho o *Livro de Ester*, que se mantém, ou *Daniel*. Não podemos esquecer que estamos a contar histórias que já veem numa adaptação portuguesa. De forma geral, se houver o nome correspondente e seja, digamos popular, ou dos locais mais conhecidos, opto sempre pelo correspondente em português, mas nunca me foi levantada essa questão, posso decidir o que fazer. Portanto, mantenho o original quando não há o correspondente em português.

P.F. — Quanto a figuras de estilo, como por exemplo as onomatopeias, as aliteraões? Tenta manter e trazer o que está na obra de partida?

Alice V. — Tento trazer da obra para a minha reescrita, muitas vezes até aumento, faço muitas repetições, tenho cuidado com o número de vezes da repetição, se são 3 vezes, quatro vezes, tenho muita atenção porque como já disse gosto de dar a essa reescrita o tom de história tradicional contada. Os contadores de histórias têm muito isso das repetições e é muito por aí que eu vou, as aliterações também, recorro a tudo, tudo o que possa dar mais força ao texto.

P.F. — E quanto aos tempos verbais? Há algum que evite ou há algum que lhe pareça que deve usar na escrita para o seu jovem leitor?

Alice V. — Tenho muita a mania e corrijo-me imenso, consequência da minha parte germânica que vem ao de cima, de usar o gerúndio e não devo. De vez em quando, lá tenho de voltar atrás e tirar o gerúndio mas penso que tenho feito progressos. Tirando esse tempo verbal que em português não é muito aceitável abusar-se do seu uso, não há outro que me aborreça ou aflija muito.

P.F. — Mas não é uma questão de faixa etária, é mais uma questão do uso da língua?

Alice V. — Não, não. Aquilo que digo para os livros desta faixa etária também digo para a escrita para adultos. Esta questão com o gerúndio é um hábito que me vem dos meus estudos da língua alemã, que tem aqueles gerúndios todos e que eu acho que é uma pena o português não usar.

P.F. — Pensa que por ser uma autora consagrada...

Alice V. — Muito obrigada.

P.F. — ... tem uma autonomia maior do que outro profissional desta área? Para tomar decisões, fazer opções? Quero dizer, se for um tradutor que não seja um autor, consagrado, está mais limitado?

Alice V. — Vamos pôr o consagrado nas duas coisas, não é? Há tradutores consagrados, há tradutores extraordinários.

P.F. — Mas, geralmente, são também autores.

Alice V. — Nem sempre. Conheço tradutores que são muito bons profissionais e muito bons tradutores e não são autores. Acho que se a editora tem confiança no tradutor, também aceita as suas indicações e sugestões.

P.F. — Acha que o estatuto do tradutor tem vindo a alterar-se?

Alice V. — Não, aí é que eu acho que o estatuto do tradutor só tem uma certa importância se o tradutor é autor, aí é diferente. Temos exemplos como Vasco Graça Moura, autores que são grandes autores e também são grandes tradutores, como reúnem

as duas coisas tem um estatuto elevado porque de resto penso que nem a profissão em si, nem em termos económicos é valorizada. Se alguém diz que é tradutor, não é muito valorizado. Acho que os tradutores não são vistos nem valorizados em Portugal como em certos países.

P.F.— Como em certos países onde o nome do tradutor surge na capa.

Alice V. — Exactamente, aqui para se saber quem é o tradutor, temos de procurar e surge sempre em letras muito pequenas. Claro que alguns tradutores não merecem muito mais do que isso, há tradutores muito maus. Mas isso também compete ao editor, ter alguém que faça trabalho de edição e verifique a qualidade da tradução. Mas mesmo no caso dos bons tradutores é muito difícil encontrar o nome do tradutor.

P. F. — No caso das adaptações aparece muitas vezes o nome de quem fez a adaptação, mesmo não sendo um autor consagrado aparece na capa, Adaptação de ...

Alice V. —Aí acho bem porque é uma marca de responsabilidade.

P.F. — E não de estatuto?

Alice V. — E não de estatuto, não, não.

P.F. — Essa era a minha questão, se no caso da adaptação o estatuto é mais elevado.

Alice V. — Repare a não ser que seja um autor consagrado.

P.F. — Mas aí, também, é o aspecto comercial.

Alice V.— (risos) Aquela tradução que eu fiz de *Dom Quixote* para as crianças, uma coisa que se chama *O meu primeiro Dom Quixote* e que, Paula, foi uma tradução feita numa tarde, porque é pequeníssima, o meu nome aparece maior do que *Dom Quixote* (risos).

P.F. — É mais uma questão comercial?

Alice V. — É evidente, está no Plano Nacional de Leitura, é referido em várias situações, aí é outra coisa. Quando aparece um autor conhecido, seja por uma adaptação ou por uma tradução, o nome surge em evidência mas também há tradutores que são muito conhecidos. Há muita gente que diz que determinado fulano ganhou o Nobel devido ao seu tradutor, inglês ou francês, ou outro qualquer. Se nós pegarmos na tradução francesa da *Selva*, de Ferreira de Castro, constatamos que é uma obra de arte. Não quer dizer que ele não escrevesse bem mas o que é facto é que a tradução francesa deu-lhe uma força que o original não tinha, se por um lado há traduções que são uma desgraça e arrasam qualquer texto há outras que pela sua qualidade, lhes dão uma força que o texto em si não tinha. Quem fez a tradução francesa da *Selva* foi um grande poeta

francês que era o Blaise Cendrars, e que, obviamente, pegou naquilo e fez uma coisa extraordinária. Assim como se corre o risco da tradução diminuir uma obra, também há a possibilidade da tradução enriquecer ou engrandecer uma obra, mas aí normalmente não se fala. Tem de haver arte, quer seja um tradutor profissional ou um autor, tem de pôr arte quer na tradução propriamente dita, quer na escrita.

P.F.— Portanto a tradução ganha com a experiência que o autor tem da escrita?

Alice V. — Sim, mas também ganha com o amor que o tradutor tem à língua, digamos, se realmente ele conhece bem a língua, mas também gosta da língua, se é alguém que lê muito. Há tradutores extraordinários.

P.F.— E a Alice acompanha as traduções das suas obras para as outras línguas? Como é que é esse processo?

Alice V. — É muito mau.

P.F. — Claro que à partida há línguas que não pode acompanhar.

Alice V. — Mesmo nas línguas que posso acompanhar não acompanho. Quando o livro me vem parar às mãos já vem editado e eu olho e leio e às vezes não corre muito bem. Só houve um, *A Viagem a Roda do Meu Nome*, em que eu conhecia bem a tradutora porque era filha de uma amiga minha e que nós falamos duas ou três vezes por coisas muito específicas que ela queria saber o que eram. Porque a história passa-se em Aveiro e ela queria saber, por exemplo, o que era um moliceiro, o que era o sargaço.

P.F.— Essa tradução era para que língua?

Alice V. — Para francês e aí ainda houve comunicação entre mim e o tradutor. A primeira vez que, bem a primeira vez não sei, porque a primeira tradução de um dos meus livros foi para checo e não faço a mínima ideia de como ficou. Dei a ler a um amigo que sabia checo e que me disse que estava um pouco lamechas. É a única tradução onde me traduziram o nome também, ali chamo-me Alice Vieira (risos). Com as traduções espanholas tenho aprendido imenso porque há palavras completamente diferentes, por exemplo a alcofa dos bebés em espanhol é um Moisés, acho lindo e percebe-se bem qual a origem do nome, e depois há as variações entre as diferentes línguas de Espanha que eu acho muito engraçado. Quando traduziram a *Úrsula Maior*, a uma determinada altura surge uma frase recorrente, que se diz muito, e que é quando a amiga dá uma palmada nas costas dela e diz “Úrsula és a maior”, os galegos tudo bem, “Úrsula es a maior”, em castelhano ficou o equivalente a “Úrsula como tu cresceste” (risos). O que me aborreceu muito foi a primeira edição alemã.

Quando recebi a edição alemã achei muito engraçado, eu até conhecia a tradutora e pus lá para um lado qualquer, mas um dia fui ler e fiquei muito chateada, primeiro desapareceu um capítulo inteiro e depois pior que isso, havia um capítulo que tinha sido alterado com uma enorme explicação que quanto muito deveria estar em nota de rodapé.

P.F. — Qual era o livro que deu origem a essa tradução?

Alice V. — Era *Rosa a Minha Irmã Rosa*. Havia um capítulo em que a Mariana dizia “que bom eu hoje não tenho escola, é o 25 de abril, vou ao parque com a minha mãe”, etc. É evidente, que os meninos na Alemanha não sabem o que é o 25 de Abril, o que é que eles deveriam fazer, uma notinha em rodapé a explicar mas não. No próprio texto, a menina diz “que bom hoje é o 25 de Abril não tenho aulas” e surge de seguida uma página de texto a explicar o que é o 25 de Abril, o que fica perfeitamente ridículo, a criança que está a brincar, de repente, dá uma lição sobre o que é o 25 de Abril (risos). Imagine o que é colocar na boca da criancinha uma explicação, tão longa, a outras crianças. Fiquei muito aborrecida, liguei para a editora, protestei, disseram-me que eu tinha razão, que não devia ter sido feito assim, e que para a próxima vez não o fariam. O que é mau é que quase todas as outras edições como a flamenga, a holandesa e várias outras regeram-se pela tradução alemã.

P.F. — Traduziram via alemão?

Alice V. — Sim, quando chegou a tradução para flamengo fui logo ver esse capítulo e quando encontrei uma vírgula a seguir já sei que vem aí toda a explicação que acrescentaram ao texto. Nesse caso zanguei-me a sério, porque a minha tradutora para o alemão domina muito bem o português, é a Irene Condors perguntar a alice como se escreve conheço-a muito bem e disse-lhe que não devia ter optado por aquela solução, que podia ter falado comigo e evitar aquela asneira.

P.F. — E quanto ao capítulo que cortaram, qual lhe parece ter sido a justificação? Quereriam diminuir o tamanho do livro ou segundo a perspectiva deles, aquela parte não era relevante para a história?

Alice V. — Acharam que não era relevante para a história, pode ler-se a história sem esse capítulo, mas o que me chateou mais foi a questão do 25 de Abril. Não faço ideia, por exemplo, como está a tradução para chinês e também tenho muito receio. O livro que está traduzido para chinês é *Os olhos da Ana Marta*, e eles enviaram-me um exemplar como têm de enviar e eu fiquei muito preocupada, porque é uma história que se passa nos dias de hoje. Está ilustrado, o que na versão original não está, porque é

para meninas mais crescidas. Na ilustração as meninas têm vestidos a arrastar, lacinhos na cabeça, jogam o arco, o que me leva a crer que o livro que eles leram não foi o que eu escrevi (risos). A tradução para sérvio parece-me bem feita, as pessoas têm-me dito que está boa. Fui lá as escolas e por aquilo que os miúdos falavam comigo, através de um intérprete, pareceu-me que leram uma tradução muito perto daquilo que eu escrevi. Foi muito engraçado porque a preocupação deles era porquê que a menina era muito desarrumada, deixava o quarto de qualquer maneira, o que contrasta com a cultura deles onde tudo deve estar muito organizado e onde os meninos devem ser muito educados quando se dirigem ao pai ou a mãe. Para onde sou mais traduzida é obviamente para espanhol e francês. A minha editora francesa, a Traduz muito bem, já são 5 ou seis livros para francês e estão todas elas muito bem feitas, mas também nunca me mandam nada para eu ver antes, eles levam o texto traduzem, publicam e mais nada, depois logo se vê. Mas até aqui não tenho tido muita razão de queixa, até no *Casamento de Minha Mãe* que é um livro difícil de traduzir o resultado foi bom. Claro que cada vez que me entregam uma tradução numa língua que eu conheça vou logo ver como está. As que eu não conheço fico sempre na dúvida, por exemplo, na coreana nem o meu nome percebo. Quando cheguei à Leya o meu patrão, o João Amaral, disse-me, “já cá temos um exemplar da tradução coreana, queres ver?” Olhámos para aquilo e a única coisa que pude identificar foi um ponto de interrogação, que está na capa, nem o nome da editora, nem o meu, nada. Na tradução russa aparece na segunda página o meu nome e o nome do livro na língua original.

P.F.— Muito obrigada Alice, pela sua disponibilidade para partilhar e enriquecer este trabalho com a sua experiência como autora, como autora traduzida, como tradutora e de adaptação de variadíssimas obras para português.

Alice V.— Não tem de quê Paula, foi um prazer.

Anexo 13

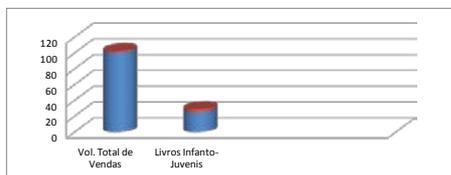


Gráfico 2

Percentagem da venda de obras infanto-juvenis sobre o total de vendas.

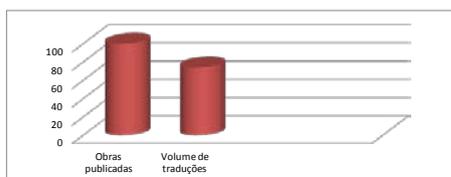
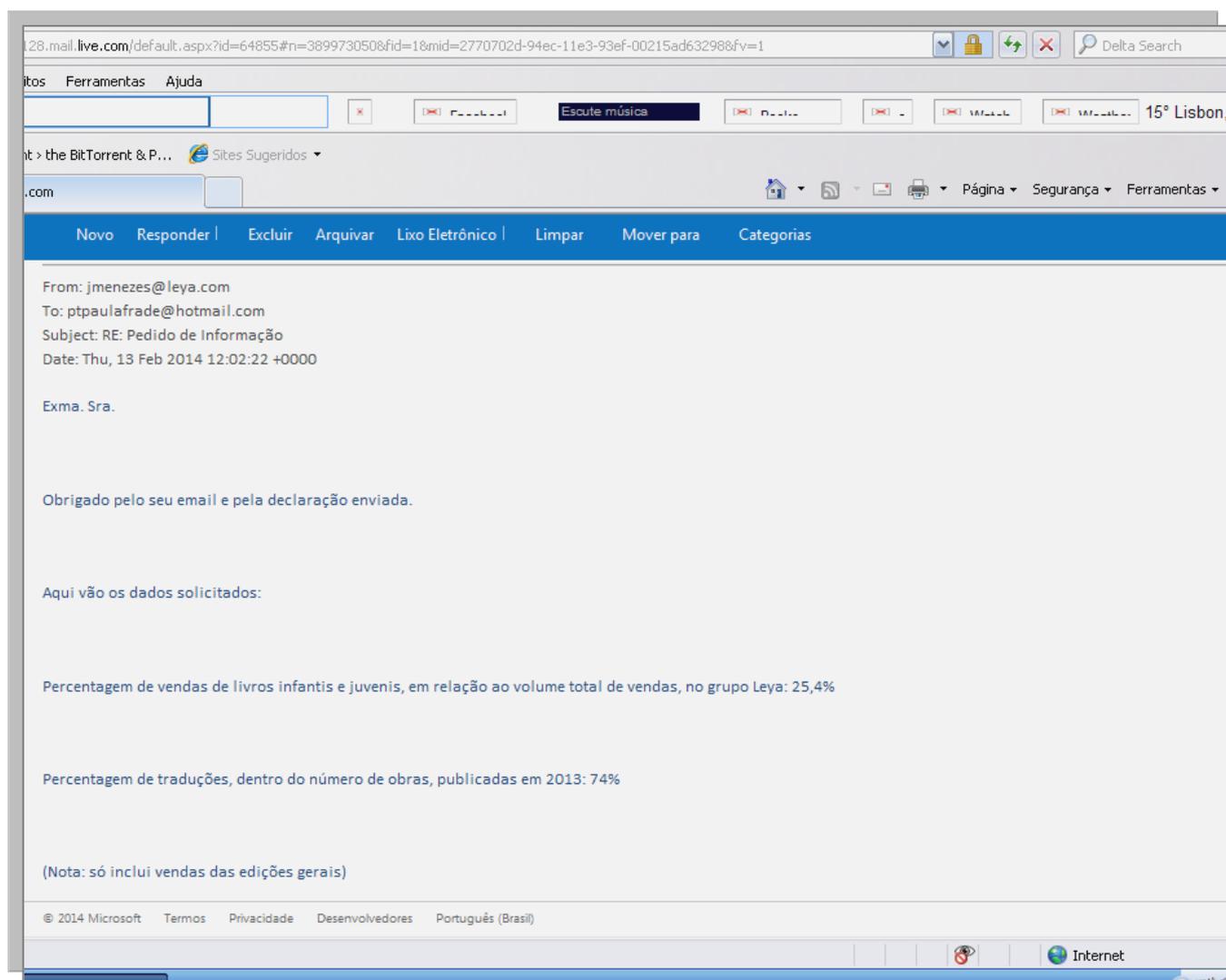


Gráfico 3

Percentagem de traduções sobre o total das obras publicadas.

Anexo 14



Email enviado pela Leya com os dados requisitados.